

**23º Plano de Ação Evangelizadora
2013-2016**

Arquidiocese de Maringá

**“IDE PELO MUNDO INTEIRO E PREGAI O
EVANGELHO A TODA CRIATURA”**

(Mc 16,15)

Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil CNBB - 2011-2015:

“Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo”.

Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja Arquidiocese de Maringá - 2013-2016:

“Formar comunidades de discípulos/as de Jesus Cristo que, animados/as pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, se tornem missionários/as a serviço da vida”.

Prioridades e Projetos do 23º Plano de Ação Evangelizadora

1ª PRIORIDADE - Organização das Paróquias em redes de CEBs e outras pequenas comunidades.

- 1º Projeto:** Fortalecimento dos Grupos de Reflexão a partir do esquema da Iniciação à Vida Cristã, que contemple a leitura orante da Bíblia e a missão.
- 2º Projeto:** Criar o COMIPA (Conselho Missionário Paroquial) a partir dos membros escolhidos pelas CEBs e Movimentos.
- 3º Projeto:** Criar a Escola de Formação Bíblico-Teológica por módulos em todas as paróquias.
- 4º Projeto:** Implantar o modelo da Iniciação à Vida Cristã na Catequese com crianças e adolescentes.

2ª PRIORIDADE - Família

- 1º Projeto:** Implantação da Pastoral Familiar com os 3 setores em todas as paróquias.
- 2º Projeto:** Acompanhamento dos casais recém-casados por até 5 anos.
- 3º Projeto:** Acolhida das famílias que se incluem nos casos especiais. [

3ª PRIORIDADE - Juventude

- 1º Projeto:** Pós-Crisma.
- 2º Projeto:** Realização de Missões Jovens no mês de outubro em todas as paróquias.
- 3º Projeto:** Nucleação de novos grupos de jovens nas paróquias.
- 4º Projeto:** Evangelização nas Universidades e Escolas (Pastoral Universitária e da Educação).

4ª PRIORIDADE: Promoção da Vida

- 1º Projeto:** Implantação e implementação da Pastoral da Saúde em todas as paróquias.
- 2º Projeto:** Integração, em nível arquidiocesano, das Pastorais, Movimentos e Organismos que trabalham diretamente na Dimensão Social da Fé (“setor da dimensão social”) através da ARAS-Cáritas.
- 3º Projeto:** Projeto ambiental sobre o material reciclável.
- 4º Projeto:** Projeto de Prevenção e Combate às Drogas, que contemple o acompanhamento das famílias, o apoio financeiro às casas de recuperação ligadas à Igreja Católica e a criação de um organismo que se responsabilize por essa área, inclusive ocupando a vaga da Igreja no Conselho Municipal Anti-Drogas.
- 5º Projeto:** Implantação e implementação da Pastoral da Pessoa Idosa em todas as paróquias.
- 6º Projeto:** Proibição de bebidas alcoólicas nas festas e eventos da Igreja.
- 7º Projeto:** Partilha de bens entre as paróquias, a fim de ajudar as paróquias com dificuldades.

Sumário

APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO.....	17
PARTE I – VER.....	21
1. CENSO RELIGIOSO 2010 - IBGE	21
1.1 -Municípios da Arquidiocese de Maringá.....	21
- Atalaia	21
- Bom Sucesso	22
- Cruzeiro do Sul.....	23
- Doutor Camargo.....	23
- Florai	24
- Floresta.....	25
- Inajá	25
- Itambé.....	26
- Ivatuba.....	27
- Jandaia do Sul.....	27
- Jardim Olinda	28
- Kaloré	28
- Mandaguaçu	29
- Mandaguari.....	30
- Marialva	31
- Maringá	32
- Marumbi.....	33
- Nova Esperança.....	34
- Ourizona	34

- Paçandu	35
- Paranacity	36
- Paranapoema	37
- Presidente Castelo Branco.....	37
- São Jorge do Ivaí	38
- São Pedro do Ivaí	38
- Sarandi.....	39
- Uniflor	40
1.2-Arquidiocese de Maringá.....	41
1- Total de todos os Municípios	41
2- Habitantes por Município.....	43
3- Católicos por Município.....	43
4- Evangélicos por Município	44
5- Sem Religião por Município	45
6- Comparativos da Arquidiocese com o Paraná e o Brasil.....	46
2. SÍNTESE PARA A ASSEMBLEIA ARQUIDIOCESANA 2012	47
2.1 - Síntese Referente Às Prioridades e Projetos	47
2.1.1- 1ª Prioridade: Família – Implantação do Setor Família ou Pastoral Familiar em todas as Paróquias	47
2.1.2- 2ª Prioridade: Organização das Paróquias em Redes de CEBs e outras Pequenas Comunidades	58
2.1.3- 3ª Prioridade: Promoção da Vida e Ação Social	67
2.1.4- 4ª Prioridade: Juventude.....	77
2.2 – Síntese Referente às Novas Diretrizes 2011-2015	89
PARTE II – JULGAR	97
1. DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL - CNBB – 2011-2015.....	97
1.1- Introdução	97
1.2- Partir de Jesus Cristo.....	98

1.3- Marcas do Nosso Tempo.....	100
1.4- 1ª Urgência - Igreja em Permanente Estado de Missão	101
1.5- 2ª Urgência - Igreja: Casa da Iniciação à Vida Cristã.....	103
1.6- 3ª Urgência - Igreja: Lugar de Animação Bíblica da Vida e da Pastoral.....	104
1.7- 4ª Urgência - Igreja: Comunidade de Comunidades.....	106
1.8- 5ª Urgência - Igreja a Serviço da Vida Plena para todos	107
1.9- Conclusão - Compromisso de Unidade na Missão	109
III PARTE – AGIR.....	111
1. OBJETIVO GERAL DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL:	111
2. OBJETIVO GERAL DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ:.....	111
3. PRIORIDADES E PROJETOS.....	111
3.1- 1ª PRIORIDADE: ORGANIZAÇÃO DAS PARÓQUIAS EM REDES DE CEBS E OUTRAS PEQUENAS COMUNIDADES	111
3.1.1- Projeto 01: Fortalecimento dos grupos de reflexão através da implantação de um processo de formação de discípulos missionários de Jesus Cristo, que contempla a iniciação cristã de adultos e a leitura orante da Bíblia.....	112
3.1.2- Projeto 02: Implantação do Conselho Missionário Paroquial (comipa) em todas as paróquias a partir de membros escolhidos pelas CEBS e movimentos	115
3.1.3- Projeto 03: Criação de uma Escola bíblico-teológica por módulos em cada paróquia	118
3.1.4- Projeto 04: Implantação da catequese de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal com crianças e adolescentes	122

3.2- 2ª PRIORIDADE: FAMÍLIA..... 127

- 3.2.1- Projeto 01 - Implantação do Setor Família ou Pastoral
Familiar em todas as paróquias 127
- 3.2.2- Projeto 2: Acompanhamento de casais recém-casados 129
- 3.2.3- Projeto 3: Acolhida das pessoas que vivem em situação de
casos especiais 130

3.3- 3ª PRIORIDADE: JUVENTUDE..... 132

- 3.3.1- Projeto 01 - Pós-crisma – grupos de vivência 132
- 3.3.2- Projeto 02 – Nucleação de novos grupos de jovens 135
- 3.3.3- Projeto 03 – Realização de missões jovens em outubro em
todas as paróquias 137
- 3.3.4- Projeto 04: Evangelização nas escolas e universidades
(através da pastoral da educação e universitária) 140

**3.4- 4ª PRIORIDADE: PROMOÇÃO DA VIDA E
AÇÃO SOCIAL..... 142**

- 3.4.1- Projeto 1: Implantação e implementação da Pastoral da
Saúde em todas as paróquias 143
- 3.4.2- Projeto 02 - Integração, em nível arquidiocesano, das
pastorais, movimentos e organismos que trabalham
diretamente na dimensão social da fé (“setor da dimensão
social”) através da ARAS-Cáritas. 144
- 3.4.3- Projeto 03 -Projeto ambiental sobre o material reciclável. 146
- 3.4.4- Projeto 04 - Projeto de prevenção e combate às drogas,
que contemple o acompanhamento das famílias, o apoio
financeiro às casas de recuperação ligadas à Igreja

Católica e a criação de um organismo que se responsabilize por essa área, inclusive ocupando a vaga da igreja no Conselho Municipal Anti-drogas.	148
3.4.5- Projeto 05 - Implantação e implementação da Pastoral da Pessoa Idosa em todas as paróquias.	150
3.4.6- Projeto 06 – Proibição de bebidas alcoólicas nas festas e eventos da Igreja.	153
3.4.7- Projeto 07 - Projeto de partilha de bens entre as paróquias, a fim de ajudar as paróquias com dificuldades.	155
CONCLUSÃO.....	157

Apresentação

Depois de quatro anos, o 22º Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá passou por um processo de avaliação e atualização para estar em sintonia com os últimos documentos da Igreja, especialmente as Novas Diretrizes da CNBB para 2011-2015.

Foi significativa a participação de tantos leigos e leigas, dos presbíteros, diáconos e também religiosos (as) que se debruçaram com a mente e o coração nesta perspectiva de olhar as grandes metas da evangelização.

O olhar de nossa avaliação foi na direção dos grandes desafios do ser cristão e da proclamação da Boa Nova, como por exemplo: a descristianização, o indiferentismo religioso, o relativismo da fé, o clericalismo na Igreja, o pluralismo religioso, a necessidade de comunidades vivas e dinâmicas etc.

Sentimos a necessidade cada vez maior de uma experiência de fé mais profunda, do conhecimento apaixonante de Jesus Cristo, da sede da Palavra de Deus, lida e orada, a necessidade de um caminho de iniciação cristã na fé e a busca de formação bíblico-teológica.

Também sentimos a necessidade de uma mística que nos garanta o entusiasmo de evangelizar. Não fomos chamados só para fazer coisas, mas para ser um sinal daquilo que acreditamos. O mundo precisa de testemunhas mais do que de mestres. O terreno para o plantio está sedento de uma abundante e copiosa chuva, e há uma semente que quer brotar e produzir abundantes frutos.

O 23º Plano de Evangelização vem na direção de criar um relacionamento novo entre nós, através da prioridade de uma paróquia renovada, entendida como comunidade de comunidades, CEBs e pequenos grupos de reflexão e ação; comunidades que sejam semelhantes às primeiras comunidades cristãs, que se caracterizavam pela hospitalidade, partilha, comunhão de mesa e acolhida dos excluídos. Essas são quatro colunas que devem sustentar a vida comunitária a fim de dizer: “O Reino de Deus chegou” (Lc 10,1-12). O Reino de Deus implica uma nova maneira de viver e conviver em comunidade. Ninguém quer ser mais um

anônimo na massa. Fazer parte de relacionamentos pessoais e verdadeiros se faz cada vez mais necessário.

O Documento de Aparecida afirma que as paróquias “são células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fieis tem uma experiência concreta de Cristo e comunhão eclesial. São chamadas a ser casa e escola de comunhão” (DAP 170).

“Entretanto, constata-se a necessidade de uma urgente renovação e reformulação de suas estruturas para que sejam rede de comunidades e grupos, capazes de propiciar a seus membros uma real experiência de comunhão com Cristo” (DGAE 100).

Neste caminho, o discipulado se torna real e comprometido. O Reino deixa de ser um conceito e passa a ser uma experiência. O Documento preparatório da Assembleia dos bispos, no nº 70 afirma: “A comunidade paroquial, não pode ser uma superestrutura formal e vazia, mas um todo orgânico que envolve os diversos aspectos da vida. Uma Igreja sólida como instituição, mas onde todos se sintam em casa”.

A Igreja não foi constituída para viver de si mesma, nem para si mesma. Ela se volta para Aquele que a formou para receber dele, continuamente, pela força do Espírito Santo, a luz necessária que a alimenta e a conduz na missão. O Espírito Santo ilumina a Igreja para que, modelada pela Palavra, possa viver a novidade de Deus a serviço da transformação do mundo. “Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que não favorecem a transmissão da fé” (DAP 365).

Neste caminho de vida comunitária, temos no coração um amor especial pela juventude como prioridade, mas principalmente, como protagonista de um mundo novo. Acreditamos que é através do Setor Juventude que todas as iniciativas de evangelização se unem para que na comunhão e participação, seja realizado um trabalho em conjunto, com alguns objetivos comuns, sempre voltados para a evangelização. Tenho a esperança que um Setor Juventude bem articulado será também uma importante força de reivindicação de políticas públicas para a juventude.

A Família continua como prioridade despertando em todas as nossas

comunidades a necessidade da Pastoral das famílias e com as famílias. Somente um trabalho de promoção e defesa da vida desde o ventre materno até a morte natural vai fazer de nossas famílias verdadeiras células de uma sociedade justa e fraterna. Diante da crise da vida familiar se faz necessário que cada comunidade paroquial crie espaços onde as pessoas se realizem afetivamente na fé e cresçam no relacionamento verdadeiro.

A revitalização das famílias começa com a revitalização da comunidade, estabelecendo relações interpessoais que vençam o anonimato e a solidão.

No atual plano, mantemos também a prioridade da ação social, compromisso de fé em obras na defesa da dignidade humana, na realização dos direitos e deveres para o exercício maduro e responsável da cidadania. O Documento de Aparecida nos recorda: “Cada paróquia deve chegar a concretizar em sinais solidários seu compromisso social nos diversos meios em que se move, com toda a imaginação da caridade. Não pode ficar alheia aos grandes sofrimentos que a maioria de nossa gente vive e que com muita freqüência são pobreza escondidas” (DAp 176).

Agradeço a participação de todos os Leigos e Leigas, Presbíteros e Diáconos, religiosos e religiosas, e todas as comunidades neste processo de revisão, avaliação e aprovação do nosso Plano que agora temos em mãos para os próximos quatro anos. Agradeço de coração ao Pe. Sidney Fabril, pelos 5 anos e meio de coordenação da Ação Evangelizadora, tempo de muito trabalho e dedicação para que o Plano não ficasse só no papel. Deus recompense a todos.

Ninguém está isento deste compromisso. Ninguém pode dizer que estamos sem rumo, que não sabemos aonde chegar. O que devemos perguntar sempre é se estamos fazendo a nossa parte, correspondendo a esta Igreja que nos chama para estar sempre a serviço da vida.

Que o Espírito Santo nos impulsione cada vez mais na realização deste 23º Plano de Ação Evangelizadora, que para nós é o caminho de comunhão e unidade na concretização do Reino de Deus em nossa arquidiocese.

Nossa Senhora da Glória, padroeira deste povo, intercedei por nós, junto a seu Filho Jesus, hoje e sempre!

Dom Anuar Battisti
Arcebispo de Maringá

Introdução

Nossa Arquidiocese de Maringá tem procurado, nestes tempos de “mudança de época”, encontrar respostas para os desafios da “nova evangelização”. Nossa opção não tem sido pela facilidade ou mediocridade. Temos demonstrado o desejo de uma caminhada de pastoral orgânica e de conjunto. Prova disso foi a confecção e a busca de execução do nosso 22º Plano de Ação Evangelizadora. Não houve reunião, encontro, formação ou qualquer evento arquidiocesano em todos os níveis em que o Plano não fosse referência. As pautas arquidiocesanas, de região pastoral e das paróquias ficaram marcadas pelas prioridades e projetos do 22º Plano.

O 22º Plano teve o seu prazo vencido e foi hora de prepararmos e realizarmos novas assembleias para confeccionar um novo plano. Agora estamos apresentando o 23º Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá, para o período 2013-2016. Depois de todo um caminho de preparação percorrido em torno de 1 ano, começando pelas bases paroquiais, passando pelas regiões pastorais e chegando ao nível arquidiocesano, conseguimos elaborá-lo e esperamos que ele direcione nossa caminhada pastoral e evangelizadora. Vale lembrar que se com plano já é difícil, sem plano, não sabemos para onde estamos indo.

Este 23º Plano de Ação Evangelizadora foi elaborado a partir da seguinte concepção: continuar com as bases do plano anterior e abrir espaços para a novidade, inspirados nas Novas Diretrizes da CNBB (2011-2015), com suas 5 urgências. Percebemos que muitas coisas precisariam continuar e, então, consideramos muito do Plano anterior. As assembleias todas foram realizadas a partir do 22º Plano, desde o nível paroquial. O resultado delas foi revelando que estamos no rumo certo e devemos continuar avançando. Ao mesmo tempo, abrimos espaço para as novidades, a partir das Novas Diretrizes da CNBB, que nos mostraram nossas lacunas. O resultado está aqui.

Escolhemos adotar o **“Objetivo Geral da Ação Evangelizadora”** como está posto pela CNBB: **“Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela**

Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo”.

Como **Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja na Arquidiocese de Maringá**, escolhemos o seguinte, a partir das 5 urgências: **“Formar comunidades de discípulos/as de Jesus Cristo que, animados/as pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, se tornem missionários/as a serviço da vida”.**

Como **texto bíblico inspirador**, tomamos este: **“Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15).** Com essa escolha, revelamos nosso desejo de ser uma Igreja Missionária.

O 23º Plano segue a bela e profunda metodologia do Ver, Julgar e Agir. Na parte do Ver, recolhemos os dados do último Censo (2010) do IBGE no que se refere aos aspectos religiosos, levando em conta os números de cada um dos 27 municípios que compõem a Arquidiocese de Maringá. Ainda nessa parte, publicamos a síntese arquidiocesana completa das respostas que vieram das paróquias e das regiões pastorais sobre o andamento do Plano anterior e sobre as Novas Diretrizes da CNBB. Achamos importante a publicação completa para que as paróquias, regiões pastorais, organismos, pastorais e movimentos tenham um referencial de avaliação para ser levado em consideração na sua caminhada, uma vez que muitas respostas ali encontradas não se tornaram prioridades ou projetos, mas podem ser aplicadas mesmo assim.

Na parte do Julgar, a referência máxima usada foi o documento 94 da CNBB: “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2011-2015”. Fizemos constar neste Plano um resumo preparado para estudo e referência das assembleias paroquiais e das regiões pastorais. Levamos em consideração a necessidade de sempre “partir de Jesus Cristo” em nossa ação evangelizadora, como também de partir da nossa realidade, analisando quais são as “marcas do nosso tempo”. As 5 urgências nos indicaram a Igreja que queremos ser, ou seja, uma Igreja “em estado permanente de missão”, que seja “casa da iniciação à vida cristã”, o “lugar de animação bíblica da vida e da pastoral”, a “comunidade de comunidades” e uma “Igreja a serviço da vida plena para todos”. Entendemos as urgências todas integradas e igualmente importantes.

Na parte do Agir, escolhemos prioridades e elaboramos projetos para torná-las realidade, uma vez que sem projetos, as prioridades podem ficar apenas como belas intenções. Já a partir do Plano anterior, adotamos a metodologia de elaborar projetos bem especificados em cada prioridade. As prioridades e projetos escolhidos

citados nas páginas iniciais.

Sabemos dos desafios e da complexidade da ação evangelizadora hoje, mas acreditamos que nosso 23º Plano nos ajudará a enfrentar com coragem e a responder de modo satisfatório a essa nova situação. Que o novo Plano seja muito bem usado por todos como um rumo seguro por onde caminhar na implantação do Reino de Deus.

Parte I – Ver

Ter os olhos na realidade é fundamental para saber interpretá-la bem à luz da fé e para descobrir as ações corretas a serem aplicadas para enfrentar os seus desafios. Para este 23º Plano da Ação Evangelizadora da nossa arquidiocese, tomamos por base dois referenciais da realidade.

O 1º é o Censo Religioso 2010 do IBGE, que contempla a realidade religiosa dos 27 municípios que compõem a Arquidiocese de Maringá. O Censo Religioso 2010 nos traz os dados quantitativos das religiões e igrejas presentes na arquidiocese, como também dos que não participam de religião nenhuma.

O 2º referencial é a síntese das respostas das paróquias sobre as prioridades e projetos do 22º Plano de Ação Evangelizadora. Esta síntese representa bem a avaliação da nossa caminhada pastoral nos últimos 4 anos e nos revela o que está indo bem e o que não deu resultados, como também as sugestões de novos caminhos para a evangelização. Conservamos a avaliação com todos os pontos para servir de consulta, uma vez que muitos dados não foram transformados em prioridades e projetos, mas são muito úteis para a caminhada das paróquias, regiões pastorais, organismos, pastorais e movimentos eclesiais.

1. CENSO RELIGIOSO 2010 - IBGE

1.1 - MUNICÍPIOS DA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ

- ATALAIA: 3.913 ha

- ➡ Católicos: 3.144 - 80,34%
- ➡ Evangélicos: 584 - 14,92%
 - Evangélicos de missão: 89 - 2,27%
 - ★ Batista: 54 - 1,38%
 - ★ Presbiteriana: 18 - 0,46%
 - ★ Adventista: 16 - 0,40%

- Evangélicos pentecostais: 452 - 11,55%
 - ★ Assembléia de Deus: 343 - 8,76%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 71 - 1,81%
 - ★ Deus é Amor: 10 - 0,25%
 - ★ IURD: 4 - 0,10%
 - ★ Renovada não determinada: 2 - 0,05%
 - ★ Outras: 22 - 0,56%
- Evangélicos - não determinada: 43 - 1,09%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 46 - 1,17%
- ➡ Espíritas: 36 - 0,92%
- ➡ Budistas: 9 - 0,23%
- ➡ Outras religiosidades: 5 - 0,12%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 5 - 0,12%
- ➡ Sem religião: 84 - 2,14%

- BOM SUCESSO: 6.561 ha

- ➡ Católicos: 5.203 - 79,30%
 - Romanos: 5.200 - 79,25%
 - Ortodoxos: 3 - 0,04%
- ➡ Evangélicos: 1.038 - 15,82%
 - Evangélicos de missão: 186 - 2,83%
 - ★ Adventista: 152 - 2,31%
 - ★ Batista: 34 - 0,51%
 - Evangélicos pentecostais: 833 - 12,69%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 406 - 6,18%
 - ★ Assembléia de Deus: 243 - 3,70%
 - ★ IURD: 21 - 0,32%
 - ★ Deus é Amor: 20 - 0,30%
 - ★ Outras: 143 - 2,17%
 - Evangélicos - não determinada: 19 - 0,28%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 9 - 0,13%
- ➡ Espíritas: 22 - 0,33%
- ➡ Budistas: 4 - 0,06%
- ➡ Novas religiões orientais: 3 - 0,04%
- ➡ Outras religiosidades: 15 - 0,22%

- ➡ Múltiplo pertencimento: 15 - 0,22%
- ➡ Sem religião: 253 - 3,85%
 - ➔ Sem religião: 202 - 3,07%
 - ➔ Ateus: 37 - 0,56%
 - ➔ Agnósticos: 14 - 0,21%

- CRUZEIRO DO SUL: 4.563 ha

- ➡ Católicos: 3.409 - 74,70%
- ➡ Evangélicos: 805 - 17,64%
 - ➔ Evangélicos de missão: 204 - 4,47%
 - ★ Batista: 143 - 3,13%
 - ★ Presbiteriana: 30 - 0,65%
 - ★ Adventista: 23 - 0,50%
 - ★ Metodista: 7 - 0,15%
 - ➔ Evangélicos pentecostais: 556 - 12,18%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 197 - 4,31%
 - ★ Assembléia de Deus: 114 - 2,49%
 - ★ IURD: 43 - 0,94%
 - ➔ Brasil para Cristo: 7 - 0,15%
 - ★ Deus é Amor: 6 - 0,13%
 - ★ Outras: 188 - 4,12%
 - ➔ Evangélicos - não determinada: 45 - 0,98%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 12 - 0,26%
- ➡ Espíritas: 59 - 1,29%
- ➡ Budistas: 13 - 0,28%
- ➡ Novas religiões orientais: 35 - 0,76%
 - ➔ Messiânica: 3 - 0,06%
 - ➔ Outras: 32 - 0,70%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 3 - 0,06%
- ➡ Sem religião: 228 - 4,99%
 - ➔ Sem religião: 223 - 4,88%
 - ➔ Ateus: 5 - 0,10%

- DOUTOR CAMARGO: 5.828 ha

- ➡ Católicos: 4.758 - 81,64%
 - ➔ Romanos: 4.755 - 81,58%

- Ortodoxos: 3 - 0,05%
- ➡ Evangélicos: 912 - 15,64%
 - Evangélicos de missão: 111 - 1,90%
 - ★ Adventista: 59 - 1,01%
 - ★ Batista: 29 - 0,49%
 - ★ Presbiteriana: 22 - 0,37%
 - Evangélicos pentecostais: 672 - 11,53%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 285 - 4,89%
 - ★ Assembléia de Deus: 137 - 2,35%
 - ★ Igreja do Evangelho Quadrangular: 130 - 2,23%
 - ★ IURD: 12 - 0,20%
 - ★ Renovada - não determinada: 3 - 0,05%
 - ★ Outras: 105 - 1,80%
 - Evangélicos - não determinada: 129 - 2,21%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 11 - 0,18%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 8 - 0,13%
- ➡ Espíritas: 12 - 0,20%
- ➡ Novas religiões orientais: 3 - 0,05%
- ➡ Outras religiosidades: 6 - 0,10%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 11 - 0,18%
- ➡ Sem religião: 107 - 1,83%

- FLORAÍ: 5.050 ha

- ➡ Católicos: 4.473 - 88,57%
 - Romanos: 4.471 - 88,53%
 - Ortodoxos: 2 - 0,03%
- ➡ Evangélicos: 419 - 8,29%
 - Evangélicos de missão: 107 - 2,11%
 - ★ Adventista: 63 - 1,24%
 - ★ Batista: 39 - 0,77%
 - ★ Presbiteriana: 5 - 0,09%
 - Evangélicos pentecostais: 249 - 4,93%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 117 - 2,31%
 - ★ Assembléia de Deus: 81 - 1,60%
 - ★ Renovada - não determinada: 3 - 0,05%

★ Outras: 48 - 0,95%

→ Evangélicos - não determinada: 62 - 1,22%

- ➡ Outras religiosidades cristãs: 40 - 0,79%
- ➡ Mórmons: 2 - 0,03%
- ➡ Espíritas: 6 - 0,11%
- ➡ Budistas: 5 - 0,09%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 8 - 0,15%
- ➡ Sem religião: 98 - 1,94%

- FLORESTA: 5.931 ha

- ➡ Católicos: 4.250 - 71,65%
- ➡ Evangélicos: 1.343 - 22,64%
 - Evangélicos de missão: 323 - 5,44%
 - ★ Presbiteriana: 145 - 2,44%
 - ★ Batista: 123 - 2,07%
 - ★ Adventista: 55 - 0,92%
 - Evangélicos pentecostais: 786 - 13,25%
 - ★ Assembléia de Deus: 240 - 4,04%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 208 - 3,50%
 - ★ Deus é Amor: 129 - 2,17%
 - ★ IURD: 25 - 0,42%
 - ★ Renovada - não determinada: 4 - 0,06%
 - ★ Outras: 180 - 3,03%
 - Evangélicos - não determinada: 234 - 3,94%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 7 - 0,11%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 43 - 0,72%
- ➡ Espíritas: 19 - 0,32%
- ➡ Budistas: 29 - 0,48%
- ➡ Novas religiões orientais: 8 - 0,13%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 48 - 0,80%
- ➡ Sem religião: 184 - 3,10%

- INAJÁ: 2.988 ha

- ➡ Católicos: 2.241 - 75%
- ➡ Evangélicos: 591 - 19,77%
 - Evangélicos de missão: 42 - 1,40%

- ★ Adventista: 25 - 0,83%
- ★ Batista: 18 - 0,60%
- Evangélicos pentecostais: 420 - 14,05%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 244 - 8,16%
 - ★ Assembléia de Deus: 121 - 4,04%
 - ★ Deus é Amor: 10 - 0,33%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 3 - 0,10%
 - ★ Outras: 41 - 1,37%
- Evangélicos - não determinada: 129 - 4,31%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 12 - 0,40%
- ➡ Espíritas: 10 - 0,33%
- ➡ Sem religião: 133 - 4,45%

- ITAMBÉ: 5.979 ha

- ➡ Católicos: 4.813 - 80,49%
- ➡ Católica Brasileira: 32 - 0,53%
- ➡ Evangélicos: 810 - 13,54%
 - Evangélicos de missão: 191 - 3,19%
 - ★ Presbiteriana: 150 - 2,50%
 - ★ Adventista: 33 - 0,55%
 - ★ Luterana: 5 - 0,08%
 - ★ Metodista: 3 - 0,05%
 - Evangélicos pentecostais: 512 - 8,56%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 165 - 2,75%
 - ★ Assembléia de Deus: 106 - 1,77%
 - ★ Brasil para Cristo: 23 - 0,38%
 - ★ Deus é Amor: 21 - 0,35%
 - ★ IURD: 3 - 0,05%
 - ★ Renovada - não determinada: 30 - 0,50%
 - ★ Outras: 163 - 2,72%
 - Evangélicos - não determinada: 107 - 1,78%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 78 - 1,30%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 32 - 0,53%
- ➡ Espíritas: 21 - 0,35%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 1 - 0,01%

- ➡ Sem religião: 191 - 3,19%
 - ➔ Sem religião: 184 - 3,07%
 - ➔ Ateus: 7 - 0,11%

- IVATUBA: 3.010 ha

- ➡ Católicos: 1.836 - 60,99%
- ➡ Evangélicos: 1.094 - 36,34%
 - ➔ Evangélicos de missão: 823 - 27,34%
 - ★ Adventista: 792 - 26,31%
 - ★ Batista: 20 - 0,66%
 - ★ Presbiteriana: 8 - 0,26%
 - ★ Luterana: 3 - 0,09%
 - ➔ Evangélicos pentecostais: 188 - 6,24%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 34 - 1,12%
 - ★ Assembléia de Deus: 27 - 0,89%
 - ★ Deus é Amor: 6 - 0,19%
 - ★ IURD: 3 - 0,09%
 - ★ Outras: 119 - 3,95%
 - ➔ Evangélicos - não determinada: 83 - 2,75%
- ➡ Espíritas: 9 - 0,29%
- ➡ Sem religião: 71 - 2,35%

- JANDAIA DO SUL: 20.269 ha

- ➡ Católicos: 16.541 - 81,60%
- ➡ Evangélicos: 2.767 - 13,65%
 - ➔ Evangélicos de missão: 805 - 3,97%
 - ★ Batista: 287 - 1,41%
 - ★ Presbiteriana: 201 - 0,99%
 - ★ Metodista: 171 - 0,84%
 - ★ Adventista: 128 - 0,63%
 - ★ Luterana: 19 - 0,09%
 - ➔ Evangélicos pentecostais: 1.648 - 8,13%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 575 - 2,83%
 - ★ Assembléia de Deus: 569 - 2,80%
 - ★ Brasil para Cristo: 141 - 0,69%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 137 - 0,67%

★ IURD: 74 - 0,36%

★ Outras: 153 - 0,75%

→ Evangélicos - não determinada: 313 - 1,54%

➡ Outras religiosidades cristãs: 224 - 1,10%

➡ Testemunhas de Jeová: 103 - 0,50%

➡ Espíritas: 123 - 0,60%

➡ Budistas: 31 - 0,15%

➡ Outras religiosidades: 12 - 0,05%

➡ Múltiplo pertencimento: 9 - 0,04%

➡ Sem religião: 449 - 2,21%

→ Sem religião: 438 - 2,16%

→ Agnósticos: 11 - 0,05%

➡ Não sabe: 9 - 0,04%

- JARDIM OLINDA: 1.409 ha

➡ Católicos: 970 - 68,84%

→ Romanos: 969 - 68,77%

→ Ortodoxos: 1 - 0,07%

➡ Evangélicos: 326 - 23,13%

→ Evangélicos de missão: 96 - 6,81%

★ Batista: 91 - 6,45%

★ Adventista: 4 - 0,28%

★ Presbiteriana: 2 - 0,14%

→ Evangélicos pentecostais: 228 - 16,18%

★ Assembléia de Deus: 99 - 7,02%

★ Congregação Cristã no Brasil: 48 - 3,40%

★ Evangelho Quadrangular: 21 - 1,49%

★ IURD: 12 - 0,85%

★ Outras: 48 - 3,40%

➡ Outras religiosidades cristãs: 4 - 0,28%

➡ Sem religião: 109 - 7,73%

- KALORÉ: 4.506 ha

➡ Católicos: 4.158 - 92,27%

➡ Evangélicos: 274 - 6,08%

- Evangélicos de missão: 66 - 1,46%
 - ★ Adventista: 33 - 0,73%
 - ★ Presbiteriana: 33 - 0,73%
- Evangélicos pentecostais: 180 - 3,99%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 109 - 2,41%
 - ★ Assembléia de Deus: 60 - 1,33%
 - ★ IURD: 4 - 0,08%
 - ★ Renovada - não determinada: 7 - 0,15%
- Evangélicos - não determinada: 28 - 0,62%
- ⇒ Outras religiosidades cristãs: 6 - 0,13%
- ⇒ Testemunhas de Jeová: 13 - 0,28%
- ⇒ Espíritas: 3 - 0,06%
- ⇒ Sem religião: 53 - 1,17%

- MANDAGUAÇU: 19.781 ha

- ⇒ Católicos: 12.917 - 65,30%
 - Romanos: 12.912 - 65,27%
 - Ortodoxos: 5 - 0,02%
- ⇒ Católica Brasileira: 7 - 0,03%
- ⇒ Evangélicos: 4.690 - 23,70%
 - Evangélicos de missão: 980 - 4,95%
 - ★ Adventista: 365 - 1,84%
 - ★ Batista: 344 - 1,73%
 - ★ Presbiteriana: 247 - 1,24%
 - ★ Luterana: 24 - 0,12%
 - Evangélicos pentecostais: 2.485 - 12,56%
 - ★ Assembléia de Deus: 753 - 3,80%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 640 - 3,23%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 169 - 0,85%
 - ★ IURD: 63 - 0,31%
 - ★ Deus é Amor: 60 - 0,30%
 - ★ Comunidade Evangélica: 29 - 0,14%
 - ★ Outras: 772 - 3,90%
 - Evangélicos - não determinada: 1.224 - 6,18%
- ⇒ Outras religiosidades cristãs: 176 - 0,88%

- ➡ Mórmons: 30 - 0,15%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 246 - 1,24%
- ➡ Espíritas: 63 - 0,31%
- ➡ Novas religiões orientais: 17 - 0,08%
 - Messiânica: 12 - 0,06%
 - Outras: 5 - 0,02%
- ➡ Outras religiosidades: 9 - 0,04%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 60 - 0,30%
- ➡ Sem religião: 1.556 - 7,86%
 - Sem religião: 1.550 - 7,83%
 - Ateus: 6 - 0,03%
- ➡ Não sabe: 11 - 0,05%

- MANDAGUARI: 32.658 ha

- ➡ Católicos: 21.697 - 66,43%
- ➡ Evangélicos: 9.153 - 28,02%
 - Evangélicos de missão: 4.475 - 13,70%
 - ★ Metodista: 2.221 - 6,80%
 - ★ Presbiteriana: 926 - 2,83%
 - ★ Batista: 603 - 1,84%
 - ★ Adventista: 454 - 1,39%
 - ★ Luterana: 272 - 0,83%
 - Evangélicos pentecostais: 3.231 - 9,89%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 1.320 - 4,04%
 - ★ Assembléia de Deus: 959 - 2,93%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 201 - 0,61%
 - ★ IURD: 92 - 0,28%
 - ★ Deus é Amor: 32 - 0,09%
 - ★ Brasil para Cristo: 12 - 0,03%
 - ★ Comunidade Evangélica: 10 - 0,03%
 - ★ Outras: 604 - 1,84%
 - Evangélicos - não determinada: 1.447 - 4,43%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 151 - 0,46%
- ➡ Mórmons: 13 - 0,03%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 385 - 1,17%

- ➡ Espíritas: 95 - 0,29%
- ➡ Umbanda: 26 - 0,07%
- ➡ Budistas: 14 - 0,04%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 88 - 0,26%
- ➡ Sem religião: 998 - 3,05%
 - ➔ Sem religião: 876 - 2,68%
 - ➔ Ateus: 122 - 0,37%
- ➡ Não sabe: 37 - 0,11%

- MARIALVA: 31.959 ha

- ➡ Católicos: 23.946 - 74,92%
- ➡ Evangélicos: 6.005 - 18,78%
 - ➔ Evangélicos de missão: 1.590 - 4,97%
 - ★ Adventista: 676 - 2,11%
 - ★ Presbiteriana: 551 - 1,72%
 - ★ Batista: 227 - 0,71%
 - ★ Metodista: 73 - 0,22%
 - ★ Luterana: 63 - 0,19%
 - ➔ Evangélicos pentecostais: 3.225 - 10,09%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 894 - 2,79%
 - ★ Assembléia de Deus: 656 - 2,05%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 393 - 1,22%
 - ★ Deus é Amor: 276 - 0,86%
 - ★ IURD: 78 - 0,24%
 - ★ Maranata: 41 - 0,12%
 - ★ Comunidade Evangélica: 36 - 0,11%
 - ★ Brasil para Cristo: 25 - 0,07%
 - ★ Casa da Bênção: 10 - 0,03%
 - ★ Outras: 816 - 2,55%
 - ➔ Evangélicos - não determinada: 1.190 - 3,72%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 222 - 0,69%
- ➡ Mórmons: 11 - 0,03%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 399 - 1,24%
- ➡ Espíritas: 276 - 0,86%
- ➡ Budistas: 177 - 0,55%

- ➡ Novas religiões orientais: 74 - 0,23%
 - Messiânica: 17 - 0,05%
 - Outras: 57 - 0,17%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 149 - 0,46%
- ➡ Sem religião: 698 - 2,18%
 - Sem religião: 633 - 1,98%
 - Ateus: 63 - 0,19%

- MARINGÁ: 357.077 ha - 50,95% ha

- ➡ Católicos: 231.270 - 64,76%
 - Romanos: 231.033 - 54,70%
 - Ortodoxos: 237 - 0,06%
- ➡ Católica Brasileira: 206 - 0,05%
- ➡ Evangélicos: 91.048 - 25,49%
 - Evangélicos de missão: 27.084 - 7,58%
 - ★ Presbiteriana: 10.665 - 2,98%
 - ★ Adventista: 7.118 - 1,99%
 - ★ Batista: 7.101 - 1,98%
 - ★ Metodista: 1.277 - 0,35%
 - ★ Luterana: 886 - 0,24%
 - ★ Congregacional: 36 - 0,01%
 - Evangélicos pentecostais: 40.456 - 11,32%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 13.983 - 3,91%
 - ★ Assembléia de Deus: 9.466 - 2,65%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 2.750 - 0,77%
 - ★ Comunidade Evangélica: 2.404 - 0,67%
 - ★ IURD: 1.404 - 0,39%
 - ★ Deus é Amor: 451 - 0,12%
 - ★ Maranata: 256 - 0,07%
 - ★ Brasil para Cristo: 237 - 0,06%
 - ★ Nova Vida: 43 - 0,01%
 - ★ Casa da Bênção: 17 - 0,004%
 - ★ Renovada - não determinada: 188 - 0,05%
 - ★ Outras: 9.258 - 2,59%
 - Evangélicos - não determinada: 23.508 - 6,58%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 2.905 - 0,81%
- ➡ Mórmons: 529 - 0,14%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 2.525 - 0,70%
- ➡ Espiritualista: 42 - 0,01%
- ➡ Espíritas: 4.697 - 1,31%
- ➡ Umbanda: 186 - 0,05%
- ➡ Candomblé: 32 - 0,008%

- ➡ Judeus: 9 - 0,002%
- ➡ Budistas: 1.224 - 0,34%
- ➡ Novas religiões orientais: 1.342 - 0,37%
 - ➔ Messiânica: 450 - 0,12%
 - ➔ Outras: 892 - 0,24%
- ➡ Muçulmanos: 214 - 0,05%
- ➡ Tradições Esotéricas: 217 - 0,06%
- ➡ Tradições Indígenas: 59 - 0,01%
- ➡ Outras religiosidades: 259 - 0,07%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 2.120 - 0,59%
 - ➔ Mal determinada: 2.102 - 0,58%
 - ➔ Declarada: 17 - 0,004%
- ➡ Sem religião: 17.722 - 4,96%
 - ➔ Sem religião: 16.523 - 4,62%
 - ➔ Ateus: 1.035 - 0,28%
 - ➔ Agnósticos: 164 - 0,04%
- ➡ Não sabe: 452 - 0,12%

- MARUMBI: 4.603 ha - 0,65%

- ➡ Católicos: 3.992 - 86,72%
- ➡ Evangélicos: 491 - 10,66%
 - ➔ Evangélicos de missão: 64 - 1,39%
 - ★ Adventista: 58 - 1,26%
 - ★ Batista: 3 - 0,06%
 - ★ Metodista: 2 - 0,04%
 - ➔ Evangélicos pentecostais: 417 - 9,05%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 309 - 6,71%
 - ★ Assembléia de Deus: 58 - 1,26%
 - ★ Deus é Amor: 25 - 0,44%
 - ★ Maranata: 20 - 0,43%
 - ★ Outras: 6 - 0,13%
 - ➔ Evangélicos - não determinada: 10 - 0,21%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 15 - 0,32%
- ➡ Espíritas: 12 - 0,26%
- ➡ Outras religiosidades: 23 - 0,49%
- ➡ Sem religião: 70 - 1,52%

- NOVA ESPERANÇA: 26.615 ha - 3,79% ha

- ➡ Católicos: 18.005 - 67,64%

- Romanos: 17.996 - 67,61%
- Ortodoxos: 9 - 0,03%
- ➡ Evangélicos: 5.998 - 22,53%
 - Evangélicos de missão: 1.745 - 6,55%
 - ★ Batista: 1.385 - 5,20%
 - ★ Presbiteriana: 143 - 0,53%
 - ★ Adventista: 130 - 0,48%
 - ★ Metodista: 87 - 0,32%
 - Evangélicos pentecostais: 3.149 - 11,83%
 - ★ Assembléia de Deus: 1.097 - 4,12%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 870 - 3,26%
 - ★ Deus é Amor: 185 - 0,69%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 151 - 0,56%
 - ★ IURD: 101 - 0,37%
 - ★ Casa da Bênção: 45 - 0,16%
 - ★ Outras: 701 - 2,63%
 - Evangélicos - não determinada: 1.104 - 4,14%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 326 - 1,22%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 246 - 0,92%
- ➡ Espíritas: 76 - 0,28%
- ➡ Budistas: 77 - 0,28%
- ➡ Novas religiões orientais: 61 - 0,22%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 408 - 1,53%
- ➡ Sem religião: 1.337 - 5,02%
- ➡ Não sabe: 83 - 0,31%

- OURIZONA: 3.380 ha - 0,48%

- ➡ Católicos: 2.609 - 77,18%
- ➡ Evangélicos: 568 - 16,80%
 - Evangélicos de missão: 83 - 2,45%
 - ★ Batista: 55 - 1,62%
 - ★ Presbiteriana: 23 - 0,68%
 - ★ Adventista: 6 - 0,17%
 - Evangélicos pentecostais: 379 - 11,21%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 199 - 5,88%

- ★ Assembléia de Deus: 131 - 3,87%
- ★ IURD: 16 - 0,47%
- ★ Deus é Amor: 3 - 0,08%
- ★ Outras: 29 - 0,85%
- Evangélicos - não determinada: 106 - 3,13%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 3 - 0,08%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 30 - 0,88%
- ➡ Espíritas: 3 - 0,08%
- ➡ Budistas: 14 - 0,41%
- ➡ Sem religião: 154 - 4,55%
- Sem religião: 127 - 3,75%
- Agnósticos: 27 - 0,79%

- PAIÇANDU: 35.936 ha - 5,12%

- ➡ Católicos: 24.517 - 68,22%
- Romanos: 24.509 - 68,20%
- Ortodoxos: 8 - 0,02%
- ➡ Evangélicos: 8.694 - 24,19%
- Evangélicos de missão: 1.307 - 3,63%
- ★ Adventista: 650 - 1,80%
- ★ Batista: 455 - 1,26%
- ★ Presbiteriana: 153 - 0,42%
- ★ Metodista: 31 - 0,08%
- ★ Luterana: 19 - 0,05%
- Evangélicos pentecostais: 5.333 - 14,84%
- ★ Assembléia de Deus: 1.778 - 4,94%
- ★ Cong. Cristã no Brasil: 1.434 - 3,99%
- ★ Evangelho Quadrangular: 297 - 0,82%
- ★ Deus é Amor: 154 - 0,42%
- ★ IURD: 143 - 0,39%
- ★ Comunidade Evangélica: 140 - 0,38%
- ★ Outras: 1.387 - 3,85%
- Evangélicos - não determinada: 2.054 - 5,71%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 47 - 0,13%
- ➡ Mórmons: 207 - 0,57%

- ➡ Testemunhas de Jeová: 257 - 0,71%
- ➡ Espíritas: 83 - 0,23%
- ➡ Budistas: 58 - 0,16%
- ➡ Novas religiões orientais: 28 - 0,07%
 - ➔ Messiânica: 15 - 0,04%
 - ➔ Outras: 13 - 0,03%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 320 - 0,89%
- ➡ Sem religião: 1.725 - 4,80%
 - ➔ Sem religião: 1.533 - 4,26%
 - ➔ Ateus: 192 - 0,53%

- PARANACITY: 10.250 ha - 1,46%

- ➡ Católicos: 7.841 - 76,49%
- ➡ Evangélicos: 1.759 - 17,16%
 - ➔ Evangélicos de missão: 288 - 2,80%
 - ★ Presbiteriana: 176 - 1,71%
 - ★ Batista: 106 - 1,03%
 - ★ Luterana: 7 - 0,06%
 - ➔ Evangélicos pentecostais: 976 - 9,52%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 408 - 3,98%
 - ★ Assembléia de Deus: 311 - 3,03%
 - ★ IURD: 52 - 0,50%
 - ★ Deus é Amor: 41 - 0,40%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 22 - 0,21%
 - ★ Renovada - não determinada: 25 - 0,24%
 - ★ Outras: 118 - 1,15%
 - ➔ Evangélicos - não determinada: 494 - 4,81%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 37 - 0,30%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 87 - 0,84%
- ➡ Espíritas: 126 - 1,22%
- ➡ Budistas: 16 - 0,15%
- ➡ Novas religiões orientais: 6 - 0,05%
- ➡ Tradições esotéricas: 5 - 0,04%
- ➡ Sem religião: 374 - 3,64%

- PARANAPOEMA: 2.791 ha - 0,39%

- ➡ Católicos: 1.937 - 69,40%
 - ➔ Romanos: 1.934 - 69,29%
 - ➔ Ortodoxos: 3 - 0,10%
- ➡ Católica Brasileira: 6 - 0,21%
- ➡ Evangélicos: 620 - 22,21%
 - ➔ Evangélicos de missão: 46 - 1,64%
 - ★ Batista: 22 - 0,78%
 - ★ Adventista: 12 - 0,42%
 - ★ Metodista: 12 - 0,42%
 - ➔ Evangélicos pentecostais: 574 - 20,56%
 - ★ Assembléia de Deus: 235 - 8,41%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 139 - 4,98%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 84 - 3,00%
 - ★ Deus é Amor: 13 - 0,46%
 - ★ IURD: 8 - 0,28%
 - ★ Outras: 94 - 3,36%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 54 - 1,93%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 9 - 0,32%
- ➡ Sem religião: 165 - 5,91%

- PRESIDENTE CASTELO BRANCO - 4.784 ha - 0,68%

- ➡ Católicos: 3.410 - 71,27%
- ➡ Evangélicos: 885 - 18,49%
 - ➔ Evangélicos de missão: 130 - 2,71%
 - ★ Adventista: 64 - 1,33%
 - ★ Batista: 52 - 1,08%
 - ★ Metodista: 7 - 0,14%
 - ★ Presbiteriana: 7 - 0,14%
 - ➔ Evangélicos pentecostais: 749 - 15,65%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 305 - 6,37%
 - ★ Assembléia de Deus: 245 - 5,12%
 - ★ Deus é Amor: 77 - 1,60%
 - ★ IURD: 42 - 0,87%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 6 - 0,12%

★ Outras: 73 - 1,52%

→ Evangélicos - não determinada: 6 - 0,12%

➡ Outras religiosidades cristãs: 43 - 0,89%

➡ Testemunhas de Jeová: 8 - 0,16%

➡ Espíritas: 6 - 0,12%

➡ Sem religião: 430 - 8,98%

➡ Não sabe: 4 - 0,08%

- SÃO JORGE DO IVAÍ: 5.517 ha - 0,78%

➡ Católicos: 4.557 - 82,59%

➡ Evangélicos: 772 - 13,99%

→ Evangélicos de missão: 257 - 4,65%

★ Presbiteriana: 207 - 3,75%

★ Batista: 30 - 0,54%

★ Adventista: 12 - 0,21%

★ Metodista: 6 - 0,10%

★ Luterana: 3 - 0,05%

→ Evangélicos pentecostais: 482 - 8,73%

★ Assembléia de Deus: 244 - 4,42%

★ Congregação Cristã no Brasil: 199 - 3,60%

★ Evangelho Quadrangular: 27 - 0,48%

★ Deus é Amor: 9 - 0,16%

★ IURD: 3 - 0,05%

→ Evangélicos - não determinada: 34 - 0,61%

➡ Outras religiosidades cristãs: 7 - 0,12%

➡ Testemunhas de Jeová: 13 - 0,23%

➡ Novas religiões orientais: 11 - 0,19%

→ Messiânica: 6 - 0,10%

→ Outras: 5 - 0,09%

➡ Sem religião: 143 - 2,59%

➡ Não sabe: 12 - 0,21%

- SÃO PEDRO DO IVAÍ: 10.167 ha - 1,45%

➡ Católicos: 8.386 - 82,48%

→ Romanos: 8.363 - 82,25%

→ Ortodoxos: 23 - 0,22%

- ➡ Evangélicos: 1.209 - 11,89%
 - ➔ Evangélicos de missão: 344 - 3,38%
 - ★ Presbiteriana: 153 - 1,50%
 - ★ Metodista: 136 - 1,33%
 - ★ Adventista: 56 - 0,55%
 - ➔ Evangélicos pentecostais: 842 - 8,28%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 370 - 3,63%
 - ★ Assembléia de Deus: 133 - 1,30%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 101 - 0,99%
 - ★ Deus é Amor: 80 - 0,78%
 - ★ IURD: 9 - 0,08%
 - ★ Maranata: 5 - 0,04%
 - ★ Outras: 145 - 1,42%
 - ➔ Evangélicos - não determinada: 22 - 0,21%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 16 - 0,15%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 46 - 0,45%
- ➡ Judaísmo: 6 - 0,05%
- ➡ Budistas: 14 - 0,13%
- ➡ Sem religião: 438 - 4,30%
 - ➔ Sem religião: 419 - 4,12%
 - ➔ Ateus: 19 - 0,18%
- ➡ Não sabe: 53 - 0,52%

- SARANDI: 82.847 ha - 11,82% ha

- ➡ Católicos: 52.666 - 63,57%
 - ➔ Romanos: 52.626 - 63,52%
 - ➔ Ortodoxos: 40 - 0,04%
- ➡ Católica Brasileira: 18 - 0,02%
- ➡ Evangélicos: 23.293 - 28,11%
 - ➔ Evangélicos de missão: 4.602 - 5,55%
 - ★ Batista: 2.519 - 3,04%
 - ★ Adventista: 1.097 - 1,32%
 - ★ Presbiteriana: 859 - 1,03%
 - ★ Luterana: 76 - 0,09%
 - ★ Metodista: 51 - 0,06%

→ Evangélicos pentecostais: 11.588 - 13,98%

★ Assembléia de Deus: 4.698 - 5,67%

★ Cong. Cristã no Brasil: 2.697 - 3,25%

★ Deus é Amor: 746 - 0,90%

★ IURD: 245 - 0,29%

★ Evangelho Quadrangular: 226 - 0,27%

★ Brasil para Cristo: 89 - 0,10%

★ Casa da Bênção: 56 - 0,06%

★ Comunidade Evangélica: 40 - 0,04%

★ Maranata: 20 - 0,02%

★ Outras: 2.771 - 3,34%

→ Evangélicos - não determinada: 7.102 - 8,57%

➡ Outras religiosidades cristãs: 1.102 - 1,33%

➡ Mórmons: 126 - 0,15%

➡ Testemunhas de Jeová: 700 - 0,84%

➡ Espíritas: 398 - 0,48%

➡ Umbanda: 35 - 0,04%

➡ Candomblé: 12 - 0,01%

➡ Judaísmo: 9 - 0,01%

➡ Budistas: 17 - 0,02%

➡ Novas religiões orientais: 48 - 0,05%

→ Messiânica: 11 - 0,01%

→ Outras: 37 - 0,04%

➡ Tradições esotéricas: 10 - 0,01%

➡ Outras religiosidades: 31 - 0,03%

➡ Múltiplo pertencimento: 340 - 0,41%

➡ Sem religião: 3.949 - 4,76%

→ Sem religião: 3.811 - 4,60%

→ Ateus: 138 - 0,16%

➡ Não sabe: 93 - 0,11%

- UNIFLOR: 2.466 ha - 0,35% ha

➡ Católicos: 2.105 - 85,36%

➡ Evangélicos: 245 - 9,93%

→ Evangélicos de missão: 42 - 1,70%

- ★ Batista: 28 - 1,13%
- ★ Adventista: 14 - 0,56%
- Evangélicos pentecostais: 197 - 7,98%
 - ★ Assembléia de Deus: 66 - 2,67%
 - ★ Congregação Cristã no Brasil: 53 - 2,14%
 - ★ IURD: 6 - 0,24%
 - ★ Outras: 71 - 2,87%
- Evangélicos - não determinada: 7 - 0,28%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 29 - 1,17%
- ➡ Espíritas: 2 - 0,08%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 48 - 1,94%
- ➡ Sem religião: 37 - 1,50%
 - Sem religião: 35 - 1,41%
 - Ateus: 2 - 0,08%

1.2- ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ

1- TOTAL DE TODOS OS MUNICÍPIOS

- ➡ Católicos: 475.651 - 67,86%
 - Romanos: 475.317 - 67,82%
 - Ortodoxos: 334 - 0,04%
- ➡ Católica Brasileira: 269 - 0,03%
- ➡ Evangélicos: 166.393 - 23,74%
 - Evangélicos de missão: 46.080 - 6,57%
 - ★ Presbiteriana: 14.724 - 2,10%
 - ★ Batista: 13.768 - 1,96%
 - ★ Adventista: 12.095 - 1,72%
 - ★ Metodista: 4.084 - 0,58%
 - ★ Luterana: 1.377 - 0,19%
 - ★ Congregacional: 36 - 0,005%
 - Evangélicos pentecostais: 80.807 - 11,53%
 - ★ Cong. Cristã no Brasil: 26.279 - 3,74%
 - ★ Assemb. de Deus: 22.970 - 3,27%
 - ★ Evangelho Quadrangular: 4.718 - 0,67%
 - ★ Comunidade Evangélica: 2.659 - 0,37%
 - ★ IURD: 2.463 - 0,35%

- ★ Deus é Amor: 2.354 - 0,33%
- ★ Brasil para Cristo: 534 - 0,07%
- ★ Maranata: 342 - 0,04%
- ★ Renovada - não determinada: 262 - 0,03%
- ★ Casa da Bênção: 128 - 0,01%
- ★ Nova Vida: 43 - 0,006%
- ★ Outras: 18.055 - 2,57%
- Evangélicos - não determinada: 39.500 - 5,63%
- ➡ Outras religiosidades cristãs: 5.571 - 0,79%
- ➡ Mórmons: 918 - 0,13%
- ➡ Testemunhas de Jeová: 5.150 - 0,73%
- ➡ Espiritualista: 42 - 0,005%
- ➡ Espíritas: 6.157 - 0,87%
- ➡ Umbanda: 247 - 0,03%
- ➡ Candomblé: 44 - 0,006%
- ➡ Judeus: 24 - 0,003%
- ➡ Muçulmanos: 214 - 0,03%
- ➡ Tradições Esotéricas: 232 - 0,03%
- ➡ Tradições Indígenas: 59 - 0,008%
- ➡ Budistas: 1.702 - 0,24%
- ➡ Novas religiões orientais: 1.636 - 0,23%
- Messiânica: 514 - 0,07%
- Outras: 1.122 - 0,16%
- ➡ Outras religiosidades: 360 - 0,05%
- ➡ Múltiplo pertencimento: 3.633 - 0,51%
- Mal determinado: 2.102 - 0,29%
- Declarado: 17 - 0,002%
- ➡ Sem religião: 31.756 - 04,53%
- Sem religião: 29.914 - 4,26%
- Ateus: 1.626 - 0,23%
- Agnósticos: 216 - 0,03%
- ➡ Não sabe: 754 - 0,10%

2- HABITANTES POR MUNICÍPIO*(em ordem decrescente)*

01. MARINGÁ	357.077 ha - 50,95%
02. SARANDI.....	82.847 ha - 11,82%
03. PAIÇANDU	35.936 ha - 05,12%
04. MANDAGUARI.....	32.658 ha - 04,65%
05. MARIALVA	31.959 ha - 04,56%
06. NOVA ESPERANÇA.....	26.615 ha - 03,79%
07. JANDAIA DO SUL.....	20.269 ha - 02,89%
08. MANDAGUAÇU	19.781 ha - 02,82%
09. PARANACITY	10.250 ha - 01,46%
10. SÃO PEDRO DO IVAÍ	10.167 ha - 01,45%
11. BOM SUCESSO.....	6.561 há - 00,93%
12. ITAMBÉ	5.979 ha - 00,85%
13. FLORESTA	5.931 ha - 00,84%
14. DOUTOR CAMARGO	5.828 ha - 00,83%
15. SÃO JORGE DO IVAÍ.....	5.517 ha - 00,78%
16. FLORAÍ.....	5.050 ha - 00,72%
17. PRESIDENTE CASTELO BRANCO	4.784 ha - 00,68%
18. MARUMBI.....	4.603 ha - 00,65%
19. CRUZEIRO DO SUL	4.563 ha - 00,65%
20. KALORÉ	4.506 ha - 00,64%
21. ATALAIA.....	3.913 ha - 00,55%
22. OURIZONA.....	3.380 ha - 00,48%
23. IVATUBA.....	3.010 ha - 00,42%
24. INAJÁ	2.988 ha - 00,42%
25. PARANAPOEMA	2.791 ha - 00,39%
26. UNIFLOR	2.466 ha - 00,35%
27. JARDIM OLINDA	1.409 ha - 00,20%
ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ.....	700.838 ha - 100%

3- CATÓLICOS POR MUNICÍPIO*(em ordem percentual decrescente)*

01. KALORÉ	4.158 - 92,27%
02. FLORAÍ.....	4.473 - 88,57%

03. MARUMBI.....	3.992 - 86,72%
04. UNIFLOR	2.105 - 85,36%
05. SÃO JORGE DO IVAÍ.....	4.557 - 82,59%
06. SÃO PEDRO DO IVAÍ	8.386 - 82,48%
07. DOUTOR CAMARGO	4.758 - 81,64%
08. JANDAIA DO SUL.....	16.541 - 81,60%
09. ITAMBÉ	4.813 - 80,49%
10. ATALAIA.....	3.144 - 80,34%
11. BOM SUCESSO.....	5.203 - 79,30%
12. OURIZONA.....	2.609 - 77,18%
13. PARANACITY	7.841 - 76,49%
14. INAJÁ	2.241 - 75,00%
15. MARIALVA	23.946 - 74,92%
16. CRUZEIRO DO SUL	3.409 - 74,70%
17. FLORESTA	4.250 - 71,65%
18. PRESIDENTE CASTELO BRANCO.....	3.410 - 71,27%
19. PARANAPOEMA	1.937 - 69,40%
20. JARDIM OLINDA	970 - 68,84%
21. PAIÇANDU.....	24.517 - 68,22%
22. NOVA ESPERANÇA.....	18.005 - 67,64%
23. MANDAGUARI.....	21.697 - 66,43%
24. MANDAGUAÇU	12.917 - 65,30%
25. MARINGÁ	231.270 - 64,76%
26. SARANDI.....	52.666 - 63,57%
27. IVATUBA.....	1.836 - 60,99%
ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ.....	475.651 - 67,86%

4- EVANGÉLICOS POR MUNICÍPIO

(em ordem percentual decrescente)

01. IVATUBA.....	1.094 - 36,34%
02. SARANDI.....	23.293 - 28,11%
03. MANDAGUARI.....	9.153 - 28,02%
04. MARINGÁ	91.048 - 25,49%
05. PAIÇANDU.....	8.694 - 24,19%
06. MANDAGUAÇU	4.690 - 23,70%

07. JARDIM OLINDA	326 - 23,13%
08. FLORESTA	1.343 - 22,64%
09. NOVA ESPERANÇA.....	5.998 - 22,53%
10. PARANAPOEMA	620 - 22,21%
11. INAJÁ	591 - 19,77%
12. MARIALVA	6.005 - 18,78%
13. PRESIDENTE CASTELO BRANCO.....	885 - 18,49%
14. CRUZEIRO DO SUL	805 - 17,64%
15. PARANACITY	1.759 - 17,16%
16. OURIZONA.....	568 - 16,80%
17. BOM SUCESSO.....	1.038 - 15,82%
18. DOUTOR CAMARGO	912 - 15,64%
19. ATALAIA.....	584 - 14,92%
20. SÃO JORGE DO IVAÍ.....	772 - 13,99%
21. JANDAIA DO SUL	2.767 - 13,65%
22. ITAMBÉ	810 - 13,54%
23. SÃO PEDRO DO IVAÍ	1.209 - 11,89%
24. MARUMBI.....	491 - 10,66%
25. UNIFLOR	245 - 9,93%
26. FLORAÍ.....	419 - 8,29%
27. KALORÉ	274 - 6,08%
ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ.....	166.393 - 23,74%

5- SEM RELIGIÃO POR MUNICÍPIO

(por ordem decrescente)

01. PRESIDENTE CASTELO BRANCO.....	430 - 8,98%
02. MANDAGUAÇU	1.556 - 7,86%
03. JARDIM OLINDA	109 - 7,73%
04. PARANAPOEMA	165 - 5,91%
05. NOVA ESPERANÇA.....	1.337 - 5,02%
06. CRUZEIRO DO SUL	228 - 4,99%
07. MARINGÁ	17.722 - 4,96%
08. PAIÇANDU	1.725 - 4,80%
09. SARANDI.....	3.949 - 4,76%
10. OURIZONA.....	154 - 4,55%

11. INAJÁ.....	133 - 4,45%
12. SÃO PEDRO DO IVAÍ.....	438 - 4,30%
13. BOM SUCESSO.....	253 - 3,85%
14. PARANACITY.....	374 - 3,64%
15. ITAMBÉ.....	191 - 3,19%
16. FLORESTA.....	184 - 3,10%
17. MANDAGUARI.....	998 - 3,05%
18. SÃO JORGE DO IVAÍ.....	143 - 2,59%
19. IVATUBA.....	71 - 2,35%
20. JANDAIA DO SUL.....	449 - 2,21%
21. MARIALVA.....	698 - 2,18%
22. ATALAIA.....	84 - 2,14%
23. FLORAÍ.....	98 - 1,94%
24. DOUTOR CAMARGO.....	107 - 1,83%
25. MARUMBI.....	70 - 1,52%
26. UNIFLOR.....	37 - 1,50%
27. KALORÉ.....	53 - 1,17%
ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ.....	31.756 - 4,53%

6- COMPARATIVOS DA ARQUIDIOCESE COM O PARANÁ E O BRASIL

➡ ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ:.....	700.838 ha - 100%
➔ Católicos.....	475.651 - 67,86%
➔ Evangélicos.....	166.393 - 23,74%
➔ Sem religião.....	31.756 - 04,53%
➡ PARANÁ.....	10.444.526 ha - 100%
➔ Católicos.....	7.276.153 - 69,66%
➔ Evangélicos.....	2.316.213 - 22,17%
➔ Sem religião.....	485.086 - 04,64%
➡ BRASIL.....	190.755.799 ha - 100%
➔ Católicos.....	123.411.743 - 64,69%
➔ Evangélicos.....	42.275.440 - 22,16%
➔ Sem religião.....	15.335.510 - 08,03%

2. SÍNTESE PARA A ASSEMBLEIA ARQUIDIOCESANA 2012

2.1 - SÍNTESE REFERENTE ÀS PRIORIDADES E PROJETOS

2.1.1- 1ª PRIORIDADE: FAMÍLIA – IMPLANTAÇÃO DO SETOR FAMÍLIA OU PASTORAL FAMILIAR EM TODAS AS PARÓQUIAS

a. Hoje, a Pastoral Familiar, com os 3 setores, está implantada na sua paróquia?

- Setor pré-matrimonial (46) Sim (10) Não
- Setor pós-matrimonial (26) Sim (30) Não
- Setor casos especiais (23) Sim (33) Não

b. Que pastorais, movimentos e serviços estão integrados no Setor Família da sua paróquia?

- Organismos e serviços: 1. CEBs; 2. Grupos de Reflexão; 3. MECE; 4. Projeto famílias restauradas; 5. Escuta; 6. Terço dos homens; 7. GFASC (Grande Família do Sagrado Coração); 8. Assistência Social Municipal.
- Pastorais: 9. Catequese; 10. Criança; 11. Saúde; 12. Juventude; 13. Pessoa Idosa; 14. Dízimo; 15. Pós-crisma; 16. Batismo; 17. Liturgia; 18. Canto.
- Movimentos: 19. Cristma; 20. Vicentinos; 21. Mãe Peregrina; 22. Apostolado da Oração; 23. RCC; 24. Cursilho; 25. MFC; 26. ECC; 27. Congregação Mariana; 28. Encontro Matrimonial; 29. Legião de Maria.

c. Que dificuldades a paróquia encontrou para a implantação da Pastoral Familiar?

1. Falta de pessoas comprometidas para assumir e articular o trabalho;
2. Sobrecarga de serviço das lideranças;
3. Falta de adesão das lideranças;
4. Falta de perseverança dos casais;
5. Falta de formação dos membros; faltou interagir com os documentos da Igreja;
6. Falta de motivação e interesse da comunidade;
7. Falta de integração (real) entre os diversos movimentos, serviços e pastorais; resistência para a construção do grupo, pois há muita diversidade na forma de condução dos trabalhos; os integrantes não concordaram com a implantação,

- com medo de que houvesse divisão no grupo;
8. Algumas paróquias estão em fase de reestruturação;
 9. Visão distorcida da Pastoral Familiar como sendo principalmente pré-matrimonial;
 10. Calendarização;
 11. Devido a realidade do mundo urbano há dificuldades em trabalhar com a família, em família e para a família.

d. Que benefícios teve a implantação?

1. Fortalecimento da família;
2. Retorno de famílias para a Igreja;
3. Reflexão com as famílias dos problemas vividos por elas;
4. Concentração de esforços para atingir as famílias de forma direta;
5. Maior visibilidade da pastoral; referência para as pessoas procurarem quando o assunto é família;
6. Ampliação da visão de trabalho a ser realizado;
7. Pastoral Familiar nas CEBs; integração dos agentes da pastoral familiar na vida comunitária (CEBs ou setores);
8. Integração entre os movimentos e pastorais, com reflexos na comunidade;
9. Dinamização das atividades pastorais da paróquia através da diversidade de eventos promovidos pela Pastoral Familiar (carreata de divulgação da Semana da Família, chá com as mulheres, noite dos homens, cinema com as famílias, piquenique com as famílias, café com casais recém-casados, retiro para casais em nova união, curso de batismo, curso de noivos, juventude em movimento);
10. União dos casais participantes;
11. Despertar de novas lideranças para o trabalho com as famílias;
12. Formação pessoal da equipe pela arquidiocese e paróquia;
13. Organização e celebração melhor preparada da Semana da Família e do Dia do Nascituro;
14. Participação na peregrinação nacional das famílias;
15. Congresso das Famílias;
16. Retiros;
17. Realização de encontro de casais;
18. Grupos de partilha com psicólogos/as;

19. Acompanhamento de casais que buscam a regularização dos sacramentos e batismo dos filhos;
20. Melhor organização dos casamentos; preparação das liturgias para as cerimônias de casamento;
21. Reformulação do curso de batismo;
22. Palestra de conscientização sobre o aborto; orientação sobre o nascituro.

e. Que sugestões a paróquia tem a dar?

1. Estruturação da PF de fato (integração das pastorais e movimentos nos 3 setores);
2. Organizar a PF por comunidade (um casal de cada comunidade);
3. Ter algum direcionamento para cidades pequenas, pois quase todos os integrantes da PF fazem parte de outras pastorais ou movimentos, e isso acaba sobrecarregando e dificulta seguir este projeto;
4. Maior clareza e organização dos eventos da PF em nível de Arquidiocese;
5. Maior divulgação da PF em todas as instâncias da paróquia e nos MCS;
6. Manter as formações dadas pela arquidiocese para a PF e implantar plano de trabalho;
7. Treinamento (formação) por região pastoral e paroquial;
8. Encontros para atender as situações específicas de família (casais, viúvos, separados, solteiros, namorados, pais e filhos);
9. Congresso das famílias por região pastoral;
10. Maior envolvimento dos padres;
11. Articular melhor, em nível arquidiocesano, a Semana da Vida (a exemplo da Semana Nacional da Família);
12. A PF deve acompanhar a 4ª etapa da catequese nas casas.

f. A família deve continuar como prioridade no novo Plano de Ação

Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 8 Regiões Pastorais

1. Porque ainda não executamos plenamente o planejamento 2009-2012 e precisamos realizá-lo, pois a família é um importante nível de Igreja (Igreja doméstica); agora que as paróquias conseguiram efetivar a organização da PF, poderão desenvolver um trabalho mais sistemático;
2. Porque a família é a base fundamental para toda pessoa, é o alicerce, a

estrutura da sociedade, elo de sustentação de valores, Igreja doméstica;

3. A família é abrangente, atinge todas as idades;
4. Cuidando da família teremos grande chance de prevenir muitos dos males contemporâneos.

1. Com relação ao Projeto 1 - Encontros de Preparação ao Matrimônio:

a. Sua paróquia está observando o tempo mínimo de 16 horas?

(26) Sim (28) Não (2) NR

- Se não, em quantas horas a preparação é feita?

- 14 h (2); 13 h (2); 12 h (10); 8 h (3); 7 h (1); 6 h (2); 4 h (1); 3 h (1); NR (6).

b. Qual modalidade de preparação é usada na sua paróquia?

(35) Encontro com todos

(5) Pequenos grupos

(7) Acompanhamento por casal

(9) NR

c. Que dificuldades a paróquia encontrou para a implantação desse projeto?

1. Falta de casais (palestrantes) para desenvolver os encontros em mais horas;
2. Quantidade insuficiente de encontros de preparação para o Matrimônio;
3. Número insuficiente de noivos - quando surgem são encaminhados para outras paróquias;
4. Data e horário: noivos que não podem participar do curso no horário determinado; noivos que trabalham em finais de semana;
5. Falta de compromisso dos noivos;
6. Falta de espaço físico para o encontro com todos;
7. Muita mudança de padres, que pediam pra ficar como estava.

d. Que benefícios teve a implantação?

1. Organização de grupos da própria paróquia para organizar os encontros;
2. Troca de experiências entre casais que preparam o encontro;
3. Maior tempo para refletir/estudar/aprofundar a dinâmica do matrimônio;
4. Maior qualidade no conteúdo transmitido;
5. Aproximação da PF com os casais de noivos;
6. Facilidade dos casais para participar, já que é na paróquia;
7. Engajamento do casal na própria paróquia;

8. 8. Aumento do número de noivos atendidos;
9. Encaminhamento de noivos para os sacramentos de iniciação cristã e engajamento na Igreja; possibilidade de resgatar católicos afastados; assimilação de valores cristãos;
10. Conhecimento que gera crescimento e maior maturidade dos noivos;
11. Atendimento personalizado por casais da PF antes do encontro de noivos (preparação para o matrimônio); atendimento personalizado que facilita a integração do casal na PF e também nas demais pastorais; quando o acompanhamento é feito por casal ou em pequenos grupos a chance de conhecer a realidade dos noivos é muito maior e assim trabalhar melhor a dificuldade de cada um, diferentemente dos encontros onde se fala de maneira genérica.

e. Que sugestões se têm a dar?

1. Não reduzir este setor pré-matrimonial só aos encontros de noivos;
2. Que a preparação se inicie de forma remota através do estudo de temas familiares na catequese infantil e nos grupos de adolescentes e jovens;
3. Divulgar mais o Diretório da PF para formação dos noivos;
4. A padronização dos encontros na Arquidiocese, ao menos na quantidade de horas ofertadas;
5. Que sejam determinados materiais iguais para todas as paróquias (que falem a mesma língua);
6. Organizar roteiro único com as normas para a celebração do matrimônio na arquidiocese;
7. Buscar e formar novos casais para renovar a equipe de preparação;
8. Melhor preparação dos que desenvolvem os conteúdos;
9. Adotar o acompanhamento por casal como melhor modelo;
10. Cursos mais dinâmicos com uma maior participação dos noivos;
11. Reunir os casais com antecedência em pequenos grupos;
12. Adotar o encontro com todos; dinamizar os encontros com todos, formando grupos pequenos; incluir na programação do encontro, tempo para partilhas entre os noivos;
13. Promover retiros para os noivos, dar ênfase na espiritualidade;
14. Procurar detectar possíveis motivos para evitar as declarações de nulidade;
15. Chamar casais de reconhecida maturidade matrimonial para dar testemunho (também casais jovens); nunca esquecer dos testemunhos de casais, histórias reais que fazem parte do dia a dia, que é onde encontramos as dificuldades;

16. Nas palestras, valorizar o auxílio dos profissionais de saúde;
17. Formação, principalmente, em relação aos métodos naturais de planejamento familiar e ao direito canônico sobre o matrimônio;
18. Inserir nas equipes: psicólogo, ginecologista, economista, Assistente Social etc.;
19. Começar e terminar os encontros de noivos com a presença do padre;
20. Organizar os encontros de modo que não coincidam as datas na região pastoral;
21. Banco de dados com nomes de assessores para os encontros de noivos;
22. Encaminhar para as Paróquias vizinhas quando o número de noivos for insuficiente e se não houver equipe local;
23. Valorizar a participação dos noivos na paróquia e apresentá-los nas missas para toda comunidade;
24. Fazer levantamento de quantos casais recém-casados permanecem efetivamente na paróquia, para serem engajados em alguma pastoral;
25. Integrar o encontro de noivos à iniciação cristã.

f. Este projeto deve continuar no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

- Não: 2 Regiões Pastorais
Porque onde ainda não aconteceu faltou empenho. Agora precisamos de um novo projeto para crescer ainda mais.
- Sim: 6 Regiões pastorais
 1. Para dar continuidade e aprimorar os trabalhos já iniciados, indo além das 16 horas de formação;
 2. Pois todo trabalho intensificado em relação à família pode ser garantia de pessoas mais comprometidas dentro da própria Igreja;
 3. Para mostrar a importância do sacramento do matrimônio;
 4. Para formar famílias com princípios cristãos;
 5. Para que os casais assumam o matrimônio de forma consciente, compromissada;
 6. Se os noivos estiverem mais bem preparados, haverá menos divórcios;
 7. Mas achamos que não devemos nos preocupar muito com quantidade de horas dadas no encontro e sim com a qualidade.

2. Com relação ao Projeto 2 – Acompanhamento de Casais Recém-casados:

a. Sua paróquia começou o acompanhamento?

(20) Sim (35) Não (1) NR

b. Que tipo de trabalho tem sido feito para esse acompanhamento?

1. Visitas com avaliação da caminhada do casal e convite a participar das pastorais;
2. Convites para encontros;
3. Contato pós-casamento feito por telefone;
4. Estamos apenas fazendo um convite formal (pessoal) aos casais para participarem da PF e da liturgia;
5. Contato entre casal preparador e casal preparado, iniciado na preparação do casal para o matrimônio e estendido no pós-matrimônio;
6. Estudo dos materiais indicados no encontro arquidiocesano e formação de casais para acompanhar os recém-casados;
7. Participação na formação arquidiocesana;
8. Reuniões mensais com acompanhamento do livro “Encontro para Novos Casais”;
9. Encontro de novos casais. Na Paróquia já existem 04 grupos formados;
10. Capacitação de 1 casal por CEB;
11. Café da manhã anual;
12. Encontros com palestras relacionadas à vida conjugal. Neste dia é oferecido um coquetel ou café da manhã aos casais;
13. Encontro de casais;
14. Acompanhamento pelo ECC, Cursilho e RCC;
15. Aproveitamento da oportunidade do Curso de Batismo para engajar esses casais na Igreja.

c. Que dificuldades a paróquia encontrou para a implantação desse projeto?

1. Falta de pessoas para formar a equipe e assumir o trabalho;
2. A pastoral ainda está em formação;
3. Projeto em fase de implantação;
4. Falta de formação em nível paroquial;
5. Falta de informação integrada entre as secretarias paroquiais sobre os endereços;

6. Falta de interesse e disponibilidade dos recém casados;
7. Casais que fazem a preparação fora da sua paróquia;
8. Mobilidade dos recém casados.

d. Que benefícios teve a implantação?

1. Ajuda aos casais para se fortalecerem nos conflitos do início da vida a dois;
2. Troca de experiências e melhor vivência do matrimônio;
3. Reavivou o casamento. Melhorou o diálogo do casal. Uma certeza de que viver juntos vale a pena;
4. Os casais se sentem acolhidos pela Igreja;
5. Aumentou a acolhida nos grupos de reflexão e movimentos;
6. Interação dos recém-casados com a paróquia;
7. Mesmo estando ainda em fase de implantação, os casais estão gostando.

e. Que sugestões se tem a dar?

1. Implantar de fato nas paróquias; estruturar uma equipe com casais experientes para o acompanhamento;
2. Divulgação e convites para novos agentes;
3. Padrinhos para acompanhar os recém casados, talvez um dos casais que foi padrinho de casamento;
4. Buscar e trocar experiências com outras paróquias de outros exemplos/ formas de trabalhos;
5. Mais formação para os casais formadores;
6. Implantar o material já sugerido pela arquidiocese;
7. Banco integrado de dados nas secretarias sobre os endereços dos recém-casados;
8. Melhorar a comunicação e a forma de convidá-los;
9. Adequar atividades aos horários e disponibilidade deles;
10. Promover este trabalho com a ajuda dos Grupos de Reflexão;
11. Continuar com as visitas para o acompanhamento;
12. Palestras com recursos pedagógicos e psicológicos (formação humano-afetiva);
13. Encontros ou retiros com temas de valorização da família;
14. Acompanhamentos individuais;
15. Visita dos padres às casas dos casais;

16. Promover comemorações nos aniversários de casamento; celebração especial para 2 anos de casamento.

f. Este projeto deve continuar no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 8 Regiões pastorais

1. Porque ainda não foi implantado;
2. Porque é uma maneira de acolher e manter esses casais na Igreja;
3. Porque é um caminho para despertar novas lideranças e dar apoio ao crescimento do casal;
4. Porque eles se sentem valorizados pela Igreja e é um apoio para o início da vida matrimonial;
5. Porque os primeiros anos são os mais difíceis e precisam de acompanhamento.

3. Com relação ao Projeto 3 – Acolhida dos Casais em Nova União:

a. Sua paróquia começou a realizar algum trabalho?

(31) Sim (23) Não (2) NR

b. Que tipo de trabalho tem sido feito para acolher esses casais?

1. Convites;
2. Conversas com o padre;
3. Retiros;
4. Encontros de formação;
5. Inclusão dos casais nas atividades paroquiais e nas pastorais e movimentos;
6. Abertura a participarem dos encontros de casais;
7. Encontro anual e reunião mensal com os casais que perseveram;
8. Celebração penitencial com casais em segunda união;
9. Nossa paróquia realizou 4 encontros, com a participação de padres, esclarecendo dúvidas, ouvindo clamores, desabafos e incentivando-os a participar da Igreja, valorizando principalmente o que eles “podem” fazer. Ao final foram oferecidos lanches para promover a integração entre os mesmos e com a equipe da PF;
10. Catecumenato;
11. Esclarecimentos sobre nulidade matrimonial;
12. Encaminhamento de casais para o Tribunal Eclesiástico;
13. Participação de agentes nas formações diocesanas.

c. Que dificuldades a paróquia encontrou para a implantação desse projeto?

1. Falta de empenho da paróquia;
2. Falta de pessoas para assumir;
3. Falta de organização da PF nos 3 setores;
4. Falta de clareza e formação dos casais da PF para o trabalho;
5. O próprio modo como a Igreja aborda a questão dos casais em nova união (ex.: lentidão nos processos de nulidade matrimonial);
6. Preconceito das próprias lideranças;
7. Fechamento e receio dos casais de 2ª união, que se sentem excluídos e não aceitam participar;
8. Alguns casais que começaram a participar já se separaram novamente e vivem em outra união.

d. Que benefícios teve a implantação?

1. Acolhida, encaminhamento e engajamento pastoral desses casais, que tinham sentimento de abandono pela Igreja;
2. Integração nas celebrações;
3. Maior conscientização de seu papel como cristãos na Igreja;
4. Esclarecimento sobre a situação deles em relação aos sacramentos e à participação na Igreja;
5. Realização de encontros de casais em 2ª união;
6. Ainda que este setor não tenha sido implantado, um grande benefício foram as formações oferecidas em âmbito arquidiocesano;
7. Começam a ser quebradas as barreiras do preconceito e da discriminação;
8. Resgate da auto-estima do casal.

e. Que sugestões se tem a dar?

1. Que haja um trabalho contínuo e esforço para implantar em todas as paróquias;
2. Maior divulgação;
3. Falar mais abertamente do assunto nas paróquias: os padres incentivarem a acolhida e o perdão;
4. Acompanhamento mais de perto da coordenação arquidiocesana;
5. Formação e retiros aos casais que farão a acolhida (também para as próprias lideranças da paróquia que muitas vezes discriminam);

6. É conveniente que o setor casos especiais considere os 3 campos distintos de sua atuação: famílias em situações conflitivas, irregulares e específicas;
7. Acompanhamento aos casais em situações de risco (em crise ou se separando, dependentes químicos etc.) e na situação em que só um cônjuge ou parente educa a criança sozinho (pai/mãe solteiro/a, avô/ô que cria os netos etc.);
8. Preparar para lidar com situações difíceis e encaminhar para ajuda profissional;
9. Continuar o acolhimento, dando esclarecimentos sobre comungar a Palavra;
10. Celebrações penitenciais;
11. Casal em nova união dar palestra/testemunho nos encontros;
12. Que o casal de 2ª união seja acompanhado por um casal de “padrinhos”;
13. É o momento de a Igreja repensar a questão da comunhão para os re-casados;
14. Agendar reuniões destes casais com o padre para ouvi-los e propor ações a serem tomadas;
15. Que os padres sejam mais criteriosos e unânimes nas orientações a esses casais;
16. Preparar material de apoio para os casais em 2ª união: “O que se pode fazer na Igreja?”;
17. Agilizar os processos de nulidade matrimonial e diminuir os custos do processo. Caso não seja possível diminuir os custos, as paróquias poderiam providenciar apoio financeiro aos casais carentes;
18. Acolher para serem padrinhos de batismo.

f. Este projeto deve continuar no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 8 Regiões pastorais

1. Porque é importante o acolhimento destes casais na Igreja e nas comunidades;
2. Porque é preciso aprofundar mais os conhecimentos sobre o projeto;
3. Pois a salvação é para todos;
4. Para evitar a terceira união;
5. Porque este é um grupo grande e tem necessidade de ser acolhido;
6. Pois é uma realidade que nos salta aos olhos e não podemos deixar estes filhos da Igreja distantes da comunhão eclesial. Devemos ainda insistir neste projeto uma vez que seus objetivos ainda não foram alcançados.

4. Caso a família continue como prioridade, sua paróquia sugere algum novo projeto? Qual seria?

1. Congresso arquidiocesano da família;
2. Peregrinações;
3. Domingo da família (arquidiocesano);
4. Escola de pais;
5. Formação de grupos de pais onde poderão conversar sobre as alegrias e as dificuldades que encontram na educação dos filhos, terem formações e orientações sobre diversos assuntos referentes aos filhos;
6. Enfoque maior no namoro;
7. Acompanhamento das famílias com problemas de dependência química e alcoólica;
8. Incluir viúvos, solteiros mais velhos, separados que não contrairam nova união na atenção e no zelo pastoral;
9. Considerando que a família é o principal núcleo de educação, deve-se considerar carinhosamente o tema da homossexualidade, apresentando reflexões e soluções cristãs para esta situação;
10. Promover em todas as paróquias o curso para casais aplicado pela Oficina de Oração e Vida (TOV);
11. Levar em consideração o ECA.

2.1.2- 2ª PRIORIDADE: ORGANIZAÇÃO DAS PARÓQUIAS EM REDES DE CEBs E OUTRAS PEQUENAS COMUNIDADES

a. Hoje, sua paróquia está organizada em pequenas comunidades?

(47) Sim (8) Não (1) NR

b. Quantas comunidades existem na sua paróquia?

561 (arquidiocese).

c. Que dificuldades a paróquia encontrou para se organizar em comunidades?

1. Nossa Igreja ainda é muito “clericalista”, depende muito do padre;
2. Mudanças muito freqüentes de padres;
3. Falta de subsídios para pastorais e movimentos dentro da comunidade para caminharem todos na mesma direção;

4. Dificuldade de descentralizar da matriz as pastorais e movimentos para as comunidades;
5. Falta de consciência do que é CEBs: comunidades muito próximas da matriz e muitas pessoas têm resistência para entender que mesmo que participem das atividades na matriz, devem também integrar-se nas atividades de sua comunidade, ou seja, falta de espírito de pertença; não conseguir superar a mentalidade de que tudo “é melhor” quando acontece na Igreja matriz;
6. Falta de formação e preparação sobre o que são CEBs;
7. Falta de compreensão que CEB não é apenas uma subdivisão, mas um jeito novo de ser Igreja;
8. Não conseguir organizar o conselho de pastoral das comunidades: CPC;
9. Distância geográfica entre as famílias; grande extensão territorial de várias CEBs;
10. Não conseguir formar novos grupos;
11. Resistência e acomodação da parte de diversas lideranças;
12. Falta de novas coordenações, de líderes;
13. Falta de mais e melhores locais para reuniões nas CEBs;
14. Grande desagregação social;
15. Características da vida urbana, por ex., regiões de condomínios;
16. Parte da paróquia é área universitária – é difícil formar comunidade;
17. Rotatividade das pessoas na comunidade, por conta do turno de trabalho e horário.

d. Que benefícios teve a organização da paróquia em pequenas comunidades?

1. Igreja mais perto do povo;
2. Descentralização da matriz e solução de problemas na comunidade;
3. Presença do padre na comunidade (aproximação do padre das famílias);
4. Descentralização do atendimento do padre;
5. Missas nas casas;
6. Mais engajamento de pessoas nas pastorais;
7. Despertar de novas lideranças, uma vez que a pequena comunidade tira a timidez das pessoas;
8. Facilitou a participação dos fiéis;
9. Identificação dos fiéis com a CEB;
10. Reconhecimento dos lugares mais afastados da paróquia;

11. Maior conhecimento da realidade da comunidade;
12. Proximidade que gerou maior participação das pessoas nos eventos e trabalhos da Igreja;
13. Melhor articulação dos trabalhos e da formação para pastorais e movimentos;
14. Acolhida e evangelização dos afastados;
15. Atinge maior numero de residências para o convite à participação;
16. Conhecimento e visita aos enfermos em seu espaço territorial;
17. Maior conscientização e participação na contribuição do dízimo e assistência;
18. Organização para as promoções;
19. Aumento da maturidade cristã que leva a integração e socialização dos paroquianos e, assim, as pessoas se aproximam e se conhecem melhor, partilham e celebram juntas;
20. Encontro de pessoas que moram perto e melhor relacionamento entre vizinhos;
21. Cria grupo de amigos e se tem mais liberdade;
22. União e conhecimento entre as pessoas.

e. Que sugestões se tem a dar?

1. As paróquias que não são organizadas em CEBs devem se estruturar neste tipo de organização;
2. Participação maior dos padres, diáconos e MECE;
3. Maior apoio e acompanhamento dos padres junto aos coordenadores e à comunidade; por ex., após as missas nas CEBs, fazer um pequeno diálogo com a coordenação;
4. Maior atenção da arquidiocese, também com a visita do bispo às paróquias com mais dificuldades;
5. Avaliar melhor a situação das paróquias pequenas;
6. Maior presença das coordenações paroquiais nas comunidades;
7. Projeto de formação de lideranças para a articulação entre matriz e comunidades – padre e paroquianos – formação de lideranças para motivação das comunidades de hoje e criação de novas CEBs;
8. Que a Matriz seja a grande motivadora das atividades desenvolvidas pelas comunidades (articulação entre o nível paroquial e comunitário);
9. Poderia haver duas vezes por ano um encontro com todas as CEBs: isso valoriza mais a caminhada;

10. Encontro dos coordenadores de CEBs na região pastoral para fortalecimento da caminhada;
11. Mais formação sobre os documentos da Igreja;
12. Aprofundar o conhecimento e a experiência do novo jeito da Igreja ser: CEBs;
13. Melhorar a comunicação entre coordenações e pastorais;
14. Maior integração entre as várias comunidades e pastorais;
15. Escolha de um padroeiro para cada CEB;
16. Formar o conselho pastoral da comunidade;
17. Eleição a cada dois anos;
18. Cuidar para que haja uma presença física da Igreja (capelas) em bairros mais distantes da matriz;
19. Maior divulgação dos serviços que acontecem na comunidade, com uso de panfletos e mídia eletrônica / redes sociais / e-mails;
20. Que se priorize a catequese na comunidade;
21. Valorização da Palavra com celebrações semanais nas comunidades;
22. Formar grupos nas CEBs a partir do esquema da iniciação cristã;
23. Trabalhar mais para a participação dos jovens. Sempre fazer convite para novas lideranças (especialmente jovens), principalmente o padre.

f. A organização das paróquias em redes de CEBs e outras pequenas comunidades deve continuar como prioridade no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Não: 3 Regiões Pastorais

1. Porque as CEBs estão bem organizadas na arquidiocese, já são realidade.

Sim: 5 Regiões Pastorais

1. Por ser uma prioridade bíblica, da Igreja no Brasil e na América Latina, e por ajudar o povo a caminhar melhor na sua fé;
2. Porque com as CEBs o trabalho na paróquia fica bem distribuído e ao mesmo tempo todos trabalham pelo bem comum. Assim temos melhor contato com as pessoas da comunidade, uma vez que a CEB consegue nos dias de hoje atingir as pessoas. Sim ainda, porque o plano é excelente e precisamos de mais tempo para desfrutar mais da essência dos objetivos;
3. Contempla todas as ações da Igreja, dinamizando as atividades, despertando

lideranças e motivando o engajamento na Igreja;

4. Porque as pequenas comunidades fortalecem a paróquia;
5. Por ser uma forma de evangelizar em pequenas comunidades e que demandam pouca estrutura;
6. Porque através desta experiência valorizamos mais os leigos;
7. Desperta todas as vocações: ministros ordenados, leigos, missionários, religiosos etc.;
8. Se não tivesse essa organização, a Igreja com certeza já estaria vazia, pois o que ainda motiva é este trabalho em pequenas comunidades;
9. Porque é um jeito extraordinário de ser Igreja;
10. Com as CEBs, a Igreja se torna mais viva, o profetismo se torna mais intenso;
11. As CEBs formam pessoas para atuarem em movimentos sociais, conselhos, partidos políticos etc.; são formadoras de consciência social e política.

1. Com relação ao Projeto 1 – Cartilha Explicativa sobre as CEBs e outras Pequenas Comunidades:

a. O fato de ela não ter sido lançada pela Arquidiocese dificultou a efetivação dessa prioridade?

(36) Sim (16) Não (4) NR

b. Que problemas a Cartilha poderia ter ajudado a solucionar?

1. Serviria de respaldo aos coordenadores de comunidades;
2. Se existe uma diretriz, os problemas poderiam já estar respondidos com as orientações estabelecidas na cartilha;
3. Melhor compreensão sobre a identidade das CEBs;
4. Composição e funcionamento do CPC;
5. Resolver a confusão entre templos (matriz, capelas) e comunidade de pessoas.

c. Este projeto deve ser executado no novo Plano de Ação Evangelizadora para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 8 Regiões Pastorais

1. As paróquias e comunidades precisam ter orientação, método, critérios para seguir; isso gera unidade orgânica e dinâmica;

2. Porque a cartilha facilitará a formação das novas CEBs e fortalecerá as atuais;
3. Para ter subsídios concretos e seguros para organizar as CEBs.

2. Com relação ao Projeto 2 – Fortalecimento dos Grupos de Reflexão através da Catequese de Iniciação Cristã de Adultos¹:

a. Quantos grupos de reflexão existem na sua paróquia?

1.375 (arquidiocese)

b. Quantos grupos novos foram formados de 2009 para cá? 283

c. Quantas pessoas participam dos grupos hoje? 18.414

d. Quantas pessoas novas entraram nos grupos a partir de 2009 para cá? 3.837

e. A preparação para os sacramentos da iniciação cristã dos adultos está sendo feita nos Grupos de Reflexão? (33) Sim (23) Não

f. Que dificuldades a paróquia encontrou para a implantação desse projeto?

1. Falta de novas lideranças;
2. Falta de introdutores para formar novos grupos;
3. A coordenação se perdeu durante o processo;
4. Falta de formação sobre o material;
5. Resistência por parte algumas pessoas, por desconhecimento do material;
6. Inicialmente alguns participantes dos grupos tiveram um pouco de resistência em relação à execução das dinâmicas constantes no material;
7. As explicações nas dinâmicas fazem perder um pouco o objetivo da mensagem;
8. Vocabulário complexo; falta de mais escolaridade das pessoas;
9. Dificuldade de compreensão por parte de participantes idosos;
10. Algumas pessoas não queriam parar de rezar o terço;
11. Falta de acompanhamento: formação e cobrança por parte dos padres;
12. Falta de catequistas preparados e responsáveis; os catequistas preparados não participam de grupos de reflexão (acúmulo de funções);
13. Não poder acolher pessoas novas nos grupos em andamento;
14. Exigência de frequência nas reuniões;
15. O católico não está preparado para a participação, mas só para o sacramento;
16. Dificuldade de locomoção pela insegurança ou falta de acessibilidade

1 Não foi possível ter o total correto das respostas das paróquias. O que está aí é aproximativo.

quando chove;

17. Não priorizar o dia da reunião do grupo; incompatibilidade de horários;
18. Falta de comprometimento, de responsabilidade, de assiduidade, de perseverança, de tempo, comodismo;
19. Vários saíram dos grupos após os sacramentos, principalmente aqueles que fizeram a catequese de adultos;
20. A realidade de algumas paróquias exige uma diferenciação entre grupos de reflexão e de iniciação cristã de adultos; são espaços, objetivos e propostas de trabalhos diferentes. Enquanto nos grupos de reflexão a catequese é permanente, nos grupos de iniciação a catequese é de ocasião, de momento definido (?);
21. Falta apoio de algumas pastorais;
22. Concorrer com a mídia (novela);
23. Evasão para outras igrejas e seitas.

g. Que benefícios teve a implantação?

1. Fortalecimento dos grupos de reflexão;
2. Mudança do conceito de catequese sacramentalista para iniciação à vida cristã;
3. Mostrou o caminho a ser percorrido;
4. Resgate de pessoas afastadas e maior participação;
5. Restauração e conversão das famílias;
6. Envolvimento dos catecúmenos nas comunidades (maior conhecimento das CEBs) e motivação dos grupos (daquelas pessoas que já participavam);
7. Muitos tiveram a oportunidade de conhecer e receber os sacramentos;
8. Crescimento espiritual e amadurecimento da fé;
9. Visível melhora na formação cristã de seus participantes;
10. A entrega dos símbolos colaborou para que os participantes percebessem a progressividade e a sistematização da Iniciação à Vida Cristã;
11. Conhecimento e aprendizado mais profundo da doutrina e dos ritos da nossa Igreja;
12. O material oferece uma formação completa e abrangente; material bom: fácil entendimento, clareza, conteúdo bom e novo, dinâmicas com símbolos; subsídio articulado, bem elaborado; material escolhido é uma catequese;
13. A explicação dos textos bíblicos adaptada ao nosso tempo.

h. Que sugestões se têm a dar?

1. Aprofundar a identidade do grupo de reflexão como formador de discípulos

- missionários;
2. Incentivar e efetivar a implantação do ministério do introdutor;
 3. Material com encontros menores para serem aplicados em 1 hora;
 4. O material ser menos denso, mais direto e simples, que dê oportunidade para as pessoas falarem e refletirem;
 5. Usar o material em todos os setores da evangelização (pastorais e movimentos);
 6. Dar continuidade com material que encaminhe os membros dos grupos para a missão;
 7. Continuar com o material de iniciação para os grupos ou paróquias que ainda não fizeram essa caminhada;
 8. Após a *Lectio Divina* elaborar um material sobre as partes da missa, o modo como se vestir e se comportar nas celebrações;
 9. Fazer material de base para o catequista, ou seja, um livro explicativo para o catequista do grupo;
 10. Que haja estudos sobre o Vaticano II em vista do seu jubileu de ouro;
 11. Aprofundar a mistagogia;
 12. Enviar um CD com as músicas;
 13. Investir na motivação e formação, principalmente para atrair mais homens;
 14. Continuar com as formações e o empenho do pároco/catequistas;
 15. Encontro mensal dos coordenadores dos grupos de reflexão com o Padre;
 16. Preparar melhor o catequista;
 17. Formação de catequistas específicos para Grupos de Reflexão;
 18. Formação antes de entregar o material, objetiva e concreta;
 19. Criar uma mentalidade de sucessão da coordenação/ catequistas nos grupos;
 20. Que a paróquia promova a iniciação cristã em grupos específicos e também nos grupos de reflexão que ainda não participaram desse processo;
 21. A catequese com adultos deve continuar com os Grupos de Reflexão;
 22. Criar a possibilidade de ministrar concomitantemente (em paralelo), o material relacionado à catequese de iniciação cristã de adultos, para os participantes que já possuam os sacramentos e que ingressarem nos grupos de reflexão já existentes;
 23. Não exigir demais com relação às faltas, principalmente com os que já têm os sacramentos;
 24. Não distribuir o sacramento sem ter uma verdadeira consciência cristã, pois

- vários só querem facilidade e não compromisso;
25. Que toda nossa arquidiocese reze a mesma cartilha e linha de preparação aos sacramentos, mantendo assim a unidade;
 26. Que haja mais unidade de ação entre as paróquias;
 27. Maior divulgação e incentivo nas comunidades por parte dos padres e meios de comunicação;
 28. Matérias na revista Maringá Missão e informativos paroquiais que divulguem a importância de participar dos grupos;
 29. Melhorar o acolhimento às pessoas;
 30. Visitação às famílias;
 31. Fazer uma missão para atrair novas pessoas;
 32. Trabalhar mais de perto as famílias que recebem as imagens de vários movimentos;
 33. Ter à disposição dos interessados uma ficha de inscrição, junto ao balcão do dízimo.

i. Este projeto deve continuar no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 8 Regiões Pastorais

1. Pois se mostrou uma ação pastoral muito forte e frutuosa. Houve a recuperação de uma catequese de iniciação que não teve oportunidade anterior de ser realizada; percebemos que estamos no caminho certo; é uma catequese permanente que teve resultados positivos;
2. Porque os grupos de reflexão são o alicerce das CEBs e referência da Igreja nos bairros;
3. Porque o material é bom e deve continuar; pela excelência do material, que leva a uma reafirmação da pessoa na fé católica;
4. Porque é um projeto que leva ao encontro com Jesus Cristo;
5. Porque possibilita refletir a Palavra dando abertura para dialogar com Deus;
6. Porque favorece maior participação e surgimento de novas lideranças;
7. Porque sempre tem pessoas novas que querem entrar no grupo, resgatando os afastados;
8. Porque desperta para a missão;
9. Porque nos ajuda a sermos uma igreja mais aberta, missionária e samaritana.

j. Caso as CEBs e outras pequenas comunidades continuem sendo prioridade, sua paróquia sugere algum outro projeto? Qual seria?

1. Em âmbito arquidiocesano, formação para novas lideranças e agentes pastorais, especialmente catequistas;
2. Que a Arquidiocese conheça o Projeto “Acampamento” e apoie as paróquias que estão implantando.

2.1.3- 3ª PRIORIDADE: PROMOÇÃO DA VIDA E AÇÃO SOCIAL

a. Quais são as situações em que a vida está sendo mais desrespeitada na sua paróquia?

3. Drogas; alcoolismo;
4. Falta de segurança; assassinatos (principalmente de jovens); violência contra as crianças, idosos e mulheres; agressões físicas e verbais;
5. Violência no trânsito; falta de passarelas nas rodovias; falta de acessibilidade nos locais públicos e nas Igrejas;
6. Condições ruins na saúde pública; DST;
7. Gravidez precoce; aborto; prostituição;
8. Desestruturação familiar; falta de tolerância no convívio entre as pessoas; estresse (sobrecarga de trabalho), descontrole emocional;
9. Falta de cuidado com o meio-ambiente;
10. Falta de inclusão social dos portadores de necessidades especiais;
11. Falta de moradias dignas;
12. Situações de abandono e indisciplina na escola;
13. Falta de políticas públicas diante dos problemas em geral.

b. Que pastorais, movimentos ou outras organizações da paróquia (ou em parceria com ela) existem que estão diretamente ligadas à promoção da vida e ação social?

- **Pastorais:** da saúde; da criança; da promoção humana; da pessoa idosa; da comunicação; afro; do dízimo, grupos de reflexão, MECE; familiar; da visitação; da escuta.
- **Movimentos:** vicentinos; cristma; amor exigente; RCC; aliança de misericórdia; oficinas de oração e vida.
- Entidades católicas: ARAS/Cáritas; PROMEC; Casa de recuperação João

Paulo II; Recanto Mundo Jovem; Recanto Plantando Vidas; Recanto da Esperança; Associação Bom Pastor; Centro Cultural e Social São Francisco Xavier; Obra de assistência social João XXIII; Projeto Vida Viva; Comunidade de Assistência Bom Pastor; Associação Divina Providência; Associação Viva a Vida; Casa de Apoio Ir. Pedro (Santa Casa); Projeto Bom Samaritano; Casa de Nazaré.

- **Parcerias:** UNISSA – bolsas universitárias, programa de saúde – orientação psicológica e fonoaudiológica, empréstimos de cadeiras de roda, muletas, cadeiras de banho; Obra do Berço; Narcóticos Anônimos; Centros comunitários; Movimento dos Pequenos Agricultores; AA/ALANON; Grupo Ceffas; Medicina Alternativa Bioenergética; Projeto Musical para pessoas carentes; Conselho Tutelar, CMDCA, COMAS, COMUS; Associação de Proteção à Maternidade, Infância e Família; Projeto Girassol; Pescando Mentes; Mesa Brasil (SESI); Lar Antônio Carvalho de Oliveira; Liga de Combate ao Câncer; APAE.

c. Que dificuldades a paróquia encontrou para a promoção da vida e a ação social?

14. Falta de voluntários;
15. Falta de tempo e sobrecarga;
16. Falta maior integração e entrosamento entre as lideranças nas áreas afins;
17. Pouca divulgação dos trabalhos e das pastorais;
18. Resistência de MECEs e indisponibilidade destes;
19. Resistências de pessoas para receberem formação e informação; falta formação específica e continuada para cada pastoral;
20. Situação de miséria localizada em algumas paróquias (gritante);
21. Falta de recursos financeiros, principalmente para ações emergenciais; falta de um maior compromisso financeiro da paróquia com a ação social;
22. Falta de envolvimento nos Conselhos de Saúde e Segurança;
23. Dificuldades em trabalhar com o poder público: falta de apoio, precariedade; descaso dos serviços públicos; descomprometimento dos profissionais da rede publica; falta de políticas públicas na promoção da vida, sobrecarregando as instituições filantrópicas e não governamentais;
24. Individualismo, desinteresse, falta de humildade, comodismo e mentiras de pessoas que são assistidas;

25. Falta de controle na distribuição de alimentos;
26. Falta cadastro único das famílias assistidas.

d. Que benefícios específicos trouxeram, na sua paróquia, as pastorais, movimentos e outras organizações que lutam pela promoção da vida?

1. Existência de uma pluralidade de carismas que oferecem alternativas para quem quer ajudar;
2. Despertar do sentido da caridade na paróquia, tornando-a um lugar de acolhida e de ajuda às pessoas num momento difícil de suas vidas;
3. Ajuda financeira de diversas regiões pastorais a entidades que promovem a vida ligadas à Igreja;
4. Houve maior integração entre pastorais/comunidades;
5. Maior participação das famílias atendidas na Igreja;
6. Surgimento de lideranças;
7. Aumento de voluntários nas pastorais;
8. Mais famílias e pessoas assistidas;
9. Resgate de pessoas em situação de risco;
10. Melhoria da qualidade de vida das famílias assistidas;
11. Resgate a dignidade da vida;
12. Recuperação de dependentes químicos;
13. Redução da mortalidade e desnutrição infantil;
14. Melhora na saúde da criança e do idoso;
15. Maior assistência a enfermos/idosos/deficientes/gestantes/crianças;
16. Cursos para Gestantes;
17. Remédios alternativos;
18. Atendimento psicológico;
19. Trabalho nos hospitais;
20. Organização de uma associação de doadores de sangue;
21. Promoções de algumas famílias com o programa da saúde mental, com alguns resultados de acompanhamento de grupos de psicólogos que acabou proporcionado grandes melhorias;
22. Acompanhamento de nutricionista junto à comunidade, com palestras orientando sobre alimentação e obesidade;
23. Cursos profissionalizantes;
24. Parceria com movimentos populares;

25. Maior consciência de cidadania;
26. Consciência e participação nos conselho de direitos;
27. Descarte de remédios não utilizados, pilhas, baterias de celular, óleo de cozinha, entregues para destino correto, colaborando assim com o meio ambiente.

e. Que sugestões se têm a dar?

1. A Igreja, desde o maior grau hierárquico até as pequenas comunidades, fazer uma profunda reflexão sobre a OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES: concretamente o que se tem feito? Conhecemos verdadeiramente os pobres?
2. Que 10% do dízimo obrigatoriamente sejam destinados às questões sociais;
3. Implantação, implementação e maior integração (plano conjunto) e fortalecimento das pastorais, movimentos, organismos e entidades que trabalham com a dimensão social; formar uma comissão com as lideranças desses serviços que se encontre periodicamente;
4. Incentivar a formação de mais conferências vicentinas;
5. Criação da pastoral carcerária;
6. Criação da Pastoral da Educação;
7. Identificar pessoas dispostas a trabalhar, principalmente homens; incentivo para novos voluntários, fazer o convite nas missas;
8. Formação dos agentes com profissionais especializados;
9. Fazer com que todas as campanhas da fraternidade sejam permanentes na vida da igreja e não só no período da quaresma;
10. Que a Igreja assuma a sua função profética de denúncias dos atos que violem a vida;
11. Que a arquidiocese continue se posicionando criticamente em relação às questões sociais que envolvem os municípios;
12. Cobrar os órgãos públicos para solucionar a questão das calçadas irregulares;
13. Participação efetiva das forças eclesiais nos conselhos municipais para a elaboração e cobrança de políticas públicas;
14. Cobrar mais investimento do poder público na área da saúde;
15. Buscar trabalhar em parcerias com as ONGs, associações de bairro e órgãos públicos que realizam trabalho social;
16. Projeto para prevenção ao uso de drogas, recuperação de dependentes

- químicos e acompanhamento de suas famílias;
17. Esclarecer para as famílias assistidas até onde serão ajudados;
 18. Buscar alternativas e projetos para cuidar e acolher os moradores de rua;
 19. Qualificação de mão-de-obra das pessoas carentes através de cursos profissionalizantes nas comunidades;
 20. Trabalho em relação à obesidade;
 21. Atividades para crianças.

f. A promoção da vida e ação social deve continuar como prioridade no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 7 Regiões Pastorais

1. Porque a principal missão da Igreja é defender a vida. Ela vem desempenhando esse papel e deve continuar, bem como intensificar meios para que os católicos não sejam apenas freqüentadores das celebrações, mas que se comprometam e se empenhem cada vez mais com as ações sociais, a exemplo de Jesus;
2. Pois a igreja deve voltar-se para os excluídos, deve fazer a opção preferencial pelos pobres se tornar realidade;
3. Para demonstrar e colocar nos dias de hoje o exemplo das pequenas comunidades cristãs, que colocaram tudo em comum;
4. Porque um povo bem tratado em suas necessidades, consegue perceber que existe por parte da Igreja uma preocupação de que todos vivam com dignidade e, conseqüentemente, se abre mais para a espiritualidade;
5. Pois estas pastorais é que proporcionam mais esperança e vida para a comunidade.

Não: 1 Região Pastoral

1. Porque esta deve ser uma ação contínua.

1. Com relação ao projeto 1 – Implantação e implementação da Pastoral da Saúde em todas as paróquias:

a. Hoje, a Pastoral da Saúde, nas 3 dimensões, está implantada na sua paróquia?

- Dimensão solidária (cuidado de quem está doente)

- | | |
|--|----------|
| (36) Sim | (20) Não |
| - Dimensão educativo-comunitária (prevenção das doenças) | |
| (25) Sim | (31) Não |
| - Dimensão político-institucional (presença nos órgãos públicos) | |
| (27) Sim | (29) Não |

b. Que dificuldades a paróquia encontrou para a implantação da Pastoral da Saúde?

1. Falta de voluntários;
2. Falta de liderança e organização;
3. Falta de participação dos profissionais da saúde;
4. Falta de informação e formação e falta de interesse nas formações oferecidas;
5. Resistência de muitas pessoas em se aproximar de alguém enfermo, medo de se envolver com o doente e a doença;
6. Falta de aceitação de famílias e enfermos em receber as visitas;
7. Não conseguir vencer a mentalidade assistencialista;
8. Falta de estrutura da saúde pública;
9. Medo de questionar o poder público.

c. Que benefícios a implantação trouxe?

1. O despertar e a presença da Igreja no mundo da saúde e da doença;
2. Compreensão da pastoral nas três dimensões;
3. Engajamento de novas pessoas nesta pastoral;
4. Adesão de profissionais da saúde;
5. Prevenção e orientação a respeito das doenças;
6. Formação permanente (palestras mensais) com temáticas variadas em relação à saúde;
7. Conscientização da comunidade sobre a importância da doação de sangue, com palestras e orientações na comunidade, na escola e campanhas de coletas de sangue na comunidade;
8. Grupo de saúde mental com a ajuda de estagiários da Uningá e atividades de prevenção à doença, realizados pela Associação Viva a Vida: ginástica para a 3ª idade e balé para crianças;
9. Resgate da esperança e melhor qualidade de vida dos doentes e idosos;
10. Felicidade e conforto espiritual dos enfermos e familiares com as visitas;

11. Enfermos e idosos recebem os sacramentos em suas casas;
12. Celebração da eucaristia em hospitais;
13. Missa mensal da saúde;
14. Consultas e remédios aos pobres;
15. Membros das paróquias no conselho de saúde, inclusive na presidência;
16. Fiscalização dos órgãos públicos (postos de saúde);
17. Relação bastante próxima com o Posto de Saúde, pois a participação de um conselheiro (membro da Pastoral da Saúde) ajudou no atendimento de vários casos encontrados pela pastoral e também valorização, por parte do posto, em relação ao trabalho realizado pela paróquia.

d. Que sugestões se têm a dar?

1. Pastoral da saúde ser implantada onde ainda não há;
2. Maior divulgação da pastoral da saúde nas comunidades;
3. Trabalho em conjunto com pastorais e movimentos e pessoas da área da saúde;
4. Maior número de voluntários;
5. Preparação de agentes de saúde pela coordenação arquidiocesana;
6. Formação sobre alimentação saudável;
7. Custeio das despesas nos cursos;
8. Formação para conselheiros nos conselhos de saúde;
9. Atuação na prevenção das drogas e doenças;
10. Projeto nos colégios para dialogar com os alunos (diáconos fariam este trabalho);
11. A Igreja cobrar mais das autoridades políticas (Programa Saúde da Família com médico);
12. Criação de núcleos de saúde das paróquias nos postos de saúde;
13. Visitação aos doentes pelos MECEs;
14. Criação de capelarias hospitalares; pastoral da visitação preparada para atuar em hospitais;
15. Realizar, periodicamente, missa com os enfermos;
16. Recolhimento de medicamentos não usados para serem aproveitados;
17. Aplicação de recursos da paróquia para a compra de fraldas geriátricas.

e. Este projeto deve continuar no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 8 Regiões Pastorais

1. Porque percebemos que ainda se faz muito pouco para se conscientizar (dimensão educativo-comunitária), exigir direitos e deveres (dimensão político-institucional) e atender aos necessitados (dimensão solidária); ainda está em processo de formação; não foi implantada em todas as paróquias;
2. A família necessita de cuidados com doenças físicas, psíquicas e espirituais;
3. Pois é pela pastoral da saúde que os enfermos se inserem nas comunidades;
4. Pela receptividade que teve, comentários positivos dos enfermos;
5. Porque há necessidade de acompanhar as políticas públicas de saúde;
6. Esse projeto ajudou a dar mais atenção por parte do SUS e de nossa comunidade aos doentes.

2. Com relação ao Projeto 2 – Recuperação de Áreas de Preservação Permanente: nascentes, rios e matas ciliares:

a. Sua paróquia constituiu um grupo para realizar esse projeto?

(6) Sim (50) Não

b. Que grupo assumiu essa responsabilidade?

1. Um grupo de jovens tentou;
2. Cursilho;
3. Grupo de Ação social da Paróquia;
4. Os coordenadores de duas comunidades que estão localizadas próximas à única nascente em nossa paróquia: Parque Alfredo Nyffeller;
5. Houve algumas ações em parceria com a secretaria do meio ambiente;
6. ONG água;
7. Lideranças rurais; os produtores rurais que cuidam das suas propriedades com nascentes, plantando mata ciliar;
8. Comissão das águas e da vida;
9. Alguns voluntários do projeto Plantando Vidas, oriundos de nossa paróquia, realizaram algumas ações neste sentido;
10. Em nível estadual existe o Programa Mata Ciliar que foi executado no município pela Emater, IAP e Prefeitura.

c. Já conseguiu recuperar alguma nascente? Quantas?

04 (02 - Córregos Caxias e Caribu).

d. Que dificuldades a paróquia encontrou para a implantação desse projeto?

1. Falta de articular uma equipe para desenvolver os trabalhos;
2. Falta de pessoas interessadas e de conhecimento para assumir o projeto;
3. Faltou esclarecimento;
4. Falta de continuidade do projeto;
5. Demora por parte do poder público;
6. Falta de incentivos e apoio de órgãos responsáveis (ex.: Prefeitura, SEUMA etc.);
7. Não conseguir reunir-se com a secretaria do meio-ambiente;
8. Burocratização da secretaria do meio ambiente;
9. Dificuldades de locomoção e orientações para entrarem nas reservas florestais;
10. Falta de assessoria técnica;
11. Falta de conscientização dos produtores rurais e da população sobre a conservação dessa vegetação.

e. Que benefícios teve a implantação?

1. Mesmo sem implantação, a discussão teve o ponto positivo de impedir a vinda do lixo de Maringá, preservando os mananciais de Sarandi;
2. Aquisição de conhecimento sobre riachos e rios da região;
3. Recuperação de nascentes;
4. Cobranças do poder público;
5. Parcerias com o Cesumar, OAB e Rotary;
6. Elaboração de projetos de recuperação de minas;
7. Conscientização e sensibilização da comunidade em relação às nascentes;
8. Coleta seletiva de lixo;
9. Com a implantação da Mata Ciliar houve incremento importante da flora e da fauna e o fundamental é o aumento do volume de água das nascentes bem como a melhora da qualidade da água.

f. Que sugestões se têm a dar?

1. Reorganizar o conselho municipal do meio ambiente e coleta seletiva;

2. Cobrar que este projeto seja realizado pelos órgãos públicos relacionados e por ONGs; formar comissão arquidiocesana para reivindicar o cumprimento da lei;
3. Reativar o projeto;
4. Visitar as nascentes;
5. Capacitação de pessoas;
6. Envolver profissionais da área ambiental, pois isso pode dar maior credibilidade às iniciativas propostas pelo projeto e despertar maior interesse e sensibilidade para com a recuperação de áreas de preservação permanente;
7. Que tenha uma pessoa capacitada (engenheiro florestal) para dar formação sobre o meio ambiente e formas de preservação para que possa ser implantado;
8. Envolver os estagiários das universidades;
9. Refletir sobre a possibilidade de elaborar projetos ligados à queima da cana-de-açúcar;
10. Projetos sobre o uso correto da água, da destinação do lixo - conscientização ambiental;
11. Redução do uso de agrotóxicos;
12. Ter um espaço apropriado para fazer a destinação correta dos lixos recicláveis, como móveis velhos, eletro- eletrônicos e outros.

g. Este projeto deve continuar no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 4 Regiões Pastorais

1. Pela importância das áreas de preservação e por não ter sido aplicado;
2. Porque nossas nascentes estão ameaçadas e necessitam de ações que as revitalizem;
3. É uma ação de cidadania;
4. Deve permanecer no novo Plano, mas que não cabe à Igreja a *execução* do projeto, pois a prefeitura elaborou o Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica de acordo com a lei federal n. 11.428/2006, que contempla a recuperação de nascentes (rurais e urbanas) do município. Nossa sugestão é que a Igreja *fiscalize* se o que contempla no Plano Municipal está sendo cumprido. Enfim, não cabe à Igreja a execução, mas a fiscalização.

Não: 4 Regiões Pastorais

1. Porque o poder público está realizando; não como projeto do Plano, mas deve haver cobrança sobre o poder público para recuperar as áreas degradadas e trabalho de educação ambiental em conjunto com a comunidade para conscientizar as pessoas sobre a importância de preservação das nascentes e do meio ambiente como um todo.

3. Caso a promoção da vida e ação social continuem sendo prioridade, que outros projetos sua paróquia sugere?

1. Criar associação comunitária forte, por exemplo: cooperativas de reciclagem de lixo;
2. Projeto de economia solidária;
3. Projeto a favor da mulher (mãe solteira, violência);
4. Queima da cana;
5. Uso de agrotóxicos;
6. Ponto de coleta de lixo reciclável em nossas paróquias;
7. Projetos ligados à situação dos moradores de rua.

2.1.4- 4ª PRIORIDADE: JUVENTUDE

a. Quantos grupos de jovens existem hoje na sua paróquia?

1622 (arquiocese).

b. Quantos jovens participam desses grupos? 4.430

c. Que tipos de grupos de jovens são (de qual pastoral ou movimento) e quantos jovens participam de cada um?

1. RCC - 2.405
2. Pós-Crisma - 482
3. PJ - 429
4. Vicentinos - 101
5. Renascer - 85
6. MFC - 75

2 Os números são aproximativos, já que nem todas as paróquias repassaram e há dificuldade na exatidão das que repassaram.

7. JAM - 75
8. Identificados só com a paróquia - 70
9. Cursilho - 53
10. JUFEM - 40
11. JAMP - 30
12. De reflexão (grupo de jovens) - 30
13. Pastoral dos surdos – 30
14. MEJ - 28
15. JUMAS - 25
16. Santo André – 20
17. Legião de Maria - 20
18. Christi - 15
19. Cavanis – 10
20. Caminho Neocatecumenal - 8

d. Que dificuldades a paróquia encontrou para trabalhar com a juventude?

1. Falta de metodologia adequada; alguns jovens não se identificam com o jeito da Igreja se apresentar;
2. Os projetos não são atrativos;
3. Expressão dos jovens de não se sentirem acolhidos, principalmente na liturgia;
4. Falta de atuação da juventude na paróquia;
5. Cronograma não definido prejudicando a participação;
6. Resistência em formar novos grupos;
7. Falta de divulgação dos objetivos para alcançar de fato os jovens;
8. Falta de comprometimento dos jovens;
9. Falta de perseverança dos jovens, pois vão para os grandes centros em busca de trabalho e estudos;
10. Os jovens trabalham e estudam e dificulta formação de grupos, devido aos horários;
11. Falta de articuladores e facilitadores;
12. Dificuldade em manter os coordenadores dos grupos e falta de preparo destas lideranças;
13. Falta de espírito missionário para buscar os jovens que não estão nos grupos;
14. Falta de unidade entre eles; cada grupo ficou em si, vivendo seu carisma,

suas atividades;

15. A aceitação dos jovens da RCC é restringida para a realização de serviços na paróquia;
16. Falta de diálogo e apoio das catequese;
17. Falta de apoio das famílias;
18. Falta de maior apoio do padre e das comunidades;
19. Falta de contato com as pessoas mais experientes;
20. Falta de interação entre as gerações;
21. Influência negativa da internet;
22. Inversão de valores.

e. Que benefícios trouxeram os grupos de jovens?

1. Iniciativa de atividades com jovens;
2. Inserção dos jovens na ação evangelizadora através de pastorais, movimentos e serviços;
3. A juventude traz renovação;
4. Alegria, esperança e ânimo para a comunidade;
5. Renovação na ação evangelizadora da Igreja (liturgia, acolhida, catequese etc.);
6. Respeito mútuo entre jovens e comunidades;
7. Integração com as demais pastorais (ex., pastoral familiar) e contato com os jovens que já estão engajados na Igreja;
8. Eventos que envolvem pessoas de diferentes idades para as atividades proporcionadas (carnaval jovem – caminhada jovem – missão jovem);
9. Jovens que evangelizam outros jovens;
10. Maior participação nas missas;
11. Maior conhecimento da Palavra de Deus e crescimento na fé;
12. Formação de líderes;
13. Despertar de vocações sacerdotais e religiosas;
14. Encontros de jovens e acampamentos;
15. Aprofundamento do compromisso que nasce dos jovens ao se identificarem com sua Igreja e sua comunidade, uma maior consciência do seu papel na sociedade e na família;
16. Atividades foram desenvolvidas a partir da união de forças da juventude, como o projeto “Adote um Anjo” (criança carente) e atualmente a

organização da JMJ;

17. Melhora no convívio familiar e social;
18. Ajuda a afastá-los dos perigos do mundo.

f. Que sugestões se têm a dar para melhorar?

1. Maior integração das pastorais e movimentos que trabalham com jovens e dos jovens com as outras pastorais e movimentos;
2. Criação do Setor Juventude na região pastoral e na paróquia;
3. Que haja respeito mútuo entre o CPP e os jovens;
4. Em relação à paróquia: ao criticar, explicar os motivos e ajudar a fazer o certo, com caridade;
5. Atividades como JMJ que geram união são importantíssimos para o fortalecimento de cada grupo e ações em nível paroquial. Deve-se pensar em mais atividades quando este momento passar;
6. Trabalho intensivo com os jovens por parte da arquidiocese em relação à Jornada Mundial da Juventude;
7. Que as informações de trabalhos ligados à juventude sejam enviadas com antecedência, para nos programar e participar de atividades em nível arquidiocesano;
8. Que haja maior incentivo dos padres;
9. Formação para jovens engajados (arquidiocese) e formação para novos (paróquia);
10. Maior apoio e acolhida das pastorais;
11. Favorecer os espaços dentro da comunidade e interação dos cronogramas;
12. Implantar a PJ nas paróquias;
13. Divulgação dos encontros direcionados aos jovens;
14. Noites de louvor e integração entre os jovens;
15. Meios alternativos e conhecer experiências que deram certo;
16. Evangelizar nas escolas, bairros;
17. Grupos de estudo para conhecer a Bíblia e leitura orante;
18. Usar a comunicação virtual (ex.: site interativo, e-mail, criação de blogs);
19. Encontros de aprofundamento;
20. Momentos de lazer, gincanas, passeios;
21. Shows;
22. Cursinho pré-vestibular;

23. Confeção de material formativo com a linguagem juvenil;
24. Missas com “cara jovem”;
25. Criar a “Cristoteca”;
26. Mais apoio financeiro;
27. Trabalho de conscientização e evangelização permanente nos colégios;
28. Que haja participantes mais velhos trabalhando com os jovens.

g. A juventude deve continuar como prioridade no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 8 Regiões Pastorais

1. Porque a luta pelo engajamento do jovem, tanto em um grupo de oração quanto em outros movimentos e pastorais, é o que vai garantir a continuidade das demais prioridades. Se o jovem não for a prioridade, corremos o risco de não alcançá-lo nesta etapa de vida e, aí sim, a igreja não poderá contar com o seu apoio;
2. Pois os jovens são os mais ameaçados (consumismos, drogas, violência, prostituição, tráfico);
3. Com ela, também nasce um compromisso familiar e renovação de todas as pastorais e movimentos;
4. Porque os jovens vivem um momento de “dispersão” e perda dos valores cristãos;
5. Porque a modernidade proporcionou ao jovem novos compromissos (escola, trabalho, academia), de forma que a religião deixou de ser prioridade e está em processo de abandono;
6. Não temos grupos de jovens articulados em algumas paróquias;
7. Jornada Mundial da Juventude;
8. Os jovens se tornam as novas lideranças das paróquias.

1. Com relação ao Projeto 1 – Escola Missionária da Juventude:

a. Sua paróquia enviou algum jovem para essa escola?

(33) Sim (21) Não (2) NR

b. Que dificuldades a paróquia teve para a participação e perseverança dos jovens nessa escola?

1. Faltou maior divulgação;
2. Falta de jovens interessados;
3. Muitos trabalhos internos na paróquia;
4. Falta de horário: estudo, trabalho, família e namoro; falta de disponibilidade para ficar o fim de semana inteiro na escola;
5. Houve pouca motivação, os trabalhos em nossa paróquia em relação à juventude estavam sem direção;
6. Não conseguimos fazer com que todos os jovens entendessem o sentido de missão no mês missionário;
7. Faltou perseverança dos mesmos;
8. Distância do local das formações;
9. Falta de recursos financeiros;
10. Não houve acompanhamento dos formadores;
11. Faltou, da parte de alguns assessores, fidelidade à doutrina e comunhão com a igreja.

c. Que benefícios teve a escola para a paróquia?

1. Organização da missão jovem; realização de semanas missionárias em algumas paróquias;
2. Aumento da maturidade do jovem;
3. A missão jovem fez os jovens se unirem;
4. Jovens preparados para lidar com outros jovens;
5. Fez surgir o conselho jovem que, aos poucos, está ganhando força e espaço dentro da comunidade;
6. Conhecer outras realidades paroquiais e eclesiais (movimentos);
7. Organização de atividades como cine-pipoca, gincanas, lual.

d. Que sugestões se têm a dar?

1. Continuação da escola missionária com maior divulgação;
2. Criar meios mais acessíveis para que a escola aconteça, com opções mais flexíveis de datas e horários;
3. Etapas feitas em tempo menor, para que não haja dispersão;
4. Sempre estar fazendo uma reciclagem da escola, não deixar “esfriar”;
5. Módulos e encontros nas paróquias para atingir mais jovens;
6. Descentralizar as escolas para as regiões pastorais;

7. Mais turmas;
8. Integração dos jovens com outras pastorais e movimentos;
9. Que seja integrada num projeto de missão;
10. Temas adaptados à realidade da paróquia;
11. Oferecer formação mais profunda, incluindo o Catecismo da Igreja, vida dos santos etc.;
12. A criação de um núcleo de jovens que cuida de assuntos desta parte missionária e planos de evangelização;
13. Jovens para trabalhar na comunicação e que assumam esses planos de evangelização e investir nos eventos;
14. Repasse, apoio e acompanhamento dessas atividades por parte dos padres;
15. Que os formadores sejam fiéis à doutrina da igreja e promovam a comunhão com ela junto aos jovens.

e. Este projeto deve continuar no novo Plano de Ação Evangelizadora para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 7 Regiões Pastorais

1. Pois trata dos objetivos da nossa juventude a partir das orientações da CNBB, gerando uma unidade de nossa arquidiocese com todo o Brasil;
2. A escola é formativa, o que garante o surgimento de novas lideranças, fortalecimento dos grupos e assim os trabalhos atingem seus objetivos;
3. Porque nossas paróquias não têm estruturas missionárias. É preciso criá-las e acompanhá-las;
4. Porque a formação é fundamental para o trabalho com a juventude. Percebe-se que surgiram várias lideranças na arquidiocese através deste projeto;
5. Desperta vocações.

Não: 1 Região Pastoral

1. É importante formar os jovens, mas com outro projeto;
2. Porque devem ser fortalecidos os grupos de pós-crisma.

2. Com relação ao Projeto 2 – Carta Pastoral sobre a Juventude:

a. Sua paróquia recebeu e distribuiu a carta de 2009 para cá?

(48) Sim (8) Não

b. Quantos exemplares foram distribuídos em média por ano?

14.660

c. Em que locais foram distribuídos?

1. Missas; grupos de jovens; missões da juventude; movimentos e pastorais; pastoral do adolescente; pós-crisma; secretaria paroquial; retiro dos crismandos;
2. Colégios; praças da cidade; casas; fábricas; academias.

d. Que dificuldades a paróquia teve para executar esse projeto?

1. Algumas paróquias pediram pouca quantidade de cartas;
2. Os jovens não deram a devida importância para a carta;
3. Faltou incentivo do padre;
4. Não houve um interesse por parte das lideranças e pouco se usou a carta como direcionamento em nossos grupos;
5. Falta de colaboração das demais pastorais e movimentos;
6. Falta de maior acolhida de 01 colégio para a execução do trabalho (entrega das cartas nas salas de aula);
7. Desinteresse dos jovens que receberam a carta (principalmente nos colégios);
8. Falta de pessoal para assumir;
9. Falta de divulgação;
10. Faltou explorar o conteúdo da carta com os jovens.

e. Que benefícios foram trazidos pela carta na sua paróquia?

1. Reconhecimento da importância da juventude para a diocese;
2. Sentiram o interesse e carinho do bispo; aproximação do bispo com os jovens;
3. Motivação, mudança de pensamento, formação de jovens e novos líderes; inspiração e orientação para a juventude;
4. União dos jovens para a entrega da carta;
5. Muitos que leram se interessaram por grupos e pastorais;
6. Fortalecimento dos grupos;
7. Motivou a paróquia a realizar a Semana Missionária da Juventude (realizamos atividades e visitas durante toda a semana, tais como: missa de envio de todos os jovens, visita nas casas [à noite] e nos colégios [manhã, tarde e noite], cine-pipoca, torneio de vôlei, cristoteca e participação no

DNJ);

8. Fez despertar a criatividade para se dirigir aos jovens.

f. Que sugestões se têm a dar?

1. Mais divulgação e empenho dos jovens para chegar a mensagem;
2. Estudar a carta com os jovens sistematicamente;
3. Transformar em vídeo para ser passado nas missas, reuniões e internet;
4. Ser digital para maior divulgação;
5. Auxílio do padre na divulgação;
6. Fazer de uma maneira diferente, criar novo perfil;
7. Temas: jovens e a escola, jovens e a família, jovens e a comunidade;
8. Preço melhor para adquirir mais;
9. Que a carta chegue com tempo suficiente para a programação de algum evento;
10. Que todos os coordenadores paroquiais tenham um encontro com o Arcebispo antes da entrega das cartas.

g. Este projeto deve continuar no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 8 Regiões Pastorais

1. A comunicação direta com o bispo encoraja os jovens a sentirem-se parte da igreja;
2. Pois atinge de forma rápida grande número de jovens;
3. Pois é uma ação atraente e motivadora para muitos jovens, fortalecendo aqueles que já estão nos grupos e despertando o interesse daqueles que ainda não estão engajados;
4. A carta faz com que os jovens não se sintam abandonados pela Igreja e sentem o carinho todo especial por eles.

3. Com relação ao Projeto 3 – Pós-crisma – Grupos de Vivência:

a. Sua paróquia começou a realizar esse projeto?

(40) Sim (13) Não (3) NR

b. Que equipe está coordenando?

(18) Catequese de Adolescentes. Outro - Qual?

1. Articuladores específicos; coordenação paroquial específica para os grupos de vivência; além disso, cada grupo de base possui um assessor facilitando a relação comunidade-paróquia;
2. Adolescentes crismados;
3. Casal;
4. Catequistas;
5. Grupo Filhos da Luz;
6. Pastoral familiar;
7. Grupo Deus é Amor;
8. Grupos de jovens.

c. Que dificuldades a paróquia teve para a implantação desse projeto?

1. A paróquia no todo não assumiu esta prioridade;
2. Falta de conhecimento do projeto;
3. Falta coordenação para desvincular a pastoral de adolescentes do pós-crisma;
4. Falta de pessoas para assumirem - facilitadores;
5. Falta de formação intelectual e doutrinal;
6. Falta acreditar no potencial e qualidade dos jovens;
7. Falta de estímulos por parte de catequistas, catequizandos, famílias e comunidades;
8. Falta de iniciativa, criatividade e empenho;
9. Falta de os adolescentes participarem e perseverarem;
10. Conseguir desvincular a ideia de catequese;
11. O desânimo e pessimismo de muitos que acham que nada vale a pena;
12. Falta de identificar quem deve pertencer a grupos de jovens e ao pós-crisma;
13. Aceitação e acolhida desses adolescentes nos grupos de jovens;
14. Falta de integração entre catequese, pós-crisma e RCC; Os crismandos estão indo direto para o Grupo da RCC;
15. Não foi implantado, porque a pastoral da juventude faz trabalho similar;
16. Falta de local seguro para os encontros;
17. A mentalidade de que o sacramento da crisma é o “fim” e que, portanto, não precisam continuar inseridos na Igreja;
18. Dependência dos pais para sair de casa por causa da idade.

d. Que benefícios a implantação trouxe?

1. Evitar que os grupos de jovens “se inchem” de adolescentes e favorecer que

- os mesmos participem de um grupo apropriado para a sua idade; agregação de adolescentes que não se encaixavam nos grupos já existentes;
2. É muito positivo o fato de a Igreja oferecer um projeto que corresponda à faixa etária que os adolescentes estão vivendo, pois isso causa um sentido de pertença a um grupo e, conseqüentemente, maior engajamento na Igreja;
 3. Inquietação de como trabalhar com esse pessoal;
 4. Um novo método de engajar os jovens/adolescentes;
 5. Criação de um espaço para adolescente;
 6. Contribuição com a formação continuada;
 7. Continuidade nos grupos;
 8. Participação dos adolescentes em ritos, celebrações e sacramentos;
 9. Possibilidade dos jovens se descobrirem como protagonistas da vida da Igreja;
 10. Surgimento de novos grupos;
 11. O ENCAD foi um meio de articular os adolescentes nas regiões pastorais;
 12. Envolvimento de comunidades no processo;
 13. Resgate de jovens já crismados e perseverança dos que vão crismar; evitar que se dispersem após a crisma;
 14. Formação de novas amizades e despertar de valores;
 15. Compromisso cristão;
 16. Ambiente sadio, caminhada de fé e integração.

e. Que sugestões se têm a dar?

1. Que a paróquia assuma de verdade este projeto;
2. Que o projeto continue firme com métodos dinâmicos;
3. Maior divulgação do projeto;
4. Melhoria na comunicação entre as diversas coordenações paroquiais relacionadas ao projeto;
5. Integrar os grupos de jovens (antes e depois) na ação pastoral do pós-crisma (assumirem);
6. Capacitar mais facilitadores e organizar os atuais; formação de jovens para liderarem outros jovens em pastorais e movimentos, especialmente em colégios católicos;
7. Que os adolescentes não liderem sozinhos os grupos, mas sejam sempre acompanhados de adultos;
8. Trabalho sistemático na catequese da crisma para cativar os adolescentes; que os Grupos de Vivência visitem as turmas de crismandos que vão fazer a crisma naquele ano, realizando atividades e incentivando-os a participar do

- pós-crisma; envolvimento de catequistas da 6ª etapa;
9. Maior incentivo por parte das catequistas e famílias;
 10. Conscientizar as famílias mostrando a importância da continuidade dos adolescentes na comunidade;
 11. Envolvimento dos pais no processo de formação dos adolescentes;
 12. Continuar com o ENCAD por região;
 13. Participação do pós-crisma na Missão Jovem;
 14. Formação na paróquia para usar melhor o material;
 15. Que haja mais encontros direcionados a adolescentes na área de liturgia;
 16. Incluir a temática da depressão;
 17. Conciliar uma reflexão temática de 10 a 15 minutos + lazer;
 18. Utilizar mais os meios de comunicação: facebook, celular, blogs;
 19. Priorizar atividades de recreação e criação de espaços onde isso seja possível;
 20. Que se organizem gincanas e atividades esportivas entre as paróquias que têm grupos de pós-crisma;
 21. Renovar a metodologia usada: por ex., promover alguns dos encontros jogando boliche, fazendo piquenique, em forma de gincanas etc., atividades que atraem os adolescentes;
 22. Que os grupos da RCC trabalhem com um público jovem e não adolescente - acima de 17 anos, e não a partir dos 15;
 23. Que o sacramento da crisma seja conferido quando os adolescentes estiverem próximos de ser jovens (14 ou 15); assim haverá o ingresso direto em grupos de jovens.

f. Este projeto deve continuar no novo Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese para 2013-2016? Por que sim? Por que não?

Sim: 8 Regiões Pastorais

1. A adolescência é a primeira etapa da juventude e bem trabalhada é futuro das pastorais e movimentos;
2. Jornada Mundial da Juventude;
3. Pois é uma forma de continuar a evangelizar e manter os adolescentes inseridos;
4. Pois tem dado resultados positivos;
5. Pois os adolescentes são vítimas do mundo moderno e necessitam se agrupar;
6. Por ser uma oportunidade de diálogo com os adolescentes, de levá-los ao

testemunho e de ações de evangelização;

7. Por se tratar de uma fase da vida em que se tem a ideia de que não há mais nada a se fazer na igreja;
8. Pois é uma forma de manter o crismado na Igreja, oferecendo-lhe conteúdos que o ajudarão em sua formação pessoal e profissional. Além disso, no grupo os adolescentes têm a coragem de se expor, falar de sua vida pessoal e de coisas que, muitas vezes, não tem coragem de falar com os próprios pais.

g. Caso a juventude continue sendo prioridade, que outros projetos sua paróquia sugere que sejam assumidos pela arquidiocese?

1. Festival de artes, shows, caminhadas, congressos e seminários; investir em eventos culturais e esportivos;
2. Promover ações de integração da juventude, como jogos, torneios de variadas modalidades esportivas e retiros;
3. Gincana Arquidiocesana;
4. Escola bíblica e encontros de espiritualidade;
5. Encontros de jovens por região pastoral;
6. Estudo do Catecismo para Jovens (YouCat) na Igreja;
7. Integrar os meios de comunicação na ação pastoral, como blogs e sites;
8. Encontro de carismas;
9. Visitas às escolas mostrando os trabalhos já existentes;
10. Intercâmbio entre grupos de diferentes paróquias;
11. Instituir a Pastoral Universitária;
12. Promover a unidade e integração dos grupos diferentes;
13. Incentivar a criação da Juventude Missionária e despertar a “busca” dos jovens afastados; Missão Jovem;
14. Projetos voltados às coordenações da PJ;
15. Participação política e social;
16. Formação vocacional; criar o SAV.

2.2 – SÍNTESE REFERENTE ÀS NOVAS DIRETRIZES 2011-2015

a. O Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil é: “Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia,

à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo”. Diante desse Objetivo, nossa arquidiocese deve assumi-lo como está ou adaptá-lo? Se adaptá-lo, como deveria ser?

1. Assumi-lo como está;
2. Acrescentar os jovens: opção preferencial pelos pobres e pelos jovens;
3. Incluir como UMA Igreja (mesmo modo de pensar e agir).

b. Diante das 5 urgências: Igreja em estado permanente de missão, casa de iniciação à vida cristã, lugar de animação bíblica da vida e da pastoral, comunidade de comunidades e a serviço da vida plena para todos, quais seriam prioridades para nossa arquidiocese? Por quê?

1. Casa de Iniciação à vida cristã;
2. Igreja em estado permanente de missão.

c. Diante da 1ª urgência - Igreja em permanente estado de missão, que projetos ou ações nossa arquidiocese deveria assumir nos próximos 4 anos?

1. Priorizar os jovens; criar ações atrativas para resgatar os jovens afastados e desenvolver um trabalho de evangelização permanente nas escolas públicas e privadas e também nas universidades;
2. Evangelização nas escolas;
3. Missão nas CEBs; investir mais nas CEBs;
4. Cuidar para que haja uma presença física da igreja em bairros cada vez maiores de nossas cidades;
5. Evangelização mais intensa em condomínios – Diante da dificuldade de relacionamento entre as famílias moradoras de condomínios, a sugestão é para que a Arquidiocese direcione esforços visando a evangelização (iniciação cristã) nestes ambientes;
6. Mapear os espaços urbanos como terra de missão. Elencar os grupos que demandam atenção especial;
7. Despertar nos padres a consciência missionária;
8. Escolas missionárias;
9. Reforçar a Infância Missionária;
10. Fundar o COMIPA (Conselho Missionário Paroquial) em todas as paróquias;
11. Usar o mês de outubro (mês missionário) para realizarmos uma grande semana missionária, envolvendo toda a arquidiocese. Fazendo intercâmbio

de missionários através das paróquias;

12. Manter o Projeto Igrejas Irmãs;
13. Realizar intercâmbio de missionários entre as paróquias;
14. Missões populares;
15. Disponibilizar recursos para preparar para a missão pastoral além-fronteira e na arquidiocese;
16. Projetos de comunicação e informatização que pudessem atingir com mais eficácia todas as comunidades cristãs; usar os meios de comunicação para evangelizar;
17. Capacitar leigos;
18. Projeto de visitação (famílias, escolas, hospitais); promover a pastoral da acolhida;
19. Aproveitar os encontros de preparação ao batismo para alcançar os afastados;
20. Possibilitar que a liturgia contemple outras expressões culturais (indígenas, afro-brasileiros, juventude, crianças etc.);
21. Incentivar as devoções populares como meio de evangelização;
22. Incentivar a oração nos ambientes de trabalho respeitando os diferentes credos religiosos;
23. Resgatar os afastados por meio de encontros de primeiro anúncio; mutirão de anúncio;
24. Projeto Anúncio na Praça: organizar um evento na praça das paróquias, com todos os movimentos e pastorais atuando. Utilizando de artes (música, teatro e dança), além do anúncio da Palavra de Deus e outras ações sociais.

d. Diante da 2ª urgência - Igreja: casa da iniciação à vida cristã, que projetos ou ações nossa arquidiocese deveria assumir nos próximos 4 anos?

1. Que toda estrutura paroquial seja organizada a partir do esquema da iniciação a vida cristã; toda a comunidade deve ser incentivada a ser espaço de iniciação cristã;
2. Continuar a metodologia do RICA e ampliá-la para outros organismos eclesiais;
3. Trabalhar o novo perfil do evangelizador como introdutor e catequista;
4. Formação para catequistas em nível de região pastoral;
5. Trabalhar a catequese no processo de Iniciação Cristã;
6. Escola de formadores e introdutores;

7. Instituição do ministério de introdutores;
8. Iniciação a partir da família com catequese permanente e continuada;
9. Evangelização personalizada;
10. Levantamento nas Paróquias das situações das pessoas em relação aos sacramentos, e conduzi-las para a Igreja;
11. Organizar e aplicar o “kerygma”, visando realizar o processo de iniciação à vida cristã;
12. Aproveitar as devoções populares como meio de acolher e ponto de partida para uma verdadeira iniciação à vida cristã;
13. Sugerir a implantação do projeto “Formando Discípulos” em todas as paróquias;
14. Encontros com crianças menores de 7 anos de idade de forma catequética;
15. Encontros de primeiro anúncio para pais e padrinhos (1º. Volume do Ninguém Cresce Sozinho- grupo de reflexão).

e. Diante da 3ª urgência - Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral, que projetos ou ações nossa arquidiocese deveria assumir nos próximos 4 anos?

1. Encontros de formação bíblica para as lideranças;
2. Leigos participarem das escolas bíblicas da arquidiocese e criar escolas nas paróquias;
3. Leitura bíblica na catequese e no lar;
4. Tornar conhecidos os documentos oficiais da Igreja;
5. Garantir o funcionamento da escola teológica;
6. Escola teológica para leigos nas paróquias;
7. Promover semanas teológicas;
8. Manter o que já temos: cursos de teologia, preparação para leitores, oficina de oração; retiros e encontros;
9. Leitura orante nos grupos de reflexão e em todas as pastorais e movimentos;
10. Levantamento das famílias que não tem bíblias e doação das mesmas;
11. Formação para leitores;
12. Contribuição dos diáconos e religiosos(as) para a formação bíblica das lideranças;
13. Capacitar equipe de animação para dar cursos bíblicos;
14. Usar os meios de comunicação para aproximar as pessoas da Palavra de

Deus;

15. Homilia catequética;
16. Incentivar os fiéis a trazerem a bíblia para todas as reuniões e encontros, para que assim todos possam ter mais em contato com a Palavra de Deus;
17. Projeto de formação bíblica por região pastoral, com biblistas de renome nacional, em parceria com a ARAS ou PUC, fornecendo certificado;
18. Antes das missas fazer uma breve catequese bíblica;
19. Gincanas bíblicas;
20. Promover eventos festivos e de lazer que envolva todas as paróquias, como olimpíadas, concursos, festivais de música, apresentações, tudo com temas bíblicos.

f. Diante da 4ª urgência - Igreja: comunidade de comunidades, que projetos ou ações nossa arquidiocese deveria assumir nos próximos 4 anos?

1. Utilizar a internet para contato entre as pessoas da comunidade;
2. Preocupação com as comunidades virtuais (sugestão de ter um profissional que alimenta a rede social – ex., catequese por turma);
3. Criar estruturas físicas que favoreçam os trabalhos nas comunidades;
4. Promover adoração do Santíssimo nas comunidades;
5. Incentivar o surgimento de pequenas comunidades afins/ambientais;
6. Resgatar o convívio afetivo através da piedade popular (terços, romarias, novenas);
7. Criar um projeto para trabalhar mais especificamente a pastoral urbana, pois quando falamos de CEBs há muitas pessoas que participam de uma paróquia, mas não residem nela;
8. Incentivar grupos de pessoas solteiras (acima de 30 anos);
9. Trazer religiosas para as paróquias para trabalhar na comunidade;
10. Confraternizações na paróquia, depois entre a região pastoral e talvez até em nível de arquidiocese;
11. Uma campanha para divulgar e incentivar a participação da comunidade em grupos de reflexão, círculos bíblicos.

g. Diante da 5ª urgência - Igreja a serviço da vida plena para todos, que projetos ou ações nossa arquidiocese deveria assumir nos próximos 4 anos?

1. Implantar a pastoral da pessoa idosa;
2. Projeto arquidiocesano em prol das casas de recuperação;

3. Maior enfoque à pastoral do dízimo, para ajudar no projeto de recuperação dos dependentes e assistência aos mais carentes;
4. Divulgar a ARAS na arquidiocese; incentivar as pessoas de participarem dos eventos realizados e apoiados pela ARAS;
5. Incentivar o leigo a participar nos meios políticos;
6. Oferecer apoio jurídico profissional;
7. Integração das pastorais sociais;
8. Meio ambiente – trabalhar na catequese a questão ambiental e a Implementação de um projeto de coleta seletiva do lixo, no qual se ensinaria as pessoas a separarem os resíduos e se formasse uma parceria com cooperativas de reciclagem, as paróquias seriam pontos de coleta desse lixo com a instalação de contêineres onde se poderia depositar o lixo que pode ser reciclado e a cooperativa parceira seria a responsável pela busca e destinação desse material;
9. A Igreja ter a coragem profética de indicar candidatos à vida pública comprometidos com a vida;
10. Cobrar dos governantes as necessidades básicas para uma vida digna;
11. Criar uma cartilha contendo orientações para as pessoas votarem conscientes, a posição da Igreja sobre as decisões políticas e participação e vigilância no cumprimento das leis;
12. Projeto que agregue e acolha todos os tipos de família da sociedade contemporânea de forma que haja, principalmente, o respeito à pessoa humana. Importante que a acolhida seja integral, por inteiro, sem distinção;
13. Fortalecer a Pastoral que cuida de pessoas depressivas;
14. Promover mobilizações, encontros e manifestações que venham em defesa da questão ambiental, social e cultural, como por ex., projeto “Bota Fora” um dia por mês.

h. Em relação a qualquer outra área da arquidiocese, que projetos ou ações sua paróquia sugere que sejam assumidos?

1. Melhor acolhida dos padres em relação aos leigos;
2. Retiros e formações para os leigos;
3. Reflexão sobre grupos, movimentos e MCS católicos de fora da diocese que até pedem dinheiro e que não favorecem o engajamento das pessoas na sua própria paróquia;
4. Campanhas de conscientização sobre consumo de bebidas alcoólicas e drogas; diocese assumir o compromisso de não permitir o consumo de

- bebidas alcoólicas nas suas festas/outros;
5. Efetivar uma fábrica de fraldas geriátricas;
 6. Favorecer a alfabetização de idosos;
 7. Cursos de reaproveitamento de alimentos;
 8. Orientar e promover o reaproveitamento de recicláveis;
 9. Incentivar a Rádio Colméia, através de divulgação e apoio financeiro;
 10. A Igreja continuar incentivando as pessoas a estarem presentes nas sessões da câmara e divulgar as decisões tomadas pelos vereadores;
 11. Participação dos pais na catequese a partir da 1ª etapa, mas não como catequistas e sim como participantes;
 12. Trabalho dos seminaristas e religiosos(as) nas pastorais e movimentos nas paróquias;
 13. Que se tenha um olhar privilegiado e criterioso, como é a opção de Jesus em relação aos pobres e marginalizados, na ajuda pastoral, financeira e pessoal em relação as paróquias mais necessitadas e distantes da sede da arquidiocese, enviando mais padres, seminaristas e leigos para o trabalho missionário nestas paróquias;
 14. Que se tenha uma linguagem comum entre as pastorais, movimentos paroquiais, arquidiocesanos e regiões pastorais; que se tenha uma mesma linguagem entre o clero sobre os sacramentos;
 15. Promover pelo menos 1 evento por ano para tentar reunir todos os católicos da arquidiocese a fim de dar visibilidade ao trabalho da Igreja e difundir sua identidade;
 16. Escola de formação política; projeto de inserção no mundo da política; formar futuros candidatos a cargos públicos; encontros anuais com os mandatários que se dizem católicos;
 17. Maior transparência no boletim informativo da paróquia.

PARTE II – JULGAR

Os Conselhos Arquidiocesanos e o clero, em todos os níveis, decidiram que não se elaboraria um novo plano de ação evangelizadora por inteiro, mas que conservariamos o 22º Plano adaptando-o às novas Diretrizes da CNBB. Por isso, o JULGAR traz um resumo dessas novas Diretrizes, o mesmo que serviu de subsídio para a realização das assembleias paroquiais, das regiões pastorais e da arquidiocese.

1. DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL - CNBB – 2011-2015

1.1- INTRODUÇÃO

A carteira de identidade da Igreja é a evangelização. Ela existe para anunciar o Evangelho, para anunciar o Cristo, caminho, verdade e vida, tanto por palavras quanto por ações. Mas a sua missão precisa ser exercida como “casa e escola de comunhão”. Na verdade, nada evangeliza mais do que o testemunho da comunhão. Ninguém quer entrar numa comunidade desunida. Por isso, a fim de promover uma caminhada orgânica e de conjunto da Igreja no Brasil, a CNBB propõe um Objetivo e Diretrizes Gerais para as dioceses.

Na 49ª assembléia geral, os bispos reunidos em Aparecida-SP, de 04 a 13 de maio de 2010, aprovaram o seguinte **Objetivo Geral** da ação evangelizadora: **“Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo”**. Este objetivo foi assumido por todos os bispos para a realização dos planos de suas dioceses.

As novas diretrizes desejam ser uma resposta aos novos desafios desse nosso tempo de transformações radicais que levam as pessoas a se afastar dos valores do Reino de Deus; pedem que em vez de nos assustarmos com essa mudança de época,

confiemos no Senhor crucificado e ressuscitado que tudo venceu e que contemos com sua graça.

“Assim, voltados para o Senhor (Cap. I), as Diretrizes não tiram os pés do chão da realidade (Cap. II). Ao contrário, identificam suas urgências (Cap. III) e propõem caminhos para seu enfrentamento (Cap. IV). Em espírito de comunhão, oferecem, por fim, indicações para que as urgências sejam concretizadas nos planejamentos das Igrejas particulares (Cap. V)” (DGAE 2011-2015, p. 10).

As urgências apontadas pelas novas diretrizes mostram que a Igreja precisa reconhecer-se em **estado permanente de missão** (1ª urgência). Para isso ela deve ser **casa da iniciação à vida cristã** (2ª urgência), **lugar de animação bíblica da vida e da pastoral** (3ª urgência), **comunidade de comunidades** (4ª urgência) e estar a **serviço da vida plena para todos** (5ª urgência). Estas urgências precisam ser assumidas em conjunto porque são partes de um único passo e igualmente irrenunciáveis.

As Diretrizes mostram finalmente que se deve reconhecer a importância que tem o testemunho, já que as pessoas de nosso tempo escutam melhor as testemunhas que os mestres, e nos convoca a todos a sermos testemunhas do ressuscitado.

Acolhamos com abertura de mente e coração, com boa vontade e fé, as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para o período de 2011-2015. Elas apontam caminhos seguros para evangelizarmos como discípulos missionários, reconhecendo os sinais dos tempos e respondendo aos novos desafios que neles se manifestam.

1.2- PARTIR DE JESUS CRISTO

O primeiro capítulo das Novas Diretrizes nos mostra que a Igreja é o Corpo de Cristo: Ele é a cabeça e nós somos os membros. Portanto, toda ação da Igreja brota de Cristo e se volta para Ele e para o Reino do Pai. Sem Cristo, a Igreja não existiria e não teria razão de ser. É em Cristo que a Igreja mergulha seus membros no mistério da Trindade Santa e os faz construir sua vida pessoal e comunitária. Isso significa que “não há, pois, como executar planejamentos pastorais sem antes pararmos e nos colocarmos diante de Jesus Cristo” (nº 4).

A Igreja precisa o tempo todo se voltar para Cristo e reconhecê-lo através de uma atitude orante, contemplativa, fraterna e servidora. Sua ação evangelizadora só será fecunda se ela tiver uma verdadeira paixão por Cristo, se for fascinada e se seu coração arder por Ele. Sem partir de Cristo, a Igreja não edifica e não faz chegar ao

Reino de Deus.

Quem se encontra com Cristo descobre que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida, o Deus verdadeiro. Este encontro faz com que cada pessoa o acolha como Salvador, pela força do Espírito Santo, e a leva a dar uma resposta de amor e compromisso de serviço.

Quem se encontra com Cristo passa a ter atitudes de alteridade e gratuidade. A alteridade faz que o discípulo de Cristo veja o outro como irmão e não como adversário com quem se tem que competir. Ela ajuda a reconhecer que a diferença do outro não é algo para afastar, mas para atrair e complementar. As diferenças convidam “ao respeito mútuo, ao encontro, ao diálogo, à partilha, ao intercâmbio de vida e à solidariedade. Fechar-se no isolamento, no individualismo e em atitudes que transformam pessoas em mercadorias é cair no pecado da idolatria e semear infelicidade. A vida só se ganha na entrega, na doação” (nº 8). Gratuidade significa amar o irmão em Cristo, tendo para com ele atitudes fraternas e solidárias, fazendo o bem sem querer nada em troca. Pela gratuidade se corta a raiz da violência, da exclusão, da exploração e de toda discórdia.

A gratuidade e a alteridade são fontes de paz, perdão e reconciliação. A ação evangelizadora que parte de Cristo trabalha pela reconciliação, o que não significa pactuar com a impunidade, a corrupção e todas as formas de desrespeito aos direitos básicos da pessoa. O coração do discípulo missionário de Cristo é cheio de compaixão e clama por justiça e paz, mas o leva sempre ao perdão e à reconciliação, respondendo ao mal com o bem.

O discípulo missionário de Cristo contempla a realidade discernindo nela a presença do Reino de Deus e trabalhando para que ele cresça cada vez mais. Ele tem para com o projeto do Reino de Deus um compromisso de fidelidade, tão necessário num mundo onde tudo é descartável, até as pessoas.

O discípulo que realiza sua missão a partir de Cristo não trabalha isoladamente. Ao contrário, ele tem um profundo vínculo afetivo e efetivo com a comunidade da Igreja. “A unidade de todos os discípulos missionários, em meio à diversidade de dons, serviços, carismas e ministérios, testemunha o amor trinitário do Pai, pelo Filho, no Espírito” (nº 14). Num mundo marcado pelo individualismo e forte consumismo, “surge a imagem do Deus da troca, do negócio, dando a impressão de que Ele se encontra mais preocupado com o que pode lucrar através de pedidos e reivindicações, notadamente dos que sofrem” (nº 15). O discípulo missionário de Cristo sempre desconfiará destas propostas religiosas e de todas as

propostas que não brotem do amor. Enfim, em toda a sua ação evangelizadora e pastoral, a Igreja precisa partir de Jesus Cristo. Só assim, caminhará com Ele e chegará ao fim com Ele também.

1.3- MARCAS DO NOSSO TEMPO

Para realizar sua missão evangelizadora, o discípulo missionário de Jesus Cristo precisa conhecer a realidade e “nela mergulhar com o olhar da fé, em atitude de discernimento” (nº 17). Cristo, para anunciar-nos o Evangelho do Reino, se encarnou, assumiu nossa condição, entrou na nossa história. Ele nos enviou para ser “sal da terra”, “luz do mundo” e “fermento na massa”. Isso significa que a terra, o mundo, a massa, é o lugar onde devemos evangelizar. Não somos anjos e não vamos evangelizar os anjos, mas pessoas situadas historicamente em uma cultura, num lugar, num determinado tempo. Por isso, temos que conhecer as realidades do mundo e enfrentar corajosamente toda hostilidade que ele tem em relação a Cristo e seu Reino. Somos fracos, é verdade, mas não podemos ser medrosos e covardes diante da maldade e injustiça do mundo.

As realidades do mundo são complexas e nem sempre é fácil conhecê-lo. Nele há luzes e sombras. Não podemos achar que tudo no mundo é mau. Por isso, nossa atitude deve ser sempre de diálogo, visão crítica e solidariedade para com todos, especialmente com os mais pobres. O mundo oferece diversos elementos comuns que nos permitem estabelecer princípios para ação.

Nosso tempo está marcado por transformações tão profundas que dizemos não mais viver numa “época de mudanças, mas numa mudança de época” (nº 19). A globalização é algo que não apenas atinge todos os recantos do planeta, mas todos os setores da vida humana, afetando os critérios de compreensão e julgamento da vida, deixando as pessoas desorientadas, abalando seus valores mais profundos, sua identidade e relações.

Em períodos de mudança de época surgem, de um lado, os que começam a relativizar tudo, oscilando entre as inúmeras possibilidades oferecidas; e de outro, os fundamentalistas, que se fecham em certos aspectos da realidade, não considerando a pluralidade e o todo. Outras atitudes surgem também, como “o laicismo militante, com posturas fortes contra a Igreja e a Verdade do Evangelho, a irracionalidade da chamada cultura midiática, o amoralismo generalizado; as atitudes de desrespeito diante do povo” (nº 20). Os critérios que regem as leis do mercado passam a regular também as relações humanas, incluindo até certas atitudes religiosas. Vigora o

individualismo e os pobres são considerados supérfluos e descartáveis. Acentuam-se o desequilíbrio entre as nações, a depredação do meio ambiente, a dificuldade de acesso à terra e ao trabalho, o comprometimento da cidadania. A função do Estado precisa ser repensada, a fim de que redescubra os valores éticos, supere a corrupção, a violência, o narcotráfico, além do tráfico de pessoas e de armamentos. Em todas essas situações, o discípulo missionário age de acordo com o espírito das bem-aventuranças, sempre promovendo e defendendo a vida, desde o seio materno até a morte natural.

No aspecto religioso, observa-se com preocupação o surgimento de práticas ligadas predominantemente ao emocionalismo e sentimentalismo, onde se leva em conta só o indivíduo e a sua prosperidade material, sua saúde física e sua realização afetiva. O sentido de pertença e de compromisso comunitário fica bastante reduzido. Em vez de se colocar como servo de Deus, muitos se servem d'Ele. Isso adquire força por causa das “incontáveis carências das mínimas condições que grande parte da nossa população tem para enfrentar problemas ligados à saúde, à moradia, ao trabalho e às questões de natureza afetiva” (nº 23).

Períodos assim nos desafiam a discernir, com a ajuda do Espírito santo, os sinais dos tempos, pedem um tipo específico de ação evangelizadora. Estes são tempos propícios para voltar às fontes e buscar os aspectos centrais da fé. E o fundamento não é outro senão Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e sempre.

1.4- 1ª URGÊNCIA - IGREJA EM PERMANENTE ESTADO DE MISSÃO

A Igreja é missionária por essência e natureza. Ela existe para cumprir o mandato de Jesus: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura! Quem crer e for batizado será salvo! (Mc 16,15). Isso significa que a Igreja não pode ser missionária só ocasionalmente. Significa ainda que não são algumas pessoas ou grupos que devem se preocupar com a missão. É toda a Igreja, com todas as pessoas e estruturas, que deve ser missionária, e o tempo todo, em todos os lugares. Por isso, o estado permanente de missão.

Para isso, exige-se suscitar em cada organização eclesial uma forte consciência missionária. É preciso que a Igreja urgentemente saia em todas as direções, proclamando a vitória da vida sobre a morte. E é urgente não para fazer concorrência religiosa nem competição com outras igrejas; tampouco para garantir privilégios para a nossa Igreja. A missão é urgente porque longe de Cristo e do seu Reino, a vida corre perigo. Só com Ele se tem vida plena. Sem Cristo, impera a

cultura da morte.

O nosso tempo faz com que as instituições e tradições se enfraqueçam. Daí a importância da responsabilidade pessoal. O nosso tempo se deixa convencer somente diante do testemunho pessoal. Depois da conversão pessoal, é preciso que aconteça também uma conversão pastoral. Isso significa que é preciso abandonar com firmeza e rapidez as estruturas que não favorecem mais a evangelização, que mais ou menos só conservam as coisas como estão. Precisamos impregnar todas as estruturas eclesiais, todos os planos pastorais, e tudo o que se faz, de uma forte e decidida consciência e ação missionária.

Dessa forma, “a própria comunidade cristã precisa ser ela mesma anúncio, pois o mensageiro é também Mensagem” (DGAE 2011-2015, n° 76). A comunidade cristã reunida no amor e na oração é que irradiará a presença de Deus entre nós. Além disso, é preciso anunciar explicitamente o Evangelho aos mais diversos grupos e pessoas, nas mais variadas modalidades. Cabe a cada comunidade escolher os grupos humanos e categorias sociais que merecem atenção especial, como é o caso dos jovens, das pessoas da periferia, intelectuais, artistas, políticos, formadores de opinião, trabalhadores com grande mobilidade, nômades, moradores de rua, indígenas, afro-brasileiros etc. Cabe visitar sistematicamente os locais de trabalho, as moradias de estudantes, as favelas e cortiços, os alojamentos de trabalhadores, as instituições de saúde, os assentamentos, as prisões, os albergues. A Pastoral da Visitação pode ajudar muito nesse serviço.

É inconcebível, diante da urgência da missão, a existência de comunidades cristãs fechadas em si mesmas, sem relacionamento com a sociedade em geral, com as culturas e com as demais igrejas e religiões. Nessa perspectiva, há que aproveitar os eventos esportivos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, para evangelizar, principalmente a juventude. Os jovens merecem atenção especial. Devemos aproveitar bem a realização da Jornada Mundial da Juventude no Brasil em 2013. Grandes desafios são o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. As dioceses precisam dar passos mais consistentes nesse campo.

Finalmente, temos que nos interpelar sobre a missão em outras regiões além-fronteiras. Temos que começar a enviar missionários ordenados, religiosos e leigos, além das nossas dioceses. É preciso “dar de nossa pobreza”. Uma diocese ou paróquia não pode esperar ter o suficiente número de missionários para si, para só depois enviar aos outros. Se ela pensa assim, nunca amadurecerá. É justamente enviando missionários/as onde há mais necessidade, partilhando o pouco que se

tem, que uma Igreja atingirá a maturidade. Busquemos, então, ser uma Igreja em permanente estado de missão.

1.5- 2ª URGÊNCIA - IGREJA: CASA DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

As Novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil - 2011-2015 - nos mostram que, devido à mudança de época em que vivemos, não se pode mais pressupor que as pessoas tenham recebido o anúncio de Cristo. As bases da fé antes eram dadas pela família e pelo próprio ambiente sócio-cultural cristão. Hoje não se verifica tanto isso. Mesmo quem recebeu algo do anúncio cristão, o recebeu de forma fragmentada. Por isso, o anúncio de Cristo - o Kerigma - precisa ser refeito, fortalecido, ratificado.

A perspectiva que devemos assumir cada vez mais é a catecumenal, ou seja, a do caminho de iniciação à vida cristã, como foi elaborado pela Tradição da Igreja. Desse modo, devemos iniciar as pessoas no seguimento de Cristo desde as bases. Isso vale não só para os não batizados, mas também para os batizados não suficientemente evangelizados. Daí a importância dos grupos de iniciação à vida cristã, com estilo catecumenal, nas paróquias. As pessoas antes de se engajarem numa determinada pastoral, movimento ou qualquer serviço na Igreja, devem passar primeiro pela iniciação cristã.

Para que a Igreja se torne casa da iniciação cristã, é fundamental que ela seja acolhedora, aberta, e saiba dialogar com os demais setores da sociedade. Os líderes da Igreja precisam se preparar para serem introdutores e catequistas. Este deve ser o novo perfil dos líderes, de modo que saibam acolher as pessoas, anunciar-lhes Cristo e levá-las a conhecê-Lo mais profundamente e a segui-Lo por toda a vida.

Nosso modelo catequético ainda é bastante sacramentalista. Isto significa que temos os sacramentos como fim e não como meios. Os sacramentos, principalmente o batismo, a crisma e a eucaristia, têm a função de impulsionar a nossa vida cristã, a fim de sermos cristãos maduros e comprometidos com Cristo por toda a vida. Essa é a perspectiva iniciática, catecumenal. Já a catequese sacramentalista, que coloca os sacramentos como fim, faz deles uma espécie de formatura, ou seja, ao recebê-los, as pessoas se afastam da Igreja. Ora, os sacramentos existem para nos engajar no caminho de Cristo para sempre e não para nos afastar dele.

Nossa catequese, portanto, não pode ser ocasional - para receber os sacramentos; precisa ser permanente. Não pode ser apenas para transmitir a doutrina, mas levar a um encontro pleno com a pessoa de Cristo. Precisa ser uma

catequese integral, para formar cristãos, e não apenas para dar sacramento. Para isso, ela precisa valorizar a inspiração bíblica e litúrgica.

Encontramos no Brasil um forte sentimento religioso popular, principalmente de devoção à Nossa Senhora e aos santos. Cabe aproveitar muito bem isso para fazer o processo de iniciação à vida cristã. As novenas, terços, romarias, promessas etc., são uma grande oportunidade para evangelizar.

Outra coisa importante é o atendimento personalizado. As pessoas são consideradas na sociedade apenas como números e tratadas sempre como massa. Hoje, as pessoas querem ser valorizadas na sua subjetividade. Como a grande maioria é católica, nós também tratamos a todos de uma forma massiva. Por isso, é fundamental dar atendimento personalizado. Fazer visitas, ouvir as pessoas, deixá-las falar, acolher com carinho, mostrar a importância de cada um.

É claro que os padres sozinhos não vão conseguir isso. Daí a importância da formação dos leigos. As paróquias precisam ter um projeto de formação básica e também especializada dos leigos, a fim de que possam ajudar a acolher e atender bem as pessoas e levá-las a um encontro com Cristo e ao seu seguimento por toda a vida.

Quando falamos de Igreja aqui, estamos falando principalmente da paróquia. É nela que as pessoas vêm concretamente a Igreja. Vamos cuidar bem de nossas paróquias e vamos fazer delas a casa onde se inicia a vida de fé e seguimento de Cristo.

1.6- 3ª URGÊNCIA - IGREJA: LUGAR DE ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL

Para se tornar discípulo missionário de Jesus Cristo, é preciso que o “Povo de Deus seja educado e formado claramente para se abeirar das Sagradas Escrituras” (DGAE 2011-2015, nº 44). Para que alguém se inicie na vida cristã, precisa ter contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus. Ela é lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo. A Palavra de Deus está totalmente vinculada com a iniciação cristã, de modo que uma não se dá sem a outra.

Todos temos necessidade do anúncio da Palavra de Deus para podermos experimentar concretamente a força do Evangelho. Porém, as novas gerações é que mais têm necessidade da Palavra pregada e vivida na comunidade da Igreja. O contato com a Palavra na vida da Igreja é força para esse período de incertezas em que vivemos. Hoje, existem muitas falas, aliás, se fala demais, mas há necessidade

de uma palavra que seja referência. Essa palavra é a de Deus, a única que é palavra de vida eterna. É preciso escutar a voz de Cristo no meio de tantas vozes.

Hoje a Bíblia está entre os muitos ruídos; em vez de servir como luz, é usada, muitas vezes, pelos falsos pastores e charlatões, para enganar, em benefício próprio. A Palavra de Deus precisa ser saboreada com alteridade e gratuidade, sem nenhum interesse que não seja o de encontrar Cristo.

Por isso é fundamental que se formem grupos de reflexão, círculos bíblicos e outros, onde a Palavra de Deus seja o centro, e onde as pessoas tenham oportunidade de conhecê-la, meditá-la e vivê-la. É preciso que toda a vida da Igreja se transforme em escola de interpretação e conhecimento da Palavra.

Recomenda-se o uso do método da leitura orante da Bíblia. Rezar não é só falar com Deus, mas dialogar com Ele. Para esse diálogo, é preciso primeiro escutar a Palavra e depois dar uma resposta pessoal e comunitária. A leitura orante nos familiariza com Deus, de modo que em meio à agitação urbana, conseguimos reconhecê-Lo como dois amigos se reconhecem em meio à multidão. Ela não se confunde com a leitura especializada e, portanto, não forma doutores, mas forma santos; e o mundo de hoje precisa mais de santos que de doutores.

Outra coisa importante a se fazer é privilegiar a liturgia como lugar da Palavra. Em nossas celebrações se dá, muitas vezes, mais importância aos sinais sacramentais que à Palavra. Os sacramentos devem ser sempre celebrados com uma abundante mesa da Palavra, a fim de que os fiéis percebam o nexo entre Palavra e sacramento e recebam o alimento completo da fé, da esperança e da caridade.

As paróquias devem tomar iniciativas no sentido de propiciar que todos tenham a Bíblia, especialmente os mais pobres. Como alguém pode conhecer a Palavra se não a tem em casa, no trabalho e nos ambientes em que vive?

As paróquias devem organizar equipes de animação bíblica, que ajudem todas as comunidades, pastorais, movimentos, conselhos e serviços a se inspirarem na Palavra de Deus. A Palavra conhecida e vivida vai trazer um novo ânimo para a vida dos líderes e de todas as pessoas que participam da Igreja, uma vez que muitos estão desanimados e cansados. A Palavra de Deus vai dar um novo vigor à paróquia. As equipes podem promover cursos, retiros, preparar subsídios e outras coisas, de acordo com sua criatividade, para levar a Palavra a todos. Isso, com certeza, atrairá as pessoas afastadas.

A Palavra de Deus precisa chegar também aos ambientes secularizados, como sejam as escolas e universidades, os meios de comunicação etc. Uma iniciativa

poderia ser a promoção de manifestações artísticas inspiradas na Escritura. Não se deve descuidar da formação continuada dos ministros da Palavra. Atenção especial merece a formação dos leitores e a preparação das homilias. Enfim, que nossas paróquias se tornem lugares de animação bíblica da vida e da pastoral.

1.7- 4ª URGÊNCIA - IGREJA: COMUNIDADE DE COMUNIDADES

Não é possível viver a proposta cristã sem vida em comunidade. O mandamento novo do Senhor: “Amai-vos uns aos outros”, só pode ser vivido em comunidade. A Igreja é a comunidade do Povo de Deus. Jesus se fez nosso irmão para nos ensinar que devemos viver como irmãos. Hoje, ao mesmo tempo em que se percebe uma tendência ao individualismo, se sente também uma sede por união e solidariedade.

As comunidades de nossos dias não são somente territoriais. Temos também comunidades transterritoriais, ambientais, afetivas e virtuais, principalmente entre os jovens. Não importa de que tipo sejam. Importa sim que não é possível ser cristão sem vida em comunidade.

As paróquias são a principal referência da Igreja; é por elas que a maioria das pessoas se relaciona com a Igreja. “Por isso, as paróquias têm um papel fundamental na evangelização e precisam tornar-se sempre mais comunidades vivas e dinâmicas de discípulos missionários de Jesus” (DGAE 2011-2015, nº 57). As diversas formas de vida comunitária devem estar articuladas entre si, formando verdadeiras redes de comunidades.

“Comunidade implica necessariamente convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores” (DGAE 2011-2015, nº 59). Os dois maiores desafios para a vida em comunidade hoje são a aguda urbanização e os ambientes virtuais. A vida na cidade não parece favorecer o convívio e sim o isolamento. As pessoas se esbarram e se atropelam, mas estão distantes afetivamente. Na cidade, a proximidade geográfica é tanta, que as pessoas querem isolamento e privacidade. Isso acaba favorecendo o contato virtual, mas o mesmo não substitui o contato pessoal integral.

Um modelo consagrado de verdadeira vida de comunidade e sinal de vitalidade para a Igreja é o das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). As CEBs se alimentam da Palavra, da fraternidade, da oração e da Eucaristia, partilham a vida, luta por uma sociedade justa e solidária, tornando-se presença da Igreja junto aos mais simples.

Num mundo plural, globalizado, urbanizado e individualista como o nosso, não se pode querer um único modo de ser comunidade. Desde que “sejam alicerçadas na Palavra de Deus, celebrem e vivam os sacramentos, manifestem seu compromisso evangelizador e missionário, principalmente com os afastados, e sejam solidárias com os mais pobres”, precisam ser respeitadas e incentivadas. (DGAE 2011-2015, nº 61). Nenhuma deve querer ter a primazia sobre as outras, evitando-se concorrências. Todas devem estar comprometidas com as diretrizes da ação evangelizadora da Igreja no Brasil e com os planos pastorais das suas dioceses.

As paróquias devem usar toda a criatividade e agirem com rapidez para se tornarem verdadeiras redes de comunidades. Para isso, é fundamental realizarem a setorização, uma vez que a mesma favorece o nascimento de novas comunidades, valoriza os vínculos humanos e sociais, atinge as mais diversas realidades, vai ao encontro dos afastados, promove novas lideranças e faz com que a iniciação cristã aconteça no ambiente em que as pessoas vivem.

Para a coordenação dessas comunidades, é necessário pensar na diversificação dos ministérios leigos. Eles devem participar não somente da execução, mas principalmente da elaboração e das decisões sobre os projetos pastorais das dioceses e paróquias. Os ministros ordenados devem ser formados para valorizar e ajudar os leigos a serem protagonistas da evangelização, promovendo a unidade na diversidade. São de fundamental importância os conselhos pastorais e de assuntos econômicos e as assembleias, em todas as instâncias. São canais verdadeiros e apropriados de participação efetiva de todos.

Para promover o espírito missionário das comunidades, deve ser incentivado o projeto “paróquias-irmãs”, tanto dentro quanto fora da diocese. Ele estimula a partilha e a comunhão tanto dos recursos humanos quanto financeiros entre as Igrejas, fazendo com que amadureçam cada vez mais.

1.8- 5ª URGÊNCIA - IGREJA A SERVIÇO DA VIDA PLENA PARA TODOS

O Evangelho de Cristo é o Evangelho da Vida: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). A missão de Jesus e de seus discípulos foi e sempre será o serviço à vida plena. A condição de miséria em que vivem tantos excluídos contradiz o projeto do Pai. Isso desafia os cristãos a um maior compromisso a favor da cultura da vida. Quem se omitir diante disso será cobrado por Deus e pela história. Somente a paixão pela vida faz vencer a cultura

da morte. O cristão deve ser alguém apaixonado pela vida.

A Igreja, como fez Jesus, deve voltar-se para os excluídos. Deve fazer a opção preferencial pelos pobres se tornar realidade, principalmente pelo seu testemunho. Dar exemplo de pobreza fará com que a Igreja tenha cada vez mais credibilidade. E nesse tempo em que se valoriza tanto o dinheiro, o poder e o prazer, esse seria um testemunho que atrairia muitas pessoas afastadas.

A Igreja deve contemplar hoje o rosto de Jesus chagado nos rostos de tantos sofredores que têm sua vida ameaçada, diminuída e até retirada. É a vida de milhares de seres humanos abortados; a vida sem alimentação, casa, trabalho, lazer, educação, saúde, liberdade, esperança, fé; a vida no planeta, dilapidada pela ganância e irresponsabilidade. Enfim, olhar e atender as urgências da miséria e da exclusão.

E a mudança precisa acontecer a partir dos próprios pobres. “Os pobres e excluídos são sujeitos da evangelização e da promoção humana integral. Em tudo isso, a Igreja reconhece a importância da atuação no mundo da política e assim incentiva os leigos e leigas à participação ativa e efetiva nos diversos setores diretamente voltados para a construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário.” (DGAE 2011-2015, nº 71).

Se a Igreja presta esse serviço à vida, fazendo com que isso se manifeste em opções e gestos concretos, em todas as suas estruturas e prioridades, ela se torna uma Igreja samaritana, que vê, se aproxima, sente compaixão e cura as feridas de quem está caído. As pastorais sociais são os braços da Igreja na defesa, cuidado e promoção da vida. Esse serviço será muito mais eficaz se houver uma pastoral social estruturada, orgânica e integral.

O serviço à vida começa pelo respeito à dignidade da pessoa humana. A família merece um destaque especial, devendo se tornar eixo de toda ação evangelizadora. Para isso contribuirá o trabalho de uma pastoral familiar intensa, vigorosa e frutuosa. É necessário também o trabalho da pastoral da juventude e de adolescentes, consistente e efetiva, para cuidar da vida dos nossos adolescentes e jovens, tão ameaçada pelo perigo das drogas, da violência, do abuso sexual, bem como pela falta de oportunidades e perspectivas de futuro.

O cuidado com o mundo do trabalho precisa também ser uma preocupação da Igreja, principalmente lutando contra o desemprego e o subemprego e apoiando a economia solidária. Atenção especial merecem os migrantes, forçados pela busca de trabalho e moradia, como também o reconhecimento dos direitos das populações

indígena e africana; ainda a pastoral carcerária, como presença eficaz da Igreja junto à população reclusa. Importante campo de ação é educar para preservação da natureza, principalmente da água, e trabalhar por um desenvolvimento sustentável.

Hoje se faz necessário promover uma sociedade que respeite as diferenças e combata o preconceito e a discriminação nas mais diversas esferas. É fundamental incentivar a participação social e política dos leigos nos diversos níveis, principalmente nos Conselhos de Direitos. Cabe à Igreja colaborar no fortalecimento da sociedade civil, no controle social e no serviço em prol da unidade dos povos, aceitando parcerias e sendo parceira de outras instituições.

Tarefa importante é a evangelização do mundo universitário, da comunicação e dos empresários e políticos, uma vez que são os formadores de opinião e os que tomam as decisões, a fim de que elas sejam sempre a favor da cultura da vida. Finalmente, é importante promover o diálogo entre fé e razão e dar a conhecer a Doutrina Social da Igreja, a fim de que se contribua para a construção de uma sociedade justa e solidária.

1.9- CONCLUSÃO - COMPROMISSO DE UNIDADE NA MISSÃO

Estas Diretrizes “representam forte apelo à efetiva unidade. O novo Povo de Deus, ao mesmo tempo em que respeita a diversidade, testemunha igualmente a unidade. Assim, a Igreja no Brasil se tornará, cada dia mais, imagem do Deus-Trindade, sinal escatológico do Reino definitivo, quando Cristo será tudo em todos no amor (1Cor 15,28). O testemunho da unidade (Jo 17,21), indispensável em todos os tempos e lugares, torna-se hoje, ainda mais importante, para que se possa profeticamente interpelar à gratuidade e à alteridade. Através das Diretrizes, a Igreja no Brasil assume seu compromisso de fidelidade a Jesus Cristo e seu mandato missionário (Mt 28,18s), discernindo os sinais dos tempos e os desafios específicos para a Evangelização” (DGAE 2011-2015, nº 140).

III PARTE – AGIR

A Assembleia Arquidiocesana de 15 e 16 de setembro de 2012, depois de conhecer os dados do VER e refleti-los à luz do JULGAR, escolheu, por votação, os objetivos, prioridades e projetos do 23º Plano de Ação Evangelizadora. A partir daí, cada pastoral, movimento, conselho ou organismo ligado aos temas dos projetos escolhidos, desenvolveram o trabalho de formatação dos mesmos. Os delegados da Assembleia voltaram a se reunir em 03 de março de 2013 para acrescentar ou retirar elementos dos projetos apresentados e os aprovaram como segue abaixo.

1. OBJETIVO GERAL DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL:

“Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo”.

2. OBJETIVO GERAL DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ:

“Formar comunidades de discípulos/as de Jesus Cristo que, animados/as pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, se tornem missionários/as a serviço da vida”.

3. PRIORIDADES E PROJETOS

3.1- 1ª PRIORIDADE: ORGANIZAÇÃO DAS PARÓQUIAS EM REDES DE CEBs E OUTRAS PEQUENAS COMUNIDADES

“A **renovação das paróquias** no início do terceiro milênio exige a **reformulação de suas estruturas**, para que sejam uma **rede de comunidades e grupos**, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente

discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão ((Documento de Aparecida, 2007, n. 172, p. 87). Levando em consideração as dimensões de nossas paróquias, é aconselhável a **setorização em unidades territoriais menores**, com equipes próprias de animação e coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região. É recomendável que os agentes missionários promovam a **criação de comunidades de famílias** que fomentem a colocação em comum de sua fé cristã e das respostas aos problemas.” (Documento de Aparecida, 2007, n. 372, p. 170).

“Fruto de longa experiência em muitas regiões do Brasil, destacam-se as CEBs, forma privilegiada de vivência comunitária da fé, inseridas no seio da sociedade em perspectiva profética. Conforme o Documento de Aparecida, elas têm sido verdadeiras escolas que formam cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários, como testemunhas de uma entrega generosa, até mesmo com o derramar do sangue de muitos membros seus. Elas resgatam a experiência das primeiras comunidades, conforme os Atos dos Apóstolos. A Conferência de Medellín reconheceu nelas a ‘célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização’. Elas permitem ao povo chegar a maior conhecimento e vivência da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços de leigos e leigas, à educação da fé dos adultos, ao compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados. Elas são a expressão visível da opção preferencial pelos pobres.” (DGAE 2011-2015, CNBB, 2011, n. 102, p. 78).

3.1.1- PROJETO 01: FORTALECIMENTO DOS GRUPOS DE REFLEXÃO ATRAVÉS DA IMPLANTAÇÃO DE UM PROCESSO DE FORMAÇÃO DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS DE JESUS CRISTO, QUE CONTEMPLA A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS E A LEITURA ORANTE DA BÍBLIA

a. Fundamentação e inspiração:

“Temos **alta porcentagem de católicos** sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, **com identidade cristã fraca e vulnerável**. Isso constitui grande desafio que questiona a fundo **a maneira como estamos educando na fé** e como estamos alimentando a experiência cristã; **desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre ou fragmentada**. Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as a segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora. **Impõe-se a tarefa irrenunciável**

de oferecer modalidade de iniciação cristã, que além de marcar o quê, também dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados. A iniciação cristã, que inclui o querigma, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado. Dá-nos, também, a oportunidade de fortalecer a unidade dos três sacramentos da iniciação, e aprofundar o rico sentido deles. A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira iniciação nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal para os não batizados, seja **na forma do catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequizados**. Esse catecumenato está intimamente unido aos sacramentos da iniciação: batismo, confirmação e eucaristia, celebrados solenemente na Vigília Pascal. Teríamos que distingui-la, portanto, de outros processos catequéticos e formativos que podem ter a iniciação cristã como base.” (Documento de Aparecida, 2007, n. 286-288, p. 134-135).

“A situação do mundo atual levou a Igreja no Vaticano II a propor a **restauração do catecumenato**. O batismo de crianças, que as introduz na vida da graça, exige uma continuação, uma iniciação vivencial nos mistérios da fé (a pessoa de Jesus, a Igreja, a liturgia, os sacramentos) através da catequese. **Este processo catequético possibilita também aos já batizados (adultos, jovens, crianças) assumir conscientemente a própria vida cristã**. Para os não-batizados, a catequese se apresenta como processo catecumenal para a vida cristã.” (CNBB, 2006, n. 36, p. 52).

b. Objetivos (O quê?)

- Proporcionar a todos os grupos de reflexão um processo de formação que leve seus membros a se tornarem discípulos missionários de Jesus Cristo através de 3 etapas:
 - 1ª) Iniciação à vida cristã a partir do esquema proposto pelo RICA (Ritual de Iniciação Cristã de Adultos);
 - 2ª) Continuidade do aprofundamento da doutrina cristã através do conhecimento e vivência dos Sacramentos e Mandamentos;
 - 3ª) Iniciação e experiência da Leitura Orante da Palavra de Deus.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque muitos membros desses grupos não completaram seu processo

de iniciação à vida cristã ou o fizeram de forma muito fragmentada, não atingindo por isso a maturidade cristã;

- Porque os grupos de reflexão estão em certa crise, com sinais de enfraquecimento e desânimo;
- Porque os grupos de reflexão são o “carro-chefe” da arquidiocese com mais de 20 mil pessoas que participam frequentemente;
- Porque os grupos de reflexão são o esteio das CEBs e outras pequenas comunidades, setores e capelas e, ainda, são celeiro de vocações para os ministérios leigos: catequese, liturgia, MECE, dízimo, pastorais, movimentos e outros serviços;
- Porque muitos membros dos grupos de reflexão não tem intimidade com a Palavra de Deus.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Ao começar um grupo de reflexão, se deve seguir o esquema das 3 etapas: 1ª) Iniciação à vida cristã a partir do esquema proposto pelo RICA (Ritual de Iniciação Cristã de Adultos); 2ª) Continuidade do aprofundamento da doutrina cristã através do conhecimento e vivência dos Sacramentos e Mandamentos; 3ª) Iniciação e experiência da Leitura Orante da Palavra de Deus.
- Os grupos já em funcionamento que ainda não passaram por estas etapas deverão fazê-lo;
- Depois que a pessoa concluiu as 3 etapas, será possível então participar de qualquer outro grupo que também já passou pelas 3 etapas;
- Concluídas as 3 etapas, se deve incentivar os membros dos grupos a assumirem a sua missão na Igreja: pastorais, movimentos e serviços paroquiais, tanto da dimensão interna (catequese, liturgia, MECE, pastoral do canto, pastoral familiar etc.) quanto da dimensão externa (pastoral da saúde, da pessoa idosa, da criança, da promoção humana, Cristma, Amor Exigente, Vicentinos etc.).
- Não será conveniente que uma pessoa nova entre no grupo depois de iniciado o processo. Para isso, é necessário juntar as pessoas novas e formar novos grupos;
- Para a formação de novos grupos, será muito importante escolher e preparar “Introdutores”, conforme orientações do RICA. Seria muito importante que

cada CEB tivesse pelo menos um(a) Introdutor(a);

- O conteúdo será desenvolvido através de subsídio próprio: “Ninguém Cresce Sozinho”.

e. Calendarização (Quando?)

- Cada grupo deve continuar sua etapa de onde parou e grupos novos podem ser iniciados em qualquer época do ano, desde que siga o processo passo a passo.

f. Destinatários (Para quem?)

- Para todos os grupos de reflexão que já existem e outros que venham a ser formados.

g. Responsáveis (Quem?)

- Coordenação arquidiocesana e paroquial dos Grupos de Reflexão e padres de cada paróquia.

3.1.2- PROJETO 02: IMPLANTAÇÃO DO CONSELHO MISSIONÁRIO PAROQUIAL (COMIPA) EM TODAS AS PARÓQUIAS A PARTIR DE MEMBROS ESCOLHIDOS PELAS CEBs E MOVIMENTOS

a. Fundamentação e inspiração:

“Assumimos o compromisso de uma grande missão em todo o Continente, que de nós exigirá aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que permitam converter cada cristão em discípulo missionário. Precisamos desenvolver a dimensão missionária da vida de Cristo. A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente. Precisamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança” (Documento de Aparecida, 2007, n. 362, p. 166-167). “Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de

entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favorecem a transmissão da fé” (Idem, n. 365). “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (Idem, n. 370).

“Surge a urgência de pensar estruturas pastorais que favoreçam a realização da atual consciência missionária” ((DGAE 2011-2015, CNBB, 2011, n. 34, p. 38). “Surgem, deste modo, imperativos que colocam a Igreja em estado permanente de missão. Não se trata, portanto, de conceber a atitude missionária ao lado de outros serviços ou atividades, mas de dar a tudo que se faz um sentido missionário, estabelecendo, neste conjunto de atividades desenvolvidas, algumas **urgências** que ajudem todos os batizados a efetivamente se reconhecerem como missionários” (Idem n. 35, p. 39).

b. Objetivos (O quê?)

- Implantar em todas as paróquias o Conselho Missionário Paroquial (COMIPA) para promover a animação e a ação missionária em toda a vida paroquial.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque “a missão da Igreja não pode ser considerada como realidade facultativa ou suplementar da vida eclesial” (DV 93), ou seja, a Igreja é essencialmente missionária;
- Porque nossas paróquias estão voltadas muito mais para uma pastoral de conservação que para uma pastoral decididamente missionária, como nos mostra o Documento de Aparecida, que foi todo elaborado tendo como eixo a formação de discípulos missionários de Jesus Cristo;
- Porque as Novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para o período 2011-2015 tem como objetivo colocar a Igreja em estado permanente de missão, sendo esta sua 1ª urgência;
- Para que a Igreja esteja em estado permanente de missão é necessário que exista um organismo que a ajude realizar esta tarefa;
- Porque temos o COMIDI (Conselho Missionário Diocesano) como órgão arquidiocesano, mas não temos nas paróquias um organismo que promova a animação e a ação missionária; e sem uma equipe responsável as coisas

não se encaminham, muitas vezes nem são assuntos de pauta dos conselhos paroquiais.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- O COMIPA deve ser formado a partir de membros das CEBs, pastorais e movimentos;
- O COMIDI (Conselho Missionário Diocesano) elaborará um manual para capacitar as paróquias na implantação dos COMIPAs (Conselhos Missionários Paroquiais); o mesmo será apresentado pela equipe de assessores diocesanos nas paróquias em 2 momentos: nos CPPs (conscientização de todas as comunidades, pastorais, movimentos e organismos) e na 1ª formação para membros dos COMIPAs;
- O COMIDI providenciará outros subsídios de conscientização sobre a importância dos COMIPAs, como sejam vídeos e folders;
- O COMIDI realizará congressos arquidiocesanos para formação, integração e troca de experiências.

e. Calendarização (Quando?)

- Capacitação da equipe de assessores: 22/02/2013.
- Capacitação para CPPs (1ª visita dos assessores): a partir de março de 2013.
- 1ª Formação para membros dos COMIPAs (2ª visita dos assessores): a partir de abril de 2013.
- Formação mensal para membros dos COMIPAs: maio a setembro.
- Consolidação do COMIPA (3ª visita dos assessores): outubro.
- Escolha de um ou dois membros do COMIPA que serão os representantes paroquiais junto ao COMIDI (Conselho Missionário Diocesano): outubro.
- Apresentação do COMIPA nas missas paroquiais: 20/10/2013 – dia mundial das missões.
- Início do novo ciclo de estudos para os membros do COMIPA: novembro.

f. Local (Onde?)

- A capacitação dos assessores se dará em nível arquidiocesano;
- As demais etapas do processo, durante o primeiro ano, se darão em nível paroquial;
- O acompanhamento, a partir do segundo ano, se dará em nível de região

pastoral e arquidiocesano através dos representantes dos COMIPAs no COMIDI.

g. Responsáveis (Quem?)

- O responsável pela implantação será o COMIDI, com sua equipe de assessores.

3.1.3- PROJETO 03: CRIAÇÃO DE UMA ESCOLA BÍBLICO-TEOLÓGICA POR MÓDULOS EM CADA PARÓQUIA

a. Fundamentação e inspiração:

“Se queremos que as paróquias sejam centros de irradiação missionária em seus próprios territórios, elas devem ser também lugares de formação permanente. Isso exige que se organizem nelas várias instâncias formativas que assegurem o acompanhamento e o amadurecimento de todos os agentes pastorais e os leigos inseridos no mundo (Documento de Aparecida, 2007, n. 306, p. 141). “Para cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam de sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural (Idem, n. 212, p. 102). “A formação abrange diversas dimensões... c) A Dimensão Intelectual: O encontro com Cristo, Palavra feita carne, potencializa o dinamismo da razão que procura o significado da realidade e se abre para o Mistério. Ela se expressa em uma reflexão séria, posta diariamente em dia através do estudo que, com a luz da fé, abre a inteligência para a verdade. Também capacita para o discernimento, o juízo crítico e o diálogo sobre a realidade e a cultura. Assegura de maneira especial o conhecimento bíblico teológico e das ciências humanas para adquirir a necessária competência em vista dos diversos serviços eclesiais que se requeiram e para a adequada presença na vida secular” (Idem, n. 280, p. 131-132). “Nas últimas décadas, observamos na América Latina e no Caribe o surgimento de diversos Institutos de Teologia e Pastoral orientados para a formação e atualização de agentes de pastoral. Nesse caminho, tem-se conseguido criar espaços de diálogo, discussão e busca de respostas adequadas aos enormes desafios enfrentados pela evangelização no Continente. Ao mesmo tempo, tem sido possível formar inúmeros líderes a serviço das Igrejas Particulares” (Idem, n. 344, p.156).

“A formação dos leigos e leigas precisa ser uma das prioridades da Igreja Particular, dado que é um direito e um dever para todos. Ela se torna mais efetiva e frutuosa quando integrada num projeto orgânico de formação, que contemple a formação básica de todos os membros da comunidade e a formação específica e especializada, sobretudo para aqueles que atuam na sociedade, onde se apresenta o desafio de dar testemunho de Cristo e dos valores do Reino” (Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2011-2015, 2011, n. 91, p. 72).

b. Objetivos (O quê?)

- Organizar em todas as paróquias um Curso Básico de Teologia com ênfase bíblica para Leigos e Leigas de todas as comunidades, pastorais e movimentos.

c. Justificativas (Por quê?)

- Não é possível enfrentar os desafios da evangelização em nosso tempo sem uma sólida formação;
- Em todas as assembleias e avaliações aparece a formação como uma necessidade urgente;
- A arquidiocese promove diversos tipos de formação, inclusive teológica, mas o número de participantes ainda é pequeno em relação às necessidades; nas paróquias, a participação será muito maior devido a proximidade e fácil acesso das pessoas;
- Diversas pastorais e movimentos promovem formações sobre as mesmas temáticas básicas da teologia e dispersam recursos humanos e financeiros. Concentrar a formação teológica básica dos leigos numa só escola paroquial fará com que se aproveitem melhor os recursos. A partir do início desse curso nas paróquias, as pastorais e movimentos só poderão dar formações sobre sua área específica, uma vez que a formação básica será dada na paróquia;
- As formações oferecidas geralmente não respeitam a gradualidade, de modo que, em muitas ocasiões, as mesmas pessoas participam do mesmo tipo de formação e com o mesmo conteúdo, e isso desanima os participantes. Sendo por módulos, esse curso vai favorecer a gradualidade;
- Muitas paróquias não tem condições de proporcionar uma formação local permanente dos leigos. Esse curso possibilitará isso, uma vez que receberá professores de fora.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- O curso terá 340 horas, divididas em 4 anos. Sendo assim, serão 85 horas por ano, organizadas em 43 dias, com 2 horas de cada vez. Se a paróquia optar em realizar no esquema de 1 dia por semana, precisará de 10 meses e meio; se optar por 1 semana intensiva (5 dias, 10 horas), precisará de 5 semanas por ano, 1 a cada 2 meses;
- Os professores serão padres, diáconos, religiosas, seminaristas e leigos, autorizados pela arquidiocese. Cada um assumirá 1 ou mais módulos como tenha possibilidade. O professor também assumirá aulas em quantas paróquias ele quiser, conforme sua disponibilidade de horário. Os professores, menos os padres, serão remunerados pelas paróquias onde ministrarem os módulos. O valor será definido pela coordenação geral do curso;
- A seqüência dos módulos não seguirá a lógica da Teologia e sim a da disponibilidade de professores. Essa não é a lógica ideal, mas a possível. Caso contrário, todos os professores deveriam lecionar todos os módulos. Consideraremos uma “certa autonomia” de cada módulo, embora o conteúdo da Teologia seja todo integrado e orgânico. Espera-se que ao final o aluno esteja formado nessa visão de conjunto.
- O aluno que quiser cursar módulos em outras paróquias conforme sua possibilidade de horário, poderá fazê-lo sem problemas;
- A cada início de um novo módulo, serão aceitos novos alunos;
- Cada módulo será concluído com uma avaliação e quem for reprovado deverá refazer o módulo;
- A presença mínima exigida nas aulas será de 75%;
- O aluno receberá um certificado por módulo que concluir, e assim que tiver concluído todos os módulos, receberá o certificado final do Curso de Teologia para Leigos;
- Os alunos deverão ter o material para acompanhar o curso e para estudo pessoal ou de grupo. O mesmo será providenciado pela paróquia;
- O curso terá um material básico de apoio, a fim de dar unidade tanto ao conteúdo dos módulos quanto unidade entre as paróquias, que estarão vendo o mesmo conteúdo em cada módulo. O material adotado é o da “Coleção LBT - Livros Básicos de Teologia”, produzido a partir da experiência dos Cursos de Teologia para Agentes de Pastoral da Arquidiocese de São Paulo (Região Episcopal Lapa), e publicado pelas editoras Siquem (Espanha) e

Paulinas (São Paulo - Brasil);

- O curso está organizado nos seguintes módulos:

I - Teologia Fundamental (20 Horas)

II - Teologia Bíblica I (20 Horas)

III - Teologia Bíblica II (20 Horas)

IV - Teologia Sistemática - Antropologia (10 Horas)

V - Teologia Sistemática - Escatologia (10 Horas)

VI - Teologia Sistemática - Deus e Criação (20 Horas)

VII - Teologia Sistemática - Trindade e Graça I (20 Horas)

VIII - Teologia Sistemática - Trindade e Graça II (20 Horas)

IX - Teologia Sistemática - Cristologia (20 Horas)

X - Teologia Sistemática - Eclesiologia (20 Horas)

XI - Teologia Sistemática - Mariologia (20 Horas)

XII - Teologia Litúrgica I (20 Horas)

XIII - Teologia Litúrgica II (20 Horas)

XIV - Teologia Moral (20 Horas)

XV - Direito Canônico (20 Horas)

XVI - História da Igreja (20 Horas)

XVII - Teologia Espiritual (20 Horas)

XVIII - Teologia Pastoral (20 Horas)

e. Calendarização (Quando?)

- O curso deverá ter início a partir de abril de 2013 em todas as paróquias e prosseguirá até o final de 2016, podendo se tornar permanente depois.

f. Destinatários (Para quem?)

- Para todos os coordenadores e líderes de Igreja em todos os níveis, em primeiro lugar, mas também aberto a todos os leigos interessados.

g. Responsáveis (Quem?)

- Coordenação Arquidiocesana da Ação Evangelizadora e coordenações das regiões pastorais.

3.1.4- PROJETO 04: IMPLANTAÇÃO DA CATEQUESE DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DE INSPIRAÇÃO CATECUMENAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

a. Fundamentação e inspiração:

“Temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável. Isso constitui grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã; desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre ou fragmentada. Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as a segui-lo, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora. Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer modalidade de iniciação cristã, que além de marcar o quê, também dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados. A iniciação cristã, que inclui o querigma, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado. Dá-nos, também, a oportunidade de fortalecer a unidade dos três sacramentos da iniciação, e aprofundar o rico sentido deles. A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira iniciação nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal para os não batizados, seja na forma do catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequizados. Esse catecumenato está intimamente unido aos sacramentos da iniciação: batismo, confirmação e eucaristia, celebrados solenemente na Vigília Pascal. Teríamos que distingui-la, portanto, de outros processos catequéticos e formativos que podem ter a iniciação cristã como base” (Documento de Aparecida, 2007, n. 286-288, p. 134-135).

“Assumir essa iniciação cristã exige não só uma renovação de modalidade catequética da paróquia. Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido em todo o Continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental. Depois, virá a catequese permanente que continua o processo de amadurecimento da fé; nela se deve incorporar o discernimento vocacional e a iluminação para projetos pessoais de vida” (Idem, n. 294, p. 137).

“Considerada como parte da iniciação cristã, a catequese não é uma supérflua introdução na fé, um verniz ou um cursinho de admissão à Igreja. É

um processo exigente, um itinerário prolongado de preparação e compreensão vital, de acolhimento dos grandes segredos da fé (mistérios), da vida nova revelada em Cristo Jesus e celebrada na liturgia (...); implica um longo processo vital de introdução dos cristãos ainda não plenamente iniciados, seja qual for a sua idade, nos diversos aspectos essenciais da fé cristã. Trata, de forma sistemática, de um todo elementar e coerente, que forneça base sólida para a caminhada ‘rumo à maturidade em Cristo’”(CNBB, Diretório Nacional de Catequese, n. 37-38, p. 52-53).

b. Objetivos (O quê?)

- Implantar o modelo de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal na catequese com crianças e adolescentes em todas as paróquias da arquidiocese.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque um número significativo de famílias não tem conseguido mais transmitir a fé aos seus filhos, não podendo mais a catequese pressupor que a iniciação cristã tenha sido dada pela mesma;
- Porque o modelo de catequese sacramentalista e escolar, que temos atualmente, não tem conseguido formar discípulos missionários de Jesus Cristo que perseveram na fé, sendo que boa parte abandona a Igreja após a primeira eucaristia e muitos a abandonam após a crisma;
- Porque a “escolarização” da catequese a associou com o ano civil: escola, tarefas, formatura, férias, o que gerou a falta de compromisso com a oração, a comunidade e a participação nas celebrações litúrgicas.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Neste novo processo a catequese é denominada: “Catequese de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal”que abrange todas as idades de pessoas que se preparam para os sacramentos de iniciação. Visto que os Sacramentos de Iniciação estão numa total correlação e unidade entre si, não faz sentido usarmos denominações que subdividam a Catequese, como as antigas PI (Pastoral Infantil) e PA (Pastoral de Adolescentes), que não facilitavam uma seqüência entre as “etapas” da catequese e, conseqüentemente, entre os sacramentos iniciáticos;

- O calendário catequético segue o Calendário Litúrgico fazendo o percurso de uma Páscoa à outra. O desmembramento desta prática é feito nos encontros pedagógicos com catequistas e coordenadores;
- O calendário diocesano e paroquial deve prever encontros periódicos com pais ou responsáveis, catequistas e coordenadores. Recomenda-se que os encontros com os pais ou responsáveis sejam de confraternização, precedidos por momentos de espiritualidade e formação a fim de incentivar a participação nas celebrações litúrgicas;
- Para não confundir com as etapas celebrativas da IVC, as etapas da catequese são chamadas de FASES e se organizam assim: Fase 1; Fase 2; Fase 3; Fase 4; Fase 5; Fase 6; FASE 7 e FASE especial (12 anos completos a 17 anos);
- A criança inicia a catequese na FASE 1 aos 8 anos de idade. Cuidem os pais de inscrever as crianças na Fase 1 porque esta será pré-requisito para as FASES seguintes;
- Na Fase 1, o catequizando será levado a despertar sua fé por meio do aprendizado das orações básicas e do conhecimento de Jesus, principalmente através da oração e contemplação dos mistérios do Rosário;
- Na Fase 2, o catequizando será levado a entrar no processo inicial de aprofundamento da fé, sendo ajudado a crer em Jesus Cristo. As Fases 1 e 2 são querigmáticas e correspondem ao primeiro tempo da IVC: o Pré-Catecumenato, o qual não tem nada a ver com o antigo pré da catequese. Os adultos também o fazem. Com este novo modelo de catequese não haverá mais pré-catequese;
- As Fases 3, 4, 5, 6 e 7 correspondem aos tempos do Catecumenato, da Purificação e Iluminação e da Mistagogia. A passagem de um tempo ao outro se dá através das etapas celebrativas próprias conforme orientação do RICA (Ritual da Iniciação Cristã de Adultos);
- Os catequizandos da Fase especial (12 anos completos a 17 anos), sem nenhum sacramento ou mesmo faltando um, fazem três anos de catequese sempre de uma Páscoa à outra. As etapas celebrativas podem ser realizadas todas no último ano e podem coincidir com as etapas celebrativas dos adultos;
- A catequese seguirá um novo método do encontro, o qual, na prática, integra o evangelho da liturgia dominical meditado ou contemplado com o conteúdo da Iniciação à Vida Cristã presente no CIC, adaptado às crianças e

adolescentes de forma orante e catequética.

- Este novo método do encontro percorre o seguinte caminho:

1º) **PREPARAÇÃO:** a) O catequista lê e reza o texto Bíblico previsto.

Estuda a matéria da doutrina proposta e providencia o material do encontro.

2º) **ACOLHIDA:** a) Com uma breve historinha, brincadeira, jogo, ou outra dinâmica necessariamente ligada ao tema do encontro, o catequista faz a acolhida; e em seguida faz o silenciamento através de alguma técnica não demorada, preparando o catequizando para ouvir a Palavra. Ao ler o texto bíblico para a oração, o catequista observa se no texto há personagens, ações, gestos, movimentos: estes facilitam a contemplação; se não houver é mais fácil fazer a meditação.

3º) **AJUDA PARA LER A PALAVRA:** a) Há várias formas de fazer a leitura: proclamada, em silêncio, cada um lê um versículo, leitura de versículos em slides, leitura pausada e depois cada um repete um versículo, leitura em mutirão e outras que o catequista pode criar.

4º) **ENCAMINHAMENTO PARA DEIXAR-SE ILUMINAR PELA MEDITAÇÃO OU CONTEMPLAÇÃO DA PALAVRA, CULMINADO COM A ORAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA:** a) Meditar é refletir e ruminar palavras e/ou versículos do texto bíblico que chamam atenção do orante. O catequista ajuda o catequizando a entrar em oração, ouvir o que o Senhor tem a lhe dizer e dar-lhe uma resposta. A oração é o ponto alto da meditação. Na catequese deve ser com dinâmicas orantes e não longas. b) Uma forma de contemplar é ver quais são os personagens do texto. Observar o que fazem, como agem e reagem, e ouvir o que dizem. A pessoa que entra nesta dinâmica participa da história, compara as atitudes dos personagens com as suas e com a vida ao seu redor, se deixando conduzir pelo Senhor, tirando algum proveito e depois parte em oração e ação como resposta. A oração e a ação é o ponto alto da Contemplação.

5º) **APLICAÇÃO DO CONTEÚDO DA CATEQUESE:** são conteúdos: o Creio, o Pai Nosso, os 10 Mandamentos e Bem-aventuranças, os Sacramentos de Iniciação. Esta doutrina está implícita nos textos bíblicos do Ano Litúrgico; porém é preciso saber concatenar texto bíblico com a doutrina da IVC.

6º) **ORIENTAÇÃO PARA O AGIR:** a) Na hora do encontro - anotar no “Diário Espiritual Catequético”: o que o Senhor lhe pediu através da oração

no encontro; como irá praticar o que o Senhor pediu; uma síntese do conteúdo catequético para lembrar sempre. b) Depois do encontro, o catequista orienta o catequizando a rever como foi sua prática: todas as noites, antes de deitar-se, louvar e agradecer se foi bem; pedir perdão e prometer melhorar, se falhou; rezar e anotar a oração e/ou os sentimentos no diário catequético.

7º) **ENCAMINHAMENTO DA PARTILHA:** Através de uma dinâmica, o catequista ajuda o catequizando a partilhar a experiência feita no encontro. No encontro seguinte, com um diálogo ou alguma dinâmica, o catequista provoca uma partilha com os catequizandos de como foi sua prática.

8º) **ENCERRAMENTO DO ENCONTRO COM UMA BREVE CELEBRAÇÃO:** o catequista celebra na catequese; e convoca a celebrar na comunidade no final de semana.

- Será elaborado um material de apoio para ser usado em todas as instâncias da catequese;
- Toda a mudança acontecerá através de formações específicas de coordenadores e catequistas; exige-se também que todos os catequistas participem da Escola Bíblico-Teológica por módulos na sua paróquia.

e. Calendarização (Quando?)

- Em 2013 implantaremos o projeto da Iniciação à Vida Cristã na Fase Introdutória e nas Fases 1, 2 e 5, sendo progressivamente implantado nas demais Fases nos anos seguintes, até completar o processo na páscoa de 2016.

f. Local (Onde?)

- Nas paróquias.

g. Responsáveis (Quem?)

- Coordenação arquidiocesana e paroquial da Catequese de Iniciação à Vida Cristã de Inspiração Catecumenal.

3.2- 2ª PRIORIDADE: FAMÍLIA

3.2.1- PROJETO 01 - IMPLANTAÇÃO DO SETOR FAMÍLIA OU PASTORAL FAMILIAR EM TODAS AS PARÓQUIAS

a. Fundamentação e inspiração:

“Visto que a família é o valor mais querido por nossos povos, cremos que se deve assumir a preocupação por ela como um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora da Igreja. Em toda diocese se requer uma pastoral familiar ‘intensa e vigorosa’ para proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida, e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados”. (Documento de Aparecida, 2007, n. 435, p. 194).

“Um olhar especial merece a família, patrimônio da humanidade, lugar e escola de comunhão, primeiro local para a iniciação à vida cristã das crianças, no seio da qual os pais são os primeiros catequistas. (...) A Pastoral Familiar poderá contribuir para que a família seja, de fato, lugar de realização humana, de santificação na experiência de paternidade, maternidade e filiação e de educação contínua e permanente da fé” (CNBB, DGAE 2011-2015, 2011, n. 108, p. 83).

b. Objetivos (O quê?)

- Implantar e fomentar a Pastoral Familiar (Setor Família), segundo as orientações do Setor Família da CNBB, ou seja, de acordo com os setores pré-matrimonial, pós-matrimonial e casos especiais, em todas as paróquias da Arquidiocese.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque a família é uma das instituições mais atacadas hoje e vem sofrendo graves crises;
- Porque muitas famílias se desagregaram, com separações e divórcios;
- Porque em muitas famílias não se respeita a vida, o que dá lugar ao aborto, à violência contra crianças, mulheres e idosos, ao abuso sexual e aos vícios do álcool, das drogas, dos jogos e do sexo;
- Porque como a família é célula da sociedade e pequena Igreja doméstica, ao ajudá-la se ajuda ao mesmo tempo toda a sociedade e também a Igreja;

- Porque o trabalho de evangelização em prol da família, realizado por pastorais e movimentos acaba ficando muito fragmentado e é preciso integrá-lo.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Começar integrando os trabalhos já feitos por diversas pastorais e movimentos. No caso do Setor Pré-Matrimonial, juntar representantes da catequese, dos grupos de jovens e toda a equipe de preparação ao matrimônio; no Setor Pós-Matrimonial juntar representantes do MFC, ECC, Encontro Matrimonial, Grupos de Reflexão, Liga das Famílias, RCC, Cursilhos e outros; e no Setor Casos Especiais, juntar representantes dos Vicentinos, Cristina, Amor Exigente e Pastoral da Promoção Humana;
- Convidar pessoas que se interessam por temas familiares e que estejam dispostas a estruturar a Pastoral Familiar em sua paróquia ou comunidade para completar a equipe;
- Estabelecer uma coordenação básica: coordenadores e vices, coordenadores do pré, do pós e dos casos especiais. Esta coordenação
- Utilizar o “Guia de Implantação da Pastoral Familiar na paróquia” produzido pela Comissão Nacional da Pastoral Familiar;
- Estudar, em nível paroquial, o Diretório da Pastoral Familiar (Doc. 79 da CNBB), que orientará sobre todos os elementos e questões básicas.

e. Calendarização (Quando?)

- Espera-se nos próximos 4 anos implantar em todas as paróquias em que a Pastoral Familiar não existe e implementar onde já foi iniciada, a fim de que ao final deste 23º Plano ela esteja estruturada totalmente em todas as paróquias.

f. Local (Onde?)

- Em todas as paróquias.

g. Responsáveis (Quem?)

- Implantação onde não tem: coordenação arquidiocesana da Pastoral Familiar;
- Implementação onde já tem: coordenação paroquial da Pastoral Familiar.

3.2.2- PROJETO 2: ACOMPANHAMENTO DE CASAIS RECÉM-CASADOS

a. Fundamentação e inspiração:

“A ação pastoral organize equipes de apoio para desencadear um processo pedagógico de aproximação ou manutenção do vínculo dos novos casais com a comunidade eclesial. Seja por meio de visitas domiciliares e conversas, seja por meio de reuniões de grupo, retiros e encontros. Ao mesmo tempo, cumpre ajudar os casais a encontrar na comunidade acolhida e respostas aos problemas dos primeiros anos de vida matrimonial.” (CNBB, 2005, n. 282, p. 171).

b. Objetivos (O quê?)

- Efetivar a proposta de que os casais recém-casados recebam acompanhamento por parte da pastoral familiar após a união matrimonial por um período não inferior a cinco anos.

c. Justificativas (Por quê?)

- É importante o casal sentir que a Igreja se preocupa com ele e que ele tem um casal referencial para procurar quando for necessário;
- Os primeiros anos de casamento podem ser difíceis por causa de problemas de adaptação ao novo estilo de vida.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- A Pastoral Familiar da paróquia seja informada pelas secretarias paroquiais sobre a presença de um novo casal (recém-casado) residindo na paróquia e escolha um casal do Setor Família ou indicado por ele que se apresentará ao casal novo como seu acompanhador ajudando-o nestes primeiros anos de vida matrimonial;
- O acompanhamento pode ser feito através de visitas mensais, convites para missas e participação em grupos e eventos da Igreja, da entrega de textos e filmes sobre a família etc.;
- A paróquia pode organizar encontros com esses casais a cada semestre ou a cada ano.

e. Calendarização (Quando?)

- O acompanhamento deve ser permanente.
- Duração do acompanhamento: 5 anos.

f. Local (Onde?)

- Nas paróquias.

g. Responsáveis (Quem?)

- Membros do setor família da paróquia, especialmente do setor pós-matrimonial.

3.2.3- PROJETO 3: ACOLHIDA DAS PESSOAS QUE VIVEM EM SITUAÇÃO DE CASOS ESPECIAIS

a. Fundamentação e inspiração:

“São fatos hoje facilmente constatáveis a revolução comportamental e as dificuldades que os casados enfrentam para viver e perseverar no matrimônio, sobretudo no que tange às finalidades e às propriedades da união conjugal. Principalmente a fidelidade, a abertura à vida e à fecundidade e a dedicação à educação dos filhos. Nesse contexto, a Pastoral Familiar é chamada a dar, com frequência, uma atenção especial às situações de conflito que, no matrimônio e na família, constituem desafios habitualmente presentes em nosso tempo. É tão significativo, atual e urgente, este capítulo que a Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família publicou o “Guia de Orientação para Casos Especiais” (CNBB, 2005, Diretório da Pastoral Familiar, n. 379, p. 223).

Um dos objetivos da Pastoral Familiar é: “Acolher toda e qualquer realidade familiar, para que o ‘programa único do Evangelho continue a penetrar, como sempre aconteceu, na história de cada realidade eclesial’ e especialmente na pequena ‘Igreja Doméstica’” (Idem, n. 461 – 3, p. 266).

“Os casais em segunda união e seus filhos sejam acolhidos, acompanhados e incentivados, conforme sua situação, a participarem da vida da Igreja, segundo as orientações do Magistério.” (CNBB, 2008, n. 133, p. 105).

b. Objetivos (O quê?)

- Acolher os casais que vivem nas chamadas “situações especiais”, que são: situações de conflito, uniões de fato, separação mantendo a fidelidade ao vínculo conjugal, matrimônio canônico precedido por um divórcio civil, casados na Igreja – divorciados civilmente e novamente unidos pelo casamento civil, católicos unidos apenas no civil, crianças e famílias em situação de risco pessoal e social, crianças e adolescentes desprotegidos/

abandonados ou em perigo, atenção aos idosos e famílias de migrantes.

c. Justificativas (Por quê?)

- É preciso valorizar ainda mais a presença desses casais, cada vez mais numerosos, na vida eclesial, testemunhando o amor materno que a Igreja tem por eles.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- As pessoas que irão acompanhar essas situações especiais deverão passar por uma preparação/formação sobre essas questões, oferecida pela arquidiocese;
- Convidar esses casais a se integrarem na Igreja nas mais diversas comunidades, grupos, pastorais e movimentos;
- Promover palestras sobre a situação desses casais, de preferência junto com outros casados na Igreja;
- Levar esses casais para conversas sobre sua situação eclesial com o padre ou com casais do setor casos especiais;
- Aproveitar os encontros de preparação ao batismo e os encontros de pais das crianças e adolescentes da catequese para acolhida desses casais;
- Nos encontros com famílias em situações especiais, procurar ouvi-las a fim de que elas próprias apontem caminhos sobre o que seria melhor para elas na vida paroquial, ou seja, que elas mesmas sejam protagonistas nas soluções para o seu engajamento na vida paroquial;
- Os encontros ou retiros específicos com grupos de casais em nova união seguirão um temário específico preparado pelo Setor Família da arquidiocese;
- Procurar fazer uso sempre da linguagem que mostra o que eles podem em vez de ficar insistindo no que eles não podem.

e. Calendarização (Quando?)

- Projeto permanente.

f. Local (Onde?)

- Nas paróquias.

g. Responsáveis (Quem?)

- Coordenadores arquidiocesanos e paroquiais do Setor Casos Especiais da Pastoral Familiar.

3.3- 3ª PRIORIDADE: JUVENTUDE

“Os jovens e adolescentes constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe. Representam enorme potencial para o presente e o futuro da Igreja e de nossos povos, como discípulos e missionários do Senhor Jesus. (...) Como discípulos missionários, as novas gerações são chamadas a transmitir a seus irmãos jovens, sem distinção alguma, a corrente de vida que procede de Cristo e compartilhá-la em comunidade, construindo a Igreja e a sociedade.” (Documento de Aparecida, 2007, n. 443, p. 198).

“Atenção especial merecem os nossos jovens. A beleza da juventude e os inúmeros desafios para a plenitude de sua vida exigem urgentes iniciativas pastorais nas diversas instâncias de nossa ação evangelizadora. O Documento 85 da CNBB motiva e norteia nossos projetos em vista disso. A crescente participação do Brasil nas Jornadas Mundiais da Juventude nos convida, também, à organização de um caminho que garanta o crescimento da animação dos jovens em vista de sua identidade de discípulos missionários de Jesus Cristo. O combate à apologia e ao uso de drogas, a todo tipo de violência e extermínio de jovens, uma atraente proposta vocacional e a oferta de um itinerário para a organização de seu projeto pessoal de vida contribuirão com a vida plena desta parcela tão significativa de nossa Igreja e da sociedade” (DGAE 2011-2015, 2011, n. 81, p. 67).

“A juventude mora no coração da Igreja e é fonte de renovação da sociedade. Os jovens de todos os tempos e lugares buscam a felicidade. A Igreja continua olhando com amor para os jovens, mostrando-lhes o verdadeiro Mestre – Caminho, Verdade e Vida – que os convida a viver com Ele. Nós, pastores, consideramos urgente e importante o tema da evangelização da juventude para refleti-lo à luz da Palavra de Deus e de tantas riquezas e desafios deste momento histórico-cultural em que vivemos.” (CNBB, 2007, n. 01, p. 09).

3.3.1- PROJETO 01 - PÓS-CRISMA – GRUPOS DE VIVÊNCIA

a. Fundamentação e inspiração:

“Merece especial atenção a etapa da adolescência. Os adolescentes não são crianças nem são jovens. Estão na idade da procura da própria identidade, de independência frente aos pais, de descoberta do grupo. Nessa idade, facilmente

podem ser vítimas de falsos líderes constituindo grupos. É necessário estimular a pastoral dos adolescentes, com suas próprias características, que garanta sua perseverança e o crescimento na fé. O adolescente procura uma experiência de amizade com Jesus.” (Documento de Aparecida, 2007, n. 442, p. 198). “Depois, virá a catequese permanente que continua o processo de amadurecimento da fé; nela se deve incorporar o discernimento vocacional e a iluminação para projetos pessoais de vida” (Idem, n. 294, p. 137).

“Além da pastoral da juventude e em sintonia com ela, é urgente uma pastoral infanto-juvenil mais consistente e efetiva em nossas Igrejas” (CNBB, DGAE 2011-2015, n. 109).

“A preocupação com a evangelização da juventude leva-nos, também, a olhar a crescente busca dos adolescentes por espaços grupais. Na ausência de uma proposta evangelizadora que corresponda às necessidades dos adolescentes, estes acabam se inserindo nos grupos destinados aos jovens. Neste cenário, muitas vezes provocador de respostas equivocadas para adolescentes e também para jovens, necessitamos conhecer e aprofundar os elementos que marcam a vida destes sujeitos, para que a evangelização possa oferecer propostas diferenciadas, segundo cada realidade” (CNBB, doc. 85, 2007, n. 45). “Encaminhar com urgência (“urgente” tanto porque se verifica na realidade dos grupos das Igrejas um fenômeno bastante comum da “adolescência dos grupos de jovens”, como porque é importante garantir uma evangelização que esteja adaptada ao mundo especificamente juvenil que desejamos destacar) a sistematização de uma Pastoral de Adolescentes que desemboque, processualmente, numa evangelização da juventude tomando em conta as realidades psicológicas, biológicas, pedagógicas, teológicas e sociais de uma pessoa dos 12 aos 17 anos.” (CNBB, 2007, n. 171, p. 91).

b. Objetivos (O quê?)

- Criação de uma etapa de evangelização para os adolescentes entre 15 e 17 anos que foram crismados, a fim de ajudá-los no discernimento vocacional e na elaboração de um projeto pessoal de vida para que continuem o processo de amadurecimento na fé.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque é imprescindível eliminar o vazio que há entre o término da catequese da crisma e o início da juventude. Neste período a maioria dos adolescentes

- se afasta da comunidade cristã, e conseqüentemente, não se engaja na Igreja;
- Porque a maioria dos adolescentes fica perdida sobre o que fazer da vida, não tendo projetos para o futuro, o que os faz vítimas, muitas vezes, da violência, da vivência desregrada da sexualidade e de falsos líderes que os influenciam para o uso de drogas, álcool e outros tipos de vícios;
- Porque os adolescentes tem necessidades de partilha, crescimento e amadurecimento num grupo sadio.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Formar Grupos de Vivência, de no máximo 15 adolescentes, que concluíram a etapa de formação para o sacramento da crisma. Na nossa arquidiocese, o costume é ser crismado por volta dos 15 e entrar no grupo de jovens. A finalidade é criar uma nova etapa que acolha os adolescentes crismados entre 15 e 17 anos. Assim, só iriam para o grupo de jovens os que completassem 18 anos;
- A temática dessa etapa terá um tom vocacional: um ano sobre temáticas apropriadas à fase da adolescência, um ano e meio sobre matrimônio, vida familiar e vocação cristã específica: laicato, sacerdócio, vida consagrada; seis meses sobre a escolha da profissão e a conclusão deste ciclo formativo do pós-crisma com a elaboração de um Projeto Pessoal de Vida;
- Promover atividades variadas: acampamentos, passeios, visitas a entidades e outros organismos, gincanas, atividades esportivas e artísticas etc.;
- Realizar atividades entre os crismandos e crismados a fim de incentivar os adolescentes a participarem dos grupos de vivência;
- Encaminhar adolescentes crismados para a formação oferecida pela equipe arquidiocesana através do FLAP (Formação de Lideranças Adolescentes Pós-Crisma);
- Incentivar a participação dos adolescentes crismandos e crismados nos ENCADs (Encontro de Adolescentes Crismandos e Crismados) das Regiões Pastorais;
- Oportunizar encontros de cultura, lazer e esportes entre os grupos de vivência das paróquias da Região Pastoral;
- Seria muito bom que os coordenadores dos grupos de jovens procurassem encaminhar os menores de 18 anos para o Pós-Crisma e não incentivá-los ou até mesmo correr atrás deles para que participem dos seus grupos. Para

isso, é preciso promover uma integração entre este projeto e as pastorais e movimentos juvenis para que cooperem visando, posteriormente, o fortalecimento dos próprios grupos de jovens.

e. Calendarização (Quando?)

- Periodicidade: 3 anos;

f. Destinatários (Para quem?)

- Adolescentes crismados entre 15 e 17 anos.

g. Responsáveis (Quem?)

- Coordenação Arquidiocesana e paroquial do Pós-Crisma.

3.3.2- PROJETO 02 – NUCLEAÇÃO DE NOVOS GRUPOS DE JOVENS

a. Fundamentação e inspiração:

“Diante desses desafios e ameaças sugerimos algumas linhas de ação: a) Renovar, em estreita união com a família, de maneira eficaz e realista, a opção preferencial pelos jovens, em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, dando novo impulso à Pastoral da Juventude nas comunidades eclesiais (dioceses, paróquias, movimentos etc.); b) Estimular os Movimentos eclesiais que têm pedagogia orientada à evangelização dos jovens e convidá-los a colocar mais generosamente suas riquezas carismáticas, educativas e missionárias a serviço das Igrejas locais; (...) d) Privilegiar na Pastoral da Juventude processos de educação e amadurecimento na fé como resposta de sentido e orientação da vida, e garantia de compromisso missionário. De maneira especial, buscar-se-á implementar uma catequese atrativa para os jovens que os introduza no mistério de Cristo, buscando mostrar a eles a beleza da Eucaristia dominical que os leve a descobrir nela Cristo vivo e o mistério fascinante da Igreja. e) A Pastoral da Juventude ajudará os jovens a se formar de maneira gradual, para a ação social e política e a mudança de estruturas, conforme a Doutrina Social da Igreja, fazendo própria a opção preferencial e evangélica pelos pobres e necessitados” (Documento de Aparecida, 2007, n. 446, p. 200-201).

“Desafia-nos, de modo especial, a promoção de um processo de evangelização

que leve em conta as diferentes dimensões da formação integral num caminho que desperte e cultive os jovens e a comunidade eclesial para a irrenunciável dimensão vocacional do grupo. O conceito de formação integral é importante para considerar o jovem como um todo, evitando assim reducionismos que distorçam a proposta de educação na fé, reduzindo-a a uma proposta psicologizante, espiritualista ou politizante” (CNBB, Evangelização da Juventude, 2007, n. 96, p. 64).

b. Objetivo (O quê?)

- Ajudar as paróquias a formarem novos grupos de jovens através de um processo que seja integral e gradual.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque segundo levantamentos estatísticos realizados pela Arquidiocese, constata-se que o número de jovens engajados em grupos nas comunidades paroquiais representa cerca de 1% do total de católicos;
- Porque a Igreja precisa se converter aos jovens para acolhê-los na comunidade eclesial e oferecer-lhes um espaço que promova uma formação integral que os conquiste e os envolva;
- Porque os jovens acreditam em Deus e buscam o sagrado. A Igreja deve promover iniciativas que lhes possibilite fazer um encontro pessoal com Jesus Cristo e que os incentive a uma ação concreta de mudança pessoal e de transformação da sociedade.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Todo o processo de nucleação de grupos de jovens levará em consideração as 8 linhas indicadas pelo Documento 85 da CNBB, Evangelização da Juventude, nn. 96 a 246, a saber: 1ª) Formação integral do discípulo; 2ª) Espiritualidade; 3ª) Pedagogia de formação; 4ª) Discípulos e discípulas para a missão; 5ª) Estruturas de acompanhamento; 6ª) Ministério de assessoria; 7ª) Diálogo fé e razão; 8ª) Direito à vida.
- O Setor Juventude deverá organizar encontros de formação sobre o Documento 85 da CNBB, por região pastoral, com os responsáveis das paróquias - coordenações de jovens e outros indicados pela paróquia – pelo trabalho de nucleação de novos grupos;
- As paróquias realizarão o trabalho de evangelização da juventude procurando

atraí-los com visitas, contatos eletrônicos, promoção de eventos de massa etc. Depois formar grupos que estejam articulados em rede;

- Será importante promover algum evento para os grupos em nível de região pastoral e incentivar a participação de todos no DNJ;
- Promover um encontro arquidiocesano com lideranças a cada ano para avaliar o processo e ir corrigindo rumos.

e. Calendarização (Quando?)

- Encontro de capacitação das lideranças paroquiais responsáveis pelo projeto em nível de região pastoral: uma vez ao ano a partir de 2013;
- Encontro arquidiocesano de revisão e acompanhamento das metas: uma vez por ano a partir de 2014.

f. Destinatários (Para quem?)

- Jovens com idade entre 17 e 29 anos.

g. Responsáveis (Quem?)

- Setor Juventude da Arquidiocese e coordenação paroquial dos jovens.

3.3.3- PROJETO 03 – REALIZAÇÃO DE MISSÕES JOVENS EM OUTUBRO EM TODAS AS PARÓQUIAS

a. Fundamentação e inspiração:

“Privilegiar na Pastoral da Juventude processos de educação e amadurecimento na fé como resposta de sentido e orientação de vida, e garantia de compromisso missionário.” (Documento de Aparecida, 2007, n. 446 d, p. 200).

“Na evangelização da juventude deve-se estar atento ao conjunto da população jovem e não se restringir apenas àqueles que já são atingidos pela ação pastoral da Igreja. Frequentemente os grupos de jovens e suas coordenações se fecham dentro de um pequeno círculo de amigos e conhecidos. Os jovens organizados na Igreja são uma pequena parcela da população jovem. É preciso estimular em todos o espírito missionário para que saiam em missão para levar os outros jovens a um encontro pessoal com Jesus Cristo e o projeto de vida proposta por Ele. Esta é a tarefa de toda a comunidade eclesial”. (CNBB, 2007, n. 175, p. 92).

b. Objetivos (O quê?)

- Organizar um projeto missionário na paróquia, envolvendo os jovens (e também adultos) engajados nas pastorais e movimentos para visitar, convidar e tentar integrar os jovens afastados na vida da Igreja.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque a faixa etária da juventude é a que menos participa da Igreja;
- Porque a Igreja precisa da juventude para não perder o dinamismo da renovação e da mudança;
- Porque embora a maioria dos jovens goste de Jesus, desconhece as razões de sua fé e não estão engajados na Igreja;
- Porque a Igreja precisa conhecer a cultura e a linguagem da juventude atual para evangelizá-la;
- Porque a instabilidade é uma marca da fase da juventude, que pode encontrar em Jesus e na Igreja um “porto seguro” para a sua travessia para a vida adulta;
- Porque a juventude pode ser vulnerável, devido à fase de escolhas, às propostas de falsos líderes, de ideologias materialistas, do consumismo, do consumo e tráfico de drogas, dos vícios do álcool e dos jogos, da violência e do sexo desregrado.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Cada paróquia deve procurar saber onde está a juventude distante da Igreja, e, por conseguinte propor iniciativas para a evangelização deles, sendo que as mesmas deverão ser organizadas e executadas principalmente pelos próprios jovens engajados;
- Cada paróquia fará o seu próprio programa missionário, estabelecendo as atividades, os recursos, as prioridades etc.; contudo, pede-se que siga os critérios estabelecidos pelo Setor Juventude da Arquidiocese, a saber:
1º Passo – Envolvimento do CPP com o apoio dos padres: a Missão Jovem deve ser assumida por todas as estruturas da paróquia, uma vez que a evangelização dos jovens deve ser responsabilidade de todos; outro aspecto importante é o investimento de recursos financeiros para cobrir possíveis despesas com o projeto.
2º Passo – Constituir uma Comissão Paroquial da Missão Jovem: dela

devem fazer parte todos os representantes da pastoral da juventude, do pós-crisma e dos movimentos eclesiais e congregações religiosas que trabalham com juventude, existentes na paróquia. Esta comissão deve contar com a parceria do COMIPA.

3º Passo – Capacitação sobre o “Guia de Orientações” da Missão Jovem: o pároco deverá convidar lideranças de juventude e outras da paróquia para conhecerem e se capacitarem com o subsídio que foi preparado pelo Setor Juventude. Neste “Guia de Orientações” constam os temas do Kerigma, sugestão de músicas de animação, dinâmicas, filmes educativos, sites católicos, roteiros de celebrações, bênçãos, ficha de avaliação da realidade juvenil, leituras sobre juventude etc.

4º Passo – A realização da Missão Jovem:

- Nos trabalhos missionários deverão ser programados, necessariamente: momentos de ir ao encontro dos jovens (visitas nas casas, escolas, hospitais etc.), de anunciar a mensagem do Kerigma como centro da missão (proporcionar um encontro do jovem com a pessoa de Jesus Cristo), de celebrar (missas, pregações, orações etc.), de se divertir (atividades artísticas e esportivas);
- Será entregue aos jovens visitados uma carta redigida pelo Arcebispo, como forma de acolhida do pastor;
- Realizar o envio dos missionários;

5º Passo – O Pós-Missão: ao terminar a missão, fazer uma avaliação das atividades para verificar os acertos e erros e as sugestões para o próximo ano e encaminhar ao Setor Juventude da arquidiocese e ao CPP;

- Os jovens que foram despertados para a vida da Igreja devem ser acolhidos na comunidade: nos grupos de jovens, nas pastorais, movimentos e serviços que eles quiserem conhecer e experimentar para descobrirem o seu lugar na Igreja.

e. Calendarização (Quando?)

- No mês de outubro de cada ano, tanto por ser o mês dedicado às missões como por ser o mês em que se celebra o DNJ (Dia Nacional da Juventude). Porém, o mais importante não é a data e sim a missão, podendo ser realizada em outro tempo que seja mais conveniente para a paróquia.

f. Destinatários (Para quem?)

- Para todos os jovens que não estão engajados na Igreja.

g. Responsáveis (Quem?)

- Setor Juventude arquidiocesano e comissão paroquial dos grupos de jovens.

**3.3.4- PROJETO 04: EVANGELIZAÇÃO NAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES
(através da Pastoral da Educação e Universitária)**

a. Fundamentação e inspiração:

“A Igreja deverá estimular uma educação de qualidade para todos, formal e não formal, especialmente para os mais pobres. Educação que ofereça às crianças, aos jovens e aos adultos o encontro com os valores do próprio país, descobrindo ou integrando neles a dimensão religiosa e transcendente. Para isso, necessitamos de uma pastoral da educação que seja dinâmica e acompanhe os processos educativos, que seja voz que legitime e salogue a liberdade de educação diante do Estado e o direito a uma educação de qualidade para os mais despossuídos” (Documento de Aparecida, 2007, n. 334, p. 151). “É necessária uma pastoral universitária que acompanhe a vida e o caminhar de todos os membros da comunidade universitária, promovendo um encontro pessoal e comprometido com Jesus Cristo e múltiplas iniciativas solidárias e missionárias. Também se deve procurar uma presença próxima e dialogante com membros de outras universidades públicas e centros de estudo” (Idem, n. 343, p. 156).

“Tarefa de grande importância é a formação de pensadores e pessoas que estejam em níveis de decisão, evangelizando, com especial atenção e empenho, os ‘novos areópagos’. Um dos primeiros areópagos é o mundo universitário. Uma consistente pastoral universitária é necessidade em quase todas as Igrejas Particulares. Quanto mais nos empenharmos em conscientizar e capacitar nossos leigos a partir de sua própria profissão, no empenho do diálogo entre fé e razão, estaremos animando sua vocação no mundo e, conseqüentemente auxiliando na melhoria da sociedade” (DGAE 2011-2015, 2011, n. 117, p. 87-88).

b. Objetivos (O quê?)

- Marcar uma presença da Igreja junto à juventude nas escolas de ensino médio e instituições de ensino superior.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque o estudo é que direciona a vida e as decisões dos jovens;
- Porque é nas escolas e universidades que os jovens passam grande parte do

seu tempo;

- Porque nossa presença junto às escolas públicas é quase inexistente. Embora sejam leigas, e respeitamos isso, nossa presença se pode dar em muitas situações e oportunidades que nos são oferecidas e que não aproveitamos;
- Porque em nossa arquidiocese não existe a pastoral da educação e a universitária, que poderiam realizar um trabalho sistemático nesse campo.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- 1º passo: reunir as experiências dos que já realizam algum trabalho nesses espaços, principalmente as experiências do projetos: “Jesus nas escolas” (JNE) - para o ensino médio, “Desperta Jovem” – para o vestibular, e Universidades renovadas – para o ensino superior, ligados à Renovação Carismática Católica;
- 2º passo: reunir as pessoas que trabalham e estudam nas escolas e universidades e estão ligadas às paróquias para ouvir sugestões sobre o que a Igreja pode fazer para atingir os jovens e também para formá-las a fim de que atuem como cristãos naquele ambiente; esse passo seria realizado em cada paróquia com seus paroquianos;
- 3º passo: tentar formar grupos de jovens cristãos que se reúnam periodicamente nas escolas e universidades (onde é permitido) e, ao mesmo tempo, convidar e atrair os jovens desses ambientes para grupos das paróquias; quem sabe até formar grupos só de universitários nas paróquias, por exemplo;
- 4º passo: fazer com que os grupos de jovens da escola/universidade ou da paróquia se tornem os responsáveis pelo trabalho de evangelização na sua escola/universidade ou nas escolas e universidades presentes na região da sua paróquia.

e. Calendário (Quando?)

- 1º e 2º passos: 2013-2014;
- 3º e 4º passos: 2015-2016.

f. Local (Onde?)

- Nas escolas de ensino médio e instituições de ensino superior;
- Nas paróquias.

g. Destinatários (Para quem?)

- Para os estudantes do ensino médio e universitários.

h. Responsáveis (Quem?)

- Setor Juventude da Arquidiocese e grupos de jovens das paróquias.

3.4- 4ª PRIORIDADE: PROMOÇÃO DA VIDA E AÇÃO SOCIAL

“As condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem a esse projeto do Pai e desafiam os cristãos a maior compromisso a favor da cultura da vida. O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Se pretendemos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte: ‘Nós sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Aquele que não ama, permanece na morte’ (1Jo 3,14). É necessário sublinhar ‘a inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo’, que convida todos a suprimir as graves desigualdades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens’. Tanto a preocupação por desenvolver estruturas mais justas como por transmitir os valores sociais do Evangelho situam-se neste contexto de serviço fraterno à vida digna (...) A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do continente. Necessitamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança.” (Documento de Aparecida, 2007, n. 358 e 362, p. 165 e 166).

“O discípulo missionário não se cala diante da vida impedida de nascer seja por decisão individual, seja pela legalização e despenalização do aborto. Não se cala igualmente diante da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé. Torna-se, deste modo, alguém que sonha e se compromete com um mundo onde seja, efetivamente reconhecido o direito a nascer, crescer, constituir família, seguir a vocação, crer e manifestar sua fé, um mundo onde o perdão seja a regra; a reconciliação, meta de todos; a tolerância e respeito, condição de felicidade; a gratuidade, vitória sobre a ambição. O discípulo missionário reconhece que seu sonho por vida eterna leva-o a ser, já nesta vida, parceiro da vida e da vida em plenitude. Daí ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres, implícita à fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza, e que deverá atravessar todas as suas estruturas e prioridades pastorais manifestando-se em opções e gestos concretos. (...) Na solidariedade de uma Igreja samaritana, o discípulo missionário vive o anúncio de um mundo diferente que, acima de tudo, por amar a vida, convoca a

comunhão efetiva entre todos os seres vivos” (DGAE 2011-2015, 2011, n. 69 e 72, p. 59 e 61).

3.4.1- PROJETO 1: IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PASTORAL DA SAÚDE EM TODAS AS PARÓQUIAS

a. Fundamentação e inspiração:

“O combate à enfermidade tem como finalidade conseguir a harmonia física, psíquica, social e espiritual para o cumprimento da missão recebida. A Pastoral da Saúde é a resposta às grandes interrogações da vida, como o sofrimento e a morte, à luz da morte e ressurreição do Senhor. (...) Deve-se, portanto, estimular nas Igrejas particulares a Pastoral da Saúde que inclua diferentes campos de atenção.” (Documento de Aparecida, 2007, n. 418 e 421, p. 187-188).

b. O quê? (objetivo)

- Implantar onde não existe e implementar onde já existe a Pastoral da Saúde a partir das seguintes dimensões: solidária (cuidados com os doentes), educativo-comunitária (prevenção das doenças) e político-institucional (presença nos órgãos públicos de saúde: conselhos municipais, postos, hospitais, secretarias de saúde).

c. Por quê? (justificativas)

- Porque a saúde é área prioritária para que todos tenham uma vida melhor;
- Porque é uma área de extrema sensibilidade das pessoas, ou seja, todos os que estão doentes sentem a necessidade de ajuda e solidariedade;
- Porque as políticas públicas em relação à saúde estão muito aquém das necessidades da população;
- Porque muitas doenças podem ser prevenidas através da educação;
- Porque só um povo consciente e organizado consegue fazer valer seus direitos.

d. Como? (meios, instrumentos)

- Sensibilizar as paróquias para a importância da Pastoral da Saúde, a fim de despertar voluntários para o trabalho;

- Convidar pessoas formadas na área da saúde para fazer parte da equipe, principalmente para ajudar na formação que se refere à prevenção de doenças;
- Promover encontros de formação de agentes em nível arquidiocesano, de região pastoral e paroquial;
- Sensibilizar os Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística para serem membros efetivos da Pastoral da Saúde;
- Promover contato com profissionais da saúde e com cursos de graduação na área da saúde, a fim de realizar parcerias;
- Promover contato com os conselhos municipais de saúde e com os conselhos das unidades básicas de saúde, a fim de realizar parcerias e troca de informações, de fiscalizar e cobrar do poder público que faça tudo o que é direito da população e seu dever.

e. Quando? (calendarização)

- Projeto permanente.

f. Para quem? (destinatários)

- Serviço da Pastoral da Saúde: para todos, especialmente os já doentes e os mais vulneráveis;
- Formação: para as equipes que visitam os doentes, MECE, profissionais da saúde, estudantes de cursos na área da saúde, membros dos conselhos municipais da saúde e dos conselhos das unidades básicas de saúde etc.

g. Quem? (responsáveis)

- Coordenação arquidiocesana e paroquial da Pastoral da Saúde, equipes paroquiais de visitas aos enfermos e coordenação arquidiocesana e paroquial dos MECE.

3.4.2- PROJETO 02 - INTEGRAÇÃO, EM NÍVEL ARQUIDIOCESANO, DAS PASTORAIS, MOVIMENTOS E ORGANISMOS QUE TRABALHAM DIRETAMENTE NA DIMENSÃO SOCIAL DA FÉ (“SETOR DA DIMENSÃO SOCIAL”) ATRAVÉS DA ARAS-CÁRITAS.

a. Fundamentação e inspiração:

“Em meio a um mundo marcado por tantos sinais de morte e inúmeras formas de exclusão, a Igreja, em todos os seus grupos, movimentos e associações, animados por uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral, tem a importante missão de defender, cuidar e promover a vida, em todas as suas expressões (DGAE 2011-2015, 2011, n. 106, p. 82).

b. Objetivo (O quê?)

- Criar uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral, em nível de Arquidiocese, integrando efetivamente as pastorais, movimentos, organismos e associações que trabalham diretamente na dimensão social da fé através da ARAS-Cáritas.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque se percebe que muita coisa é feita, mas de forma isolada e, às vezes, até paralela, sendo necessária uma verdadeira integração a fim de que o trabalho seja conjunto, o que vai torná-lo mais eficaz e fazê-lo atingir mais pessoas;
- Porque juntar esforços economiza recursos humanos e financeiros, que tanto faltam para essa área social;
- Porque, com a integração, o trabalho de uma pastoral, movimento, organismo ou associação, será complementado pelo trabalho dos outros.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Deverão fazer parte: a) as pastorais sociais: da criança, da saúde, da pessoa idosa, da promoção humana, da comunicação e carcerária, com suas entidades; b) o movimento dos vicentinos e entidades assistenciais ou promocionais pertencentes aos movimentos; c) entidades assistenciais e promocionais pertencentes às congregações religiosas ou dirigidas por elas; d) entidades assistenciais ou promocionais pertencentes ou dirigidas por paróquias;
- Cada pastoral, movimento, organismo ou associação escolherá um representante fixo para participar das reuniões periódicas coordenadas pela ARAS-Cáritas, que poderá ser ou não o(a) seu(sua) coordenador(a) arquidiocesano;

- A pauta das reuniões versará sobre a ação social na Arquidiocese;
- Os referidos representantes formarão uma espécie de conselho de ação social que poderá decidir ações conjuntas por consenso ou por decisão da maioria, que serão realizadas por todos depois.

e. Calendarização (Quando?)

- 02/2013: Reunião com todos os coordenadores arquidiocesanos das pastorais, movimentos, organismos e associações ligados à ação social, para apresentação do projeto e decisão sobre a periodicidade das reuniões;
- 03/2013: Reunião com os representantes permanentes das referidas pastorais, movimentos, organismos e associações para composição do conselho e calendarização das reuniões e possíveis ações conjuntas;
- 09/2013: Conferência Arquidiocesana sobre a Dimensão Social;
- 2014 a 2016: continuidade do projeto.

f. Local (Onde?)

- Na sede da ARAS/Cáritas, no Centro de Pastoral da Arquidiocese.

g. Responsável (Quem?)

- ARAS/Cáritas.

3.4.3- PROJETO 03 - PROJETO AMBIENTAL SOBRE O MATERIAL RECICLÁVEL.

a. Fundamentação e inspiração:

“A riqueza natural da América Latina e do Caribe experimenta hoje uma exploração irracional que vai deixando um rastro de dilapidação, inclusive de morte por toda a nossa região. Em todo esse processo, tem enorme responsabilidade o atual modelo econômico, que privilegia o desmedido afã pela riqueza, acima da vida das pessoas e dos povos e do respeito racional pela natureza. (...) Não podemos deixar de mencionar os problemas que uma industrialização selvagem e descontrolada causa em nossas cidades e no campo, e que vai contaminando o ambiente com todo tipo de dejetos orgânicos e químicos. Da mesma forma é preciso alertar a respeito das indústrias extrativas de recursos que, quando procedem de

maneira a controlar e neutralizar seus efeitos danosos sobre o ambiente circundante, produzem a eliminação de florestas, a contaminação da água e transformam as regiões exploradas em imensos desertos.” (Documento de Aparecida, 2007, n. 473, p. 212).

“De modo especial, ressalte-se a importância da vida no planeta, dilapidada, tanto ética quanto ecologicamente, pelo uso ganancioso e irresponsável. Nestes tempos de crescente consciência ecológica, a Igreja no Brasil, em linha de continuidade com o que faz há quatro décadas, realizou em 2011 a Campanha da Fraternidade para alertar que, assim como os filhos e filhas de Deus sofrem desrespeito e ameaças, o planeta inteiro se depara, como nunca, com o risco de degradação talvez irreversível” (DGAE 2011-2015, 2011, n. 70, p. 60). “Educar para a preservação do meio ambiente, através de atitudes que respeitem e evitem a destruição da natureza, tanto no meio urbano quanto no rural. Entre essas atitudes, destaca-se a preservação da água, patrimônio da humanidade, evitando sua privatização. O esforço por maior crescimento econômico deve ser orientado para o desenvolvimento sustentável. Em tudo isso, incentivem-se iniciativas de educação ambiental e solidária, que levem a população a cuidar da água e da vegetação, preservando-as.” (CNBB, 2008, n. 181k, p. 136).

b. Objetivo (O quê?)

- Promover a educação ambiental na fase catequética com crianças e adolescentes, através de uma cartilha, também em versão online, na busca de um maior compromisso com o planeta, conservando-o para as gerações futuras.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque a lógica capitalista faz toda a propaganda no sentido de somente incentivar o consumo, que se torna cada vez mais crescente e esgota os recursos naturais do planeta;
- Porque a lógica de outro mundo possível deve ir na direção de reduzir o consumo, reutilizar tudo o que for possível e reciclar;
- Porque promovendo a educação ambiental das crianças para um modelo de desenvolvimento sustentável, podemos ter esperança de um futuro melhor para o planeta;
- Porque os cristãos, devido a sua fé no Deus Criador, devem ser os primeiros

a dar exemplo de cuidado com a vida no planeta.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Confeccionar uma cartilha para ser trabalhada na catequese com crianças e adolescentes e nos grupos de pós-crisma, tanto na versão impressa quanto online;
- Usar materiais de apoio desenvolvidos pelo Ministério do Meio Ambiente;
- Organizar pontos de coleta nas estruturas da paróquia;
- Promover parcerias com cooperativas de material reciclável para recolhimento do material;
- Organizar eventos, gincanas, exposições etc. a partir da temática do meio ambiente;
- Cobrar das autoridades que realizem o que é de direito.

e. Calendarização (Quando?)

- 2013: Confeção do material, tanto a ser impresso, quanto online;
- 2014: Formação para catequistas e início da execução do projeto.

f. Locais (Onde?)

- Nas turmas de catequese de crianças e adolescentes nas paróquias.

g. Responsáveis (Quem?)

- Confeção da cartilha: ARAS/Cáritas;
- Formação dos catequistas: Coordenação Arquidiocesana e Paroquial da Catequese.

3.4.4- PROJETO 04 - PROJETO DE PREVENÇÃO E COMBATE ÀS DROGAS, QUE CONTEMPLE O ACOMPANHAMENTO DAS FAMÍLIAS, O APOIO FINANCEIRO ÀS CASAS DE RECUPERAÇÃO LIGADAS À IGREJA CATÓLICA E A CRIAÇÃO DE UM ORGANISMO QUE SE RESPONSABILIZE POR ESSA ÁREA, INCLUSIVE OCUPANDO A VAGA DA IGREJA NO CONSELHO MUNICIPAL ANTI-DROGAS.

a. Fundamentação e inspiração:

“O problema da droga é como mancha de óleo que invade tudo. Não

conhece fronteiras, nem geográficas, nem humanas. Ataca igualmente a países ricos e pobres, a crianças, jovens, adultos e idosos, a homens e mulheres. A Igreja não pode permanecer indiferente diante desse flagelo que está destruindo a humanidade, especialmente as novas gerações. Sua tarefa se dirige em três direções: prevenção, acompanhamento e apoio das políticas governamentais para reprimir essa pandemia. Na prevenção, insiste na educação nos valores que devem conduzir as novas gerações, especialmente o valor da vida e do amor, a própria responsabilidade e a dignidade humana dos filhos de Deus. No acompanhamento, a Igreja está ao lado do dependente para ajudá-lo a recuperar sua dignidade e vencer essa enfermidade. No apoio à erradicação da droga, não deixa de denunciar a criminalidade sem nome dos narcotraficantes que comercializam com tantas vidas humanas, tendo como objetivo o lucro e a força em suas mais baixas expressões” (DA 422).

b. Objetivos (O quê?)

- Realizar um trabalho nas paróquias nas 3 direções: prevenção, acompanhamento e apoio de políticas públicas para a repressão do uso e do tráfico;
- No campo da prevenção: educar, em todas as instâncias da Igreja, para os valores da vida e da dignidade humana, do amor, da família, da fé e da própria responsabilidade;
- No campo do acompanhamento: apoiar com recursos humanos e financeiros as comunidades terapêuticas ligadas à Igreja Católica e os movimentos do Cristo e do Amor Exigente, que trabalham diretamente com a questão das drogas;
- No campo do apoio à erradicação: cobrar políticas públicas e investimentos em segurança pública de todos os níveis de governo, principalmente através da participação no Conselho Municipal Anti-Drogas.

c. Justificativas (Por quê?)

- A Igreja não pode permanecer indiferente diante deste flagelo que está destruindo a humanidade, especialmente as novas gerações;
- Porque a religiosidade tem sido indicada pela ciência como fator importante de proteção e recuperação do usuário de drogas;
- Porque os usuários de drogas são uma nova categoria de pobres, são rostos sofrendores de marginalizados que devem doer em nós cristãos.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Criar um organismo que se responsabilize por esta área na Arquidiocese, do qual devem fazer parte os responsáveis pelas comunidades terapêuticas ligadas à Igreja católica, representantes dos movimentos que trabalham diretamente com o problema das drogas, representantes do Conselho de Assuntos Econômicos da Arquidiocese e voluntários convidados.
- Fortalecer as comunidades terapêuticas ligadas à Igreja Católica com ajuda de recursos financeiros das paróquias e acompanhamento da gestão de suas estruturas;
- Indicar representantes da Igreja para os Conselhos Municipais Anti-Drogas e ajudar a criá-los onde não existem;
- Implantação onde não existe e apoio onde já existe de grupos dos Movimentos do Cristo e do Amor Exigente, como também dos grupos de NA, AA, ALANON, Fazenda da Esperança, Conselho de execuções penais e outros.

e. Calendarização (Quando?)

- A partir de 2013.

f. Local (Onde?)

- Nas paróquias e nas comunidades terapêuticas ligadas à Igreja Católica.

g. Responsáveis (Quem?)

- O organismo a ser criado para essa finalidade, como descrito acima.

3.4.5- PROJETO 05 - IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PASTORAL DA PESSOA IDOSA EM TODAS AS PARÓQUIAS.

a. Fundamentação e inspiração:

“A velhice também tem de cumprir o seu papel neste processo de progressiva maturação do ser humano a caminho da eternidade. Os anciãos ajudam a contemplar os acontecimentos terrenos com mais sabedoria, porque as vicissitudes os tornaram mais experimentados e amadurecidos. Eles são guardiões da memória coletiva e, por isso, intérpretes privilegiados daquele conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social. Excluí-los é como rejeitar o passado,

onde penetram as raízes do presente, em nome de uma modernidade sem memória. Os anciãos, graças à sua experiência amadurecida, são capazes de propor aos jovens conselhos e ensinamentos preciosos. Sob esta luz, os aspectos de fragilidade humana, ligados de modo mais visível com a velhice, tornam-se uma chamada à interdependência e à necessária solidariedade que ligam entre si as gerações, visto que cada pessoa está necessitada da outra e se enriquece dos dons e dos carismas de todos” (‘Carta aos Anciãos’, do Papa João Paulo II, de 1º de outubro de 1999).

“Muitos de nossos idosos gastaram a vida pelo bem de sua família e da comunidade, a partir de seu lugar e vocação. Muitos, por seu testemunho e obras, são verdadeiros discípulos missionários de Jesus. Merecem ser reconhecidos como filhos e filhas de Deus, chamados a compartilhar a plenitude do amor e a serem queridos em particular pela cruz de suas doenças, da capacidade diminuída ou da solidão. A família não deve olhar só as dificuldades que traz a convivência com eles ou o ter que atendê-los. A sociedade não pode considerá-los como peso ou carga. É lamentável que em alguns países não haja políticas sociais que se ocupem suficientemente dos idosos já aposentados, pensionistas, enfermos ou abandonados. Portanto, exortamos a criação de políticas sociais justas e solidárias, que atendam a estas necessidades. A Igreja sente-se comprometida a procurar a atenção humana integral a todas as pessoas idosas, também ajudando-as a viver o seguimento de Cristo em sua atual condição, e incorporando-as o quanto possível à missão evangelizadora. Por isso, enquanto agradece o trabalho que já vem realizando religiosas, religiosos e voluntários, a Igreja quer renovar suas estruturas pastorais e preparar ainda mais agentes, a fim de ampliar esse valioso serviço de amor” (Documento de Aparecida, 2007, n. 449-450, p. 202).

b. Objetivos (O quê?)

- Implantar onde não existe e implementar onde já se implantou a Pastoral da Pessoa Idosa em todas as paróquias.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque é necessário promover o desenvolvimento físico, mental, social, espiritual, cognitivo e cultural dos idosos;
- Porque é necessário promover o respeito à dignidade e à cidadania das pessoas idosas, colaborando para a divulgação e implementação do Estatuto do Idoso - Lei nº.10.741, de 1º de outubro de 2003;

- Porque falta convívio das pessoas idosas com as demais gerações, o que lhes estimula uma velhice ativa e uma longevidade digna;
- Porque os idosos, com sua história de vida, experiências, sabedoria adquirida ao longo da vida, são verdadeiros guardiães da memória coletiva;
- Porque ainda existem muitos preconceitos contra as pessoas idosas que precisam ser superados;
- Porque é preciso valorizar a vida até sua fase final, apoiando os programas de cuidados paliativos, que assegurem o caráter espiritual da existência humana.

d. Meios, instrumentos (Como?)

- Para a IMPLANTAÇÃO, serão seguidos esses passos:
 - 1º) Formação de capacitadores pela coordenação arquidiocesana nas regiões pastorais;
 - 2º) Dentre os capacitadores de cada região pastoral, será nomeado um coordenador, que fará parte da equipe da Arquidiocese e ficará responsável de articular a PPI nas paróquias da sua região;
 - 3º) A Paróquia promoverá a sensibilização através das Celebrações, CPP, CPCs etc. para despertar pessoas que se disponham a esse trabalho, sendo que as mesmas deverão participar de uma reunião de esclarecimento coordenada pela equipe arquidiocesana;
 - 4º) Ao término da capacitação, será eleita a coordenação paroquial com suas devidas atribuições. O trabalho de visita domiciliar terá início após Celebração de Envio das/os líderes apresentando-as/os à comunidade.
- Para a IMPLEMENTAÇÃO, a equipe da Região Pastoral dará suporte à coordenação paroquial para fortalecimento, articulação e formação contínua, com a finalidade de aumentar o número de líderes capacitados, que desta forma aumentará o número de idosos visitados.

e. Calendarização (Quando?)

- Fevereiro e março de 2013 – divulgação do projeto nas paróquias;
- Abril e maio de 2013 – formação de capacitadores nas regiões pastorais;
- A partir de junho de 2013 – ação contínua de articulação e capacitação nas paróquias ao longo dos 4 anos de vigência do plano.

f. Local (Onde?)

- O Projeto será iniciado por Região Pastoral se estendendo às paróquias.

g. Responsáveis (Quem?)

- Coordenação Arquidiocesana da Pastoral da Pessoa Idosa.

3.4.6- PROJETO 06 – PROIBIÇÃO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS NAS FESTAS E EVENTOS DA IGREJA.

a. Fundamentação e inspiração:

“Os adolescentes e os jovens, dada a situação em que se encontram, na sociedade de hoje, merecem melhor acolhida e sincero amor nas comunidades eclesiais e maior espaço para a ação. Estão entre os mais expostos aos efeitos da pobreza, vítimas de toda sorte de alienações, que afetam a identidade pessoal e social. São fortemente influenciados por falsas ilusões de felicidade e pelo paraíso enganoso das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência” (DGAE 2008-2010, 2008, n. 122, p. 98). “Carinho especial haverão de receber as famílias marcadas pela violência e outros males em suas mais diversas formas, como o alcoolismo, o machismo, o desemprego e principalmente as drogas, as balas perdidas, os assassinatos e os grupos de extermínio” (Idem, n. 135, p. 105).

b. Objetivos (O quê?)

- Promover conscientização sobre os efeitos, para a evangelização, do uso do álcool nas festas e eventos da Igreja para, aos poucos, ir convencendo as paróquias a tomar a decisão de realizá-los sem o mesmo.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque a Organização Mundial de Saúde (OMS) incluiu o alcoolismo no Código Internacional das Doenças (CID). O álcool é a porta de entrada das demais drogas. A pessoa não se torna dependente de uma hora para outra. A dependência é o efeito da ingestão de bebidas que contenham álcool. Do beber esporádico, passa a beber socialmente, e após, num crescendo, passa a beber em excesso por exigência do organismo humano já dependente;
- Porque neste momento em que a sociedade civil, através de suas instituições públicas e privadas, toma medidas concretas no combate à dependência

do álcool e de outras drogas, nós, cristãos católicos e líderes pastoralistas, somos questionados sobre a nossa participação no tratamento e na prevenção das drogas lícitas e ilícitas;

- Porque é voz corrente que o sucesso de uma festa de Igreja mede-se pelo lucro auferido na venda de bebidas alcoólicas, o que é paradoxal e preocupante. É paradoxal porque em muitas de nossas comunidades de fé, ainda hoje, a sustentação e a manutenção paroquial são feitas através de mecanismos fisiológicos do comer, beber, rifas e bingos, visando o lucro, em detrimento da fé e do dízimo. É preocupante porque o dízimo deve ser visto, não como mais uma fonte de renda, mas, sim, como dom de Deus e instrumento de evangelização comunitária que, pelo seu exercício e vivência da fé cristã, dá-nos, como consequência, os recursos financeiros necessários.
- Porque não devemos buscar o lucro em nossas festas que excluem os pobres, “os sem cartão”, favorecendo o vício do bingo e da bebida alcoólica, como acontece em qualquer comunidade não cristã.
- Porque devemos acolher, também, em nossas festas e eventos as pessoas que estão em tratamento por dependência do álcool;
- Porque, mesmo acompanhados pelos pais, a convivência de crianças e jovens no mesmo espaço de adultos, consumidores de bebida de álcool, é antipedagógica para a educação e inadequada para a formação cristã. É, manifestamente, um contra-testemunho cristão.

d. Instrumentos e meios (Como?)

- 1º Passo: encontro arquidiocesano com os Conselhos de Assuntos Econômicos Paroquiais (CAEs) específico sobre o assunto, com momentos de partilha de experiências das paróquias que já tem feito festas e eventos sem a venda de BEBIDA Alcoólica;
- 2º Passo: colocar o assunto na pauta das reuniões dos CPPs e CAEs em nível paroquial;
- 3º Passo: decisão da paróquia de realizar experiências de festas e eventos sem álcool;
- 4º Passo: encontro arquidiocesano de partilha das experiências e encaminhamento de uma decisão definitiva da arquidiocese sobre o assunto.

e. Calendarização (Quando?)

- Realização dos 4 passos no prazo de 1 ano.

f. Responsáveis (Quem?)

- Arcebispo e Conselhos de Assuntos Econômicos arquidiocesano e paroquiais.

3.4.7- PROJETO 07 - PROJETO DE PARTILHA DE BENS ENTRE AS PARÓQUIAS, A FIM DE AJUDAR AS PARÓQUIAS COM DIFICULDADES.

a. Fundamentação e inspiração:

“Somos Igrejas pobres, mas devemos dar a partir de nossa pobreza e a partir da alegria da nossa fé, e isso sem descarregar sobre alguns poucos enviados o compromisso que é de toda a comunidade cristã. Nossa capacidade de compartilhar nossos dons espirituais, humanos e materiais com outras Igrejas, confirmará a autenticidade da nossa abertura missionária” (Documento de Aparecida, 2007, n. 379, p. 172).

“A efetivação de uma Igreja comunidade de comunidades com espírito missionário manifesta-se também na bela experiência das paróquias-irmãs, dentro e fora da diocese, análoga ao projeto Igrejas-irmãs. Faz-se necessário estimular, sempre mais, com oportunas iniciativas, a partilha e a comunhão dos recursos da Igreja no Brasil, desenvolvendo e ampliando o projeto ‘Igrejas-irmãs’ nas Igrejas Particulares, nos regionais e em âmbito nacional, levando em conta a situação de grave necessidade de pessoal e recursos financeiros nas regiões mais carentes do país” (DGAE 2011-2015, 2011, n. 105, p. 81).

b. Objetivos (O quê?)

- Formar um fundo arquidiocesano de recursos financeiros advindos das paróquias, de modo que aquelas com maior dificuldade sejam ajudadas em suas necessidades básicas.

c. Justificativas (Por quê?)

- Porque devemos nos contrapor ao modelo neoliberal e capitalista vigente, que é excludente e injusto porque segue a dinâmica da concentração da riqueza, do poder e do conhecimento nas mãos de poucos, gerando muitas

desigualdades.

- Porque precisamos globalizar a solidariedade, como já nos dizia o saudoso Papa João Paulo II;
- Porque nossas comunidades vivem situações econômicas muito diversas; umas com mais e outras com menos condições financeiras. Somente um pacto de solidariedade será capaz de minimizar essa situação de desigualdade, possibilitando a construção de novos espaços sagrados para o culto e ou a aquisição de novas áreas. E isso só será possível a partir do momento que ampliarmos nossa visão para além do nosso mundinho, muitas vezes fechado e egoísta.

d Meios, instrumentos (Como?)

- Cada paróquia deve contribuir mensalmente com 1% do dízimo para esse fundo, que será recolhido pela Cúria junto com as demais contribuições e despesas;
- As paróquias necessitadas devem apresentar seus pedidos, desde que aprovados pelo Conselho Paroquial de Pastoral; os mesmos serão analisados pelo Conselho Arquidiocesano de Assuntos Econômicos, que decidirá sobre a aprovação e a quantia;
- A paróquia que receber os recursos deverá prestar contas sistematicamente ao Conselho Arquidiocesano de Assuntos Econômicos, que aprovará ou não conforme os critérios comuns seguidos pela gestão contábil; a prestação de contas deverá ser feita também a todas as paróquias que contribuírem com o fundo.

e. Calendarização (Quando?)

- A partir de abril de 2013.

f. Destinatários (Para quem?)

- Contribuição com o fundo: todas as paróquias;
- Recebimento: as paróquias que solicitarem ajuda e tiverem seus projetos aprovados.

g. Responsáveis (Quem?)

- Conselho Arquidiocesano de Assuntos Econômicos.

CONCLUSÃO

Sabemos o quanto é difícil colocar em prática na totalidade um Plano como este. Sabemos que o ritmo de cada paróquia é diferente, como também as diversas realidades. Porém, sabemos que um Plano é um rumo, uma diretriz, e aponta caminhos seguros, uma vez que é fruto de diversas assembleias. Espera-se de todos, no mínimo, que tentem, que se esforcem, que busquem segui-lo. É evidente que ele não é uma proposta fechada e que quer engessar a vida da paróquia. Há todos os espaços abertos para as adaptações, criatividade e iniciativas.

Nossa mística está fundamentada no mandato de Jesus: “Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). O que Jesus nos pede é o que queremos fazer com todo o amor e dedicação. Fazemos por Ele, tentando corresponder, pelo menos um pouco, a tudo o que Ele fez e continua fazendo por nós. Vamos abraçar nossa missão com fé e coragem.

Nosso 23º Plano de Ação Evangelizadora é fruto de várias assembleias, e todas elas estiveram reunidas em nome da Trindade. E temos a certeza de que onde 2 ou mais estiverem reunidos em seu nome, Ela estará no meio deles (cf. Mt 18,20). Portanto, este Plano é fruto da presença de Deus no meio de nós. Assim, esperamos que a vida de comunhão da Santíssima Trindade nos inspire a fazermos do nosso 23º Plano um forte instrumento de comunhão na nossa querida Arquidiocese de Maringá.

